

MIRIAN CAZAROTTI PACHECO

**O DISCURSO NARRATIVO NAS
AFASIAS**

***THE NARRATIVE DISCOURSE IN
APHASIAS***

CAMPINAS, 2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

MIRIAN CAZAROTTI PACHECO

O DISCURSO NARRATIVO NAS AFASIAS

**Orientadora/Supervisor: Profa. Dra Rosana do
Carmo Novaes Pinto**

THE NARRATIVE DISCOURSE IN APHASIAS

Tese de Doutorado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do título de Doutora em
Linguística.

*Doctoral thesis presented to the Institute
of Language Studies at State University
of Campinas in pursuit of Ph.D. grade in
Linguistics.*

CAMPINAS, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C318d Cazarotti-Pacheco, Mirian, 1969-
O discurso narrativo nas afasias / Mirian Cazarotti
Pacheco. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Rosana do Carmo Novaes Pinto.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Análise do discurso narrativo. 3.
Neurolinguística. 4. Fonoaudiologia. I. Novaes-Pinto,
Rosana do Carmo, 1961-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The narrative discourse in aphasias.

Palavras-chave em inglês:

Aphasia

Narrative Discourse analysis

Neurolinguistics

Speech therapy

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Rosana do Carmo Novaes Pinto [Orientador]

Valdemir Miotello

Evani Andreatta Amaral Camargo

Ivone Panhoca

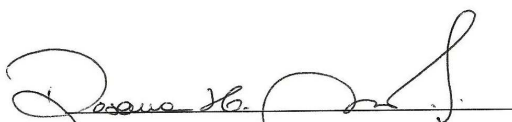
Maria Inês Bacellar Monteiro

Data da defesa: 22-05-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

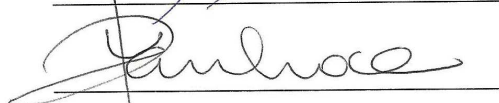
Rosana do Carmo Novaes Pinto



Evani Andreatta Amaral Camargo



Ivone Panhoca



Maria Inês Bacellar Monteiro



Valdemir Miotello



Ester Mirian Scarpa



Elenir Fedosse



Giselle Aparecida de Athayde Massi



IEL/UNICAMP
2012

Minha profunda gratidão

A toda minha amada família, pelo amor incondicional, inspiração, confiança, força e compreensão.

À minha irmã e amiga de todas as horas, Rosana.

Aos meus pais e ao Pedro, pelo exemplo de honestidade, preocupação e respeito para com o outro.

A todos os antigos e novos amigos. que tive a bênção de conhecer em minha jornada.

À minha orientadora, Profa. Rosana, pela paciência, comprometimento, exemplo de ética, respeito, humildade e prazer com a docência.

Também aos demais “mestres” que instigaram e me instigam na busca e partilha de novos conhecimentos, no aprimoramento profissional e pessoal – professores, colegas do GELEP e do CCA, participantes da banca, à Evani A. A. Camargo (companheira desde o Mestrado, sempre acolhedora e atenciosa) e, com carinho especial, à enorme contribuição dos sujeitos com afasia.

Ao CNPq, pelo auxílio a esta pesquisa.

ORAÇÃO DO AMOR

Senhor! Ilumine meus olhos para que eu veja os defeitos da minha alma e vendo-os, que eu não comente os defeitos alheios.

Leve de mim a tristeza e não entregue a mais ninguém.

Enche meu coração com a divina fé, para sempre louvar o Seu nome.

Arranque de mim o orgulho e a presunção.

Faça de mim um ser humano realmente justo e bom.

Dê-me a esperança de vencer todas as minhas ilusões.

Plante em meu coração a semente do Amor e ajude-me a fazer feliz o maior número de pessoas possível, para ampliar seus dias risonhos e resumir suas noites tristonhas.

Transforme meus rivais em companheiros, meus companheiros em amigos e meus amigos em Entes Queridos.

Não permita que eu seja um cordeiro perante os fortes, nem um leão perante os mais fracos.

Dê-me, Senhor, o sabor de perdoar tudo e todos.

Afaste de mim o desejo de vingança, mantendo sempre em meu coração somente o AMOR.

(autor anônimo)

RESUMO

Esta tese tem como principal objetivo apresentar e discutir o discurso narrativo oral – que se revelou como aquele que mais resiste nas afasias – como (i) um espaço privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos tanto no nível do sistema linguístico – para avaliar, por exemplo, as dificuldades de combinação e seleção de elementos (fonético-fonológicos, sintáticos e semântico-lexicais) – como aspectos pragmáticos e discursivos; (ii) um contexto no qual se pode observar e analisar as soluções criativas encontradas pelos afásicos para driblar suas dificuldades e (iii) um espaço para o trabalho de reorganização linguístico/cognitiva no acompanhamento terapêutico. A narrativa, dessa forma, pode ser compreendida também como uma metodologia que possibilita eliciar dados singulares, uma vez que são produzidos em situações efetivas de uso da linguagem. Para o desenvolvimento do trabalho, foram selecionados onze episódios narrativos, produzidos dialogicamente entre sujeitos afásicos e não-afásicos em sessões coletivas e individuais do Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), vídeo-gravados e posteriormente transcritos e analisados segundo metodologia qualitativa, de cunho indiciário (cf. GINZBURG, 1986/1989). Todos os sujeitos afásicos que participaram desta pesquisa produziram narrativas, mesmo aqueles com afasias consideradas graves do ponto de vista da produção. Buscamos analisar os elementos constitutivos de cada episódio narrativo considerando-se as categorias postuladas por Labov & Waletzky (1967) e mobilizando também conceitos bakhtinianos para explicitar os processos que os afásicos percorrem para se aproximar de seu querer-dizer (como *enunciado*, *acabamento*, *conclusibilidade* etc), assim como questões relativas à ética que deve orientar os processos terapêuticos. As práticas sociais de linguagem, em situações de uso efetivo, possibilitam que o afásico exerça seu papel de sujeito ativo nos círculos sociais dos quais faz parte, mesmo nos casos considerados “graves”. O trabalho orientado pelas teorias enunciativo-discursivas privilegia os sujeitos e não a sua patologia; dão *vez* e *voz* aos afásicos, demanda que o seu interlocutor se constitua verdadeiramente como “parceiro da comunicação verbal” (cf. BAKHTIN, 1979/2010), que se coloque disponível para a escuta (cf. PONZIO, 2010).

ABSTRACT

The main goal of this thesis is to present and discuss the narrative discourse – which was found to be the most resistant in aphasia – as (i) a privileged locus for the analysis of its impact on language, either on the linguistic system (to evaluate, for instance, the difficulties of selection and combination of linguistic elements – phonetic/phonological, syntactic and lexical-semantic), as well as concerning pragmatic and discursive aspects; (ii) as a context in which one can observe and analyze the creative solutions found by the aphasics in order to face their difficulties; (iii) as a locus for the linguistic/cognitive reorganization during the therapeutic follow-up. Narrative discourse, this way, may be understood as a methodology which makes it possible to elicit singular data, once they are produced in effective use of language. To develop the work, eleven narrative episodes were selected, which were produced dialogically between aphasic and non-aphasic subjects during individual sessions and group meetings of Group III of Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Data were video-recorded, afterwards transcribed and analyzed according to qualitative methodology, of evidentiary nature (cf. GINZBURG, 1986/1989). All the aphasic subjects who participated in this research produced narratives, even those that can be considered to have severe aphasia, from the perspective of production. We sought to analyze the constitutive elements of each narrative episode, taking into consideration the categories postulated by Labov & Waletzky (1967) and also mobilizing bakhtinian concepts to explicit the paths which aphasics follow in order to approach their speech-will, as well as questions concerning the ethics that must guide the therapeutic processes. The social practices, in situations of effective use of language, make it possible to the aphasics to play the role of active subjects in the social circles they participate, even in severe cases. The work guided by enunciative-discursive theories privileges the subjects, not pathologies; it gives voice to the aphasics (and restitutes them their turn); it demands that the interlocutor of the aphasic becomes truly the partner of the verbal communication (cf. BAKHTIN, 1979/2010); it demands that he (the partner) puts himself available to listen to the aphasic (cf. PONZIO, 2010).

SUMÁRIO

Prefácio	01
Introdução.....	05
Capítulo 1: Sobre as Narrativas	09
1.1. Introdução	09
1.2. O desenvolvimento das narrativas orais.....	10
1.3. Breve histórico da teorização sobre as narrativas	15
1.4. Definições e características das narrativas	17
1.4.1. A estrutura e a função da narrativa, segundo Labov e seus seguidores	18
1.5. Reflexões sobre a narrativa a partir dos pressupostos bakhtinianos	22
1.6. A narrativa como método de pesquisa	24
1.7. Estudo das narrativas em contextos patológicos com sujeitos adultos	27
Capítulo 2: Aspectos Metodológicos da Pesquisa	33
2.1. Introdução	33
2.2. Pesquisas <i>qualitativas</i> em Ciências Humanas	33
2.2.1. Paradigma Indiciário	37
2.3. O CCA como <i>locus</i> da pesquisa	39
2.4. A narrativa como texto resultante da pesquisa	40
2.5. Notas sobre a transcrição	41
Capítulo 3: Os Afásicos e suas Narrativas	43
3.1. Sobre Linguagem e afasia	43
3.1.1. Introdução	43
3.1.2. A perspectiva da Neurolinguística enunciativo-discursiva	44
3.1.3. Considerações sobre a noção de fluência no estudo das afasias	47
3.1.4. Seleção versus combinação: o modelo de Jakobson	49
3.2. Subjetividade e afasia	51
3.3. Conhecendo os sujeitos da pesquisa	56

3.3.1. Episódio 1 (sujeito CS)	61
3.3.2. Episódio 2 (sujeito OJ)	63
3.3.3. Episódio 3 (sujeito CS)	65
3.4. As narrativas como dados singulares	68
3.4.1. Episódio 4 (sujeitos JM e SR)	68
3.4.2. Episódio 5 (sujeitos JM, MG e SR)	80
3.4.3. Episódio 6 (sujeito MA)	89
3.4.4. Episódio 7 (sujeito MA)	95
3.4.5. Episódio 8 (sujeitos TN e MG)	99
3.4.6. Episódio 9 (sujeitos GS e JM)	101
3.4.7. Episódio 10 (sujeito AN)	111
3.4.8. Episódio 11 (sujeito AJ)	123
3.5. Algumas inferências sobre as afasias a partir da análise das narrativas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

O DISCURSO NARRATIVO NAS AFASIAS

Prefácio

O interesse especial pelo estudo da narrativa acompanha-me já há algum tempo e, por isso, considero pertinente começar meu trabalho “narrando” uma breve história do percurso que me trouxe até aqui, que se iniciou por volta de 2004, durante a realização de minha pesquisa de Mestrado intitulada: “Um Estudo da Narrativa de Crianças com Atraso Global de Desenvolvimento”¹. Um dos fatores de incentivo para a realização daquela pesquisa foi minha experiência profissional prévia, pois já havia trabalhado durante dez anos como fonoaudióloga no Programa de Reabilitação Infantil em uma instituição de cunho filantrópico, cuja missão é a de “promover a qualidade de vida das pessoas com necessidades especiais, desenvolvendo suas potencialidades”. A instituição atendia, na época, a 420 sujeitos com deficiência mental e/ou física e oferecia atendimento nos programas de habilitação, reabilitação e desenvolvimento educacional.

O foco principal do trabalho era a linguagem, que se apresentava de modo singular em cada caso. Muitas questões surgiam a cada diagnóstico e programação terapêutica, como o fato de que crianças supostamente com a mesma patologia que iniciaram atendimento multidisciplinar ainda bebês (muitas vezes com a mesma fonoaudióloga) evoluíam de modo diferente. Não era apenas a extensão da lesão neurológica ou o grau de comprometimento que definiam a evolução, pois também aí encontrávamos muitas diferenças. Às vezes, minhas colegas² e eu nos surpreendíamos com casos considerados mais “graves”, que tinham um prognóstico clínico desfavorável, mas que apresentavam felizmente evolução muito além do esperado nos relatos da literatura da área, mesmo quando comparados a outros considerados mais “leves”.

¹ O Mestrado foi desenvolvido na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNIMEP, sob o protocolo de número 67/02 e defendida em 15 de setembro de 2006.

² Tive a sorte de trabalhar com algumas colegas de profissão, dentre os quais cito Elisabete Pelizzon, Rosemary Ortiz e Viviane Degan, que estavam sempre dispostas a avaliar e a refletir sobre nosso trabalho e a buscar novos conhecimentos, pois não encontrávamos respostas apenas com nossa formação acadêmica.

Somente durante a realização do Mestrado fui apresentada às teorias de linguagem de cunho histórico-cultural e de orientação enunciativo-discursiva e percebi que minhas reflexões e conduta profissional já eram compatíveis e coerentes com essa linha, que concebe a linguagem como atividade constitutiva do sujeito e da própria língua (FRANCHI, 1977/1992).

Minha preocupação consistia em compreender o processo de aquisição de linguagem das crianças com as quais trabalhava e, com este objetivo, optei pelo estudo das suas narrativas, influenciada pelos muitos trabalhos que haviam sido realizados na área de desenvolvimento da linguagem, dentre os quais destaco os de Perroni (1992) e de Camargo (1994).

Analisei, mais especificamente, as narrativas de crianças que apresentam o que é tradicionalmente chamado de “Atraso Global de Desenvolvimento”³. Essa terminologia é utilizada na literatura para descrever quadros de desenvolvimento bastante heterogêneos, que nem sempre possuem um diagnóstico etiológico definido⁴. Considero o termo extremamente genérico, pois não esclarece o perfil e nem as singularidades linguístico/cognitivas de cada uma dessas crianças. Com relação ao diagnóstico, é ainda mais grave o fato de que este determina o prognóstico e direciona a terapia, desconsiderando a heterogeneidade que é constitutiva do normal.

A literatura relativa ao desenvolvimento da linguagem em crianças com tal diagnóstico, em geral, destaca *processos peculiares*, que diferem do desenvolvimento “normal”. Por meio do estudo da aquisição do discurso narrativo, busquei compreender se de fato há peculiaridades ou se as crianças apenas levam um tempo maior para desenvolver as diferentes etapas para o domínio desse gênero.

Os dados revelaram que, embora o desenvolvimento da narrativa pelos meus sujeitos se encontrasse cronologicamente em atraso, eles utilizavam as mesmas estratégias de crianças sem comprometimentos. Os gestos aparecem em seus enunciados reiterando, substituindo ou complementando a fala e vale destacar que sua frequência de ocorrência foi maior diante do comprometimento linguístico mais acentuado. O papel do interlocutor torna-se essencial para o desenvolvimento da narrativa, pois é ele quem

³ A utilização deste e de outros termos está relacionada à necessidade de se classificar uma “doença”. Segundo Porter (1993, p. 366), “a nomeação de doenças envolve classificação, promove o prognóstico e indica a terapia. Como diz o velho ditado, uma doença nomeada é uma doença quase curada”. A vantagem em se adotar uma terminologia, segundo o autor, é a de possibilitar trocas linguísticas por profissionais envolvidos com a questão. Os itens semiológicos serviriam apenas como moedas linguísticas, isto é, como rótulos para falar sobre os diferentes fenômenos observados nas patologias.

⁴ Os sete sujeitos que fizeram parte da minha pesquisa apresentavam como diagnósticos: Síndrome de Down (5), Paralisia Cerebral (1) e diagnóstico etiológico não definido (1).

vai atribuindo sentido a cada gesto ou palavra durante as atividades dialógicas. Ficou evidente, ao longo do percurso da pesquisa, que análises linguísticas mais refinadas podem contribuir muito para uma melhor compreensão das alterações de linguagem e dos processos de aquisição de crianças diagnosticadas com atrasos de desenvolvimento.

Na ocasião de minha defesa de Mestrado, a Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, que mais tarde veio a ser minha orientadora no Doutorado, desafiou-me a refletir sobre as narrativas de sujeitos afásicos, já que este discurso geralmente é o mais presente em sua linguagem, independentemente do tipo e da severidade de sua afasia. Considerei que seria uma grande oportunidade, já que minha experiência com afásicos era restrita e, de certa forma, frustrante. Desde a graduação em Fonoaudiologia, percebi que a formação teórico-clínica nesse campo concentrava-se mais no diagnóstico – nos sinais e sintomas da patologia. Pouco se discutia sobre a variação entre os casos e sobre a conduta terapêutica. Hoje compreendo que muitas teorias que fundamentam a prática fonoaudiológica são redutoras, com relação à natureza do fenômeno, assim como os procedimentos metodológicos, o que dificulta visualizar um caminho terapêutico que realmente traga benefícios para esses sujeitos. Devido a essas dificuldades, muitos colegas de profissão desistem deste campo de atuação. A ênfase que se dá à comunicação pela linguagem verbal acaba por limitar o próprio processo terapêutico.

Logo, não poderia deixar passar essa oportunidade de conhecer, na prática, o que havia aprendido com a teoria sobre a abordagem de orientação enunciativo-discursiva, no atendimento de sujeitos com afasia. Matriculei-me como aluna especial na disciplina de Neurolinguística I no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na UNICAMP e, posteriormente, submeti meu projeto de pesquisa de Doutorado, que hoje se apresenta na forma de tese.

Também iniciei minha participação nas atividades desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), a qual superou minhas expectativas. O trabalho com o grupo (que será delineado em momento posterior), constituído por sujeitos afásicos e não-afásicos, pauta-se pelos mesmos princípios que orientam a pesquisa e o ensino na área de Neurolinguística enunciativo-discursiva, valorizando as interações dialógicas como *lócus* para se observar os impactos das afasias nos diferentes níveis de organização da linguagem, privilegiando os aspectos pragmáticos e discursivos, e permitindo também compreender os processos alternativos de significação que os sujeitos desenvolvem buscando se aproximar de seu *querer-dizer*.

Nesses processos, as narrativas têm sempre um lugar de destaque. Por meio das histórias contadas (e são de fato contadas pelos sujeitos, apesar das afasias!), enriquecemos nossos conhecimentos, seja pelas histórias de vida ou pelos relatos de notícias sobre o Brasil e o mundo que são compartilhados em nossos encontros semanais. As tristezas e fragilidades que nos acompanham – e que estão ainda mais presentes para aqueles que tiveram suas vidas impactadas pela afasia, principalmente logo após o evento neurológico – também são compartilhadas. Quando um sujeito com afasia consola e dá forças para um outro integrante, dando seu depoimento (cada um a seu modo) sobre suas conquistas frente aos limites impostos pela doença, vemos o resultado do trabalho desenvolvido no CCA. É realmente emocionante e surpreendente ver como o grupo é unido e como importa a todos a história de cada um.

Ao contrário do que se poderia supor, o ambiente de convivência do CCA não é absolutamente triste ou deprimente, pois os momentos de risos são muito mais frequentes (apesar de ser de conhecimento público que a Profa. Rosana, coordenadora do nosso grupo, é carinhosamente considerada uma “manteiga derretida”, por se emocionar também nos momentos de alegria); saio de cada sessão revigorada!

A participação no atendimento fonoaudiológico individual com esses sujeitos – atuando diretamente e também supervisionando as estagiárias do curso de graduação em Fonoaudiologia – ampliou minha experiência profissional e pessoal.

Não posso deixar de acrescentar, com relação aos participantes não-afásicos, o espaço profícuo que se estabelece com o encontro de pesquisadores, estagiários, enfim, de sujeitos de diferentes áreas do saber – Fonoaudiologia, Linguística, Letras – cujo objetivo é partilhar dúvidas, questionamentos, reflexões e experiências para melhor desenvolver nosso trabalho e, assim, possibilitar mais qualidade de vida aos afásicos.

Finalizo esta história considerando-a já com um final feliz, devido à prazerosa caminhada que me proporcionou, embora extenuante e desafiadora e, especialmente, pelas tantas amizades preciosas conquistadas.

Introdução

[...] minhas histórias não são apenas histórias de doenças, de medo da doença ou gratidão por não tê-las. Elas são histórias de luta e de negociação. Às vezes, de sobrevivência e, outras, de transcendência. Acho que a idéia de lutar com uma doença ou viver com ela ou até de modo estranho dar-lhe um uso criativo ou achar uma vantagem não é de modo nenhum perverso. Eu acho que isso tudo pode ser tranquilizador. Eu penso em muitos de meus pacientes como heróis, não como coitados, mas como guerreiros, heróis. E Luria sempre faz o mesmo. (SACKS, 1997, p. 10).

Na literatura tradicional sobre as afasias é muito raro encontrar reflexões sobre a produção narrativa dos sujeitos, visto que grande parte dos trabalhos objetiva tão somente a descrição estrutural e a classificação dos “sintomas” e das “síndromes”. Quando há alguma referência a respeito, muitas vezes se limita a tratar de questões relativas à *fluência*, um conceito complexo do ponto de vista do funcionamento da linguagem, que retomaremos mais adiante.

Algumas questões podem ser levantadas com relação à produção de narrativas no campo das afasias, além daquelas de cunho mais teórico. Dentre elas, podemos inicialmente destacar: Quem interage com os sujeitos afásicos? Quem se interessa por suas narrativas? Vale ressaltar que, ainda hoje, temos depoimentos de familiares que ouviram de alguns médicos que “não adianta falar com ele/ela (o afásico) porque não vai conseguir mais se comunicar ou compreender”. Afirmações como esta destituem o afásico de seu papel social nos círculos em que participa. Os sujeitos passam a não ter mais vez nem voz. No trabalho que desenvolvemos no CCA, procuramos ficar atentos à dinâmica do ambiente em que eles estão inseridos para compreendermos, por exemplo, porque muitas vezes se queixam de que ninguém mais conversa com eles.

Dados obtidos em situações dialógicas com sujeitos afásicos permitem afirmar que um dos discursos que mais resistem nas afasias é o narrativo, embora certamente variem, conforme o grau de severidade dos casos (CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES-PINTO, 2010, 2011).

Esta tese objetiva, portanto, apresentar e discutir o discurso narrativo oral como (i) um espaço privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos tanto no nível do sistema linguístico – para avaliar, por exemplo, as

dificuldades de combinação e seleção de elementos (fonético-fonológicos, sintáticos e semântico-lexicais) – como aspectos pragmáticos e discursivos; (ii) um contexto no qual se pode observar e analisar as soluções criativas encontradas pelos afásicos para driblar suas dificuldades e (iii) um espaço para o trabalho de reorganização linguístico/cognitiva no acompanhamento terapêutico.

A narrativa, dessa forma, pode ser compreendida também como uma metodologia que possibilita eliciar dados singulares, uma vez que são produzidos em situações efetivas de uso da linguagem.

Para desenvolver nossas reflexões, dividimos este estudo em três capítulos, distribuídos da seguinte forma:

No **Capítulo 1** – *Sobre as Narrativas* – apresentaremos aspectos relativos às narrativas como atividade humana complexa. Julgamos relevante, nesse sentido, trazer também dados sobre a história do surgimento/desenvolvimento das narrativas, bem como questões relativas à concepção de narrativa à luz de conceitos bakhtinianos.

O **Capítulo 2** – *Aspectos Metodológicos da Pesquisa* – busca descrever o espaço de convivência no qual se desenvolveram as narrativas que serão analisadas no Capítulo 3, bem como nossa opção pela abordagem metodológica indiciária, de cunho qualitativo.

No **Capítulo 3** – *Sobre as Narrativas nas Afasias* – apresentamos os 10 sujeitos que participaram da pesquisa e suas narrativas – com um total de onze episódios construídos dialogicamente entre afásicos e não-afásicos nas sessões do CCA e em sessões de atendimento fonoaudiológico individual. Consideramos importante apresentar primeiramente, ainda que de modo bastante sucinto, questões relativas à concepção de linguagem e relativas às afasias, no campo dos estudos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. As análises procuram resgatar os conceitos apresentados nos capítulos anteriores, apontando para as principais dificuldades dos sujeitos, mas também para os modos como (re)organizam seus enunciados e as estratégias que utilizam para tal. Acreditamos que estudos realizados a partir da abordagem discursiva podem trazer contribuições essenciais para o ambiente terapêutico fonoaudiológico, pois entendemos que o planejamento do acompanhamento de sujeitos afásicos (ou de qualquer sujeito que apresente comprometimento linguístico) deve estar baseado tanto na compreensão do funcionamento linguístico/cognitivo, como também ser orientado por princípios éticos, visando melhorias na qualidade de vida dos

sujeitos com os quais trabalhamos. É com essas questões que fecharemos a tese, nas *Considerações Finais*.

CAPÍTULO 1

Sobre as Narrativas

Vindas do espaço sideral, do Outro Mundo, como diziam os celtas, do tempo dos sonhos, como acreditavam os aborígenes, do inconsciente coletivo, como afirma a teoria jungiana, as histórias nos cercam, formando um tecido diáfano, transparente, imperceptível ao olhar desatento, mas extremamente poderoso, um fio condutor no labirinto das nossas vidas (PRIETO, 1999, p.45).

1.1. Introdução

O ato de narrar sempre foi considerado como uma das atividades linguísticas e culturais mais relevantes na história da humanidade. Barthes (1973 apud HANKE, 2005) afirma que a narrativa começa com nossa própria história humana; ela é encontrada em todos os lugares, tempos e sociedades. Todos os grupos humanos têm suas narrativas, as quais são apreciadas mesmo em culturas diversas. Muito do que sabemos sobre as antigas sociedades – suas crenças, valores e organização – se deve às narrativas feitas por indivíduos que se valeram de diversos sistemas semióticos, mesmo antes da invenção da escrita (tal como a conhecemos hoje) para registrar informações e transmiti-las às gerações sucessivas⁵.

O reconhecimento do papel da narrativa se revela, hoje, nas muitas teorias que visam descrever sua estrutura, suas condições de produção, a função dos narradores e suas motivações para narrar, bem como seus efeitos sociais. Ultimamente, nota-se um aumento expressivo no interesse pelas narrativas nos campos da educação e da clínica.

Neste capítulo buscaremos trazer para a nossa reflexão aspectos relativos às narrativas como atividade humana, apresentando e discutindo algumas das questões que julgamos relevantes sobre a história do seu surgimento e desenvolvimento, bem como as teorias que visam compreender sua estrutura e funções.

⁵ Barcia Gomes (2000) define os contadores de histórias do mundo antigo como “guardiões da palavra-emoção”. Inicialmente, no mundo árabe, esses guardiões eram homens e profissionais, mas com o tempo as atividades passaram a ser ocupadas por amadores e por mulheres, que por sua vez contavam as histórias para outras mulheres e para as crianças

1.2. O desenvolvimento das narrativas orais

Não se pode precisar na história do desenvolvimento da humanidade quando as atividades narrativas tiveram início. Entretanto, existem algumas suposições a esse respeito.

Prieto (1999), em sua obra *As primeiras narrativas orais*, faz referência a alguns autores que se debruçaram sobre esse tema como, por exemplo, Ítalo Calvino⁶, que considerou que o primeiro contador de histórias seria de uma tribo pré-histórica⁷. Sua hipótese é a de que naquela época os homens já trocavam sons articulados com o objetivo de comunicar-se sobre as necessidades práticas do cotidiano. Afirma que “o contador de histórias começou a proferir palavras não porque pensasse que ouviria respostas, mas para testar até que ponto essas palavras se encaixavam e faziam sentido” (PRIETO, 1999, p. 38). Os temas diziam respeito aos animais ou aos antepassados. Teriam surgido, assim, as narrações de construções simples, com correspondências básicas como: a terra e o céu, a água e o fogo, animais que voam e animais que rastejam etc. É evidente que temos que considerar o contexto em que Calvino escreveu sobre essas hipóteses. Não poderíamos esperar que ele tivesse uma semiologia linguística para discutir esses conceitos e relações.

Apresentamos, abaixo, um exemplo de pintura rupestre, na qual se observa a representação de um evento, isto é, onde se pode reconhecer claramente uma cena de caráter narrativo.

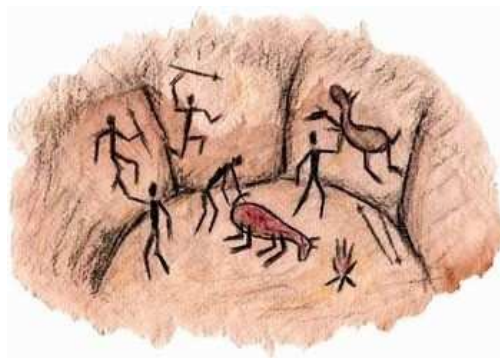


Fig. 1: Pintura Rupestre; Fonte: portaldoprofessor.mec.gov.br

⁶ Ítalo Calvino (1923-1985): romancista e contista italiano.

⁷ Prieto não oferece, no seu texto, referências temporais mais específicas.

Outro autor citado por Prieto (1999) é Lévi-Strauss⁸, que estudou as narrativas orais por meio de processos de combinatória matemática, motivado pela observação de que as estruturas foram ganhando através dos séculos inúmeras combinatórias. Suas teorias contribuíram de maneira fundamental para a compreensão das estruturas das narrativas, bem como dos povos que as produziram, pois, segundo Lévi-Strauss, elas se apresentam como “impressões digitais”, como a identidade de uma determinada cultura.

Reconhecemos, assim como Prieto (1999), que ainda hoje, quando um professor reúne seus alunos num círculo e narra uma história, ele está ocupando o mesmo lugar ancestral do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental; enfim, o lugar do “porta-voz” da ancestralidade e da sabedoria. Ele vale-se nesse momento da arte da memória. Retornaremos a esta questão sobre a relação entre a atividade de narrar e a organização/resgate da memória em momento posterior, pois, como veremos, o discurso narrativo é predominante em nossas atividades no Centro de Convivência de Afásicos (CCA).

Segundo Ginzburg (1983, 1989), o surgimento das primeiras narrativas teria se dado numa sociedade de caçadores, já que o homem foi caçador por milênios e isso fez com que ele aprendesse a decifrar as pistas deixadas por suas presas, a reconstituir suas formas e movimentos por meio das pegadas na lama, dos ramos quebrados, dos tufo de pelos, dos odores estagnados. O homem interpretava o conjunto desses sinais (pistas)⁹ para precisar fatores como o espaço de tempo, a distância e o tipo de animal e transmitia esses conhecimentos a outras gerações. Os caçadores, portanto, teriam sido o primeiro grupo a “narrar uma história”¹⁰.

O autor ressalta que, mesmo fora do âmbito dos mitos e das hipóteses, na história documentada surpreendemo-nos com as analogias entre a hipótese dos caçadores¹¹ e o modelo descrito nos textos divinatórios mesopotâmicos, a partir do ano 3000 a.C. Os dois modelos pressupõem o exame minucioso de uma realidade, mesmo

⁸ Claude Lévi Strauss (1908-2009): antropólogo, professor e filósofo francês.

⁹ Não podemos deixar de mencionar que Ginzburg, baseando-se nesse modelo de análise a partir de pistas, propôs o *paradigma indiciário* que será tematizado no capítulo *Aspectos Metodológicos da Pesquisa*.

¹⁰ Segundo Ginzburg, “[...] a linguagem de deciframento de rastros encontra-se baseada em figuras de linguagem – a parte pelo todo, a causa pelo efeito – relacionando-se com o pólo narrativo da metonímia (como definida em um conhecido ensaio de Jakobson, em Jakobson e Halle 1956:55-87) e excluindo, de modo estrito, o pólo alternativo da metáfora” (1983, p. 100).

¹¹ Um exemplo interessante a esse respeito é dado por Ginzburg (1983), quando propõe que parece haver uma conexão sob a forma de “mito etiológico”, que é formulada pela tradição chinesa, sobre a invenção da escrita. Segundo o mito, um alto funcionário a criou após observar as pegadas de um pássaro imprimidas na areia (CAZADE & THOMAS, 1977 apud GINZBURG, 1983).

que seja ínfima, para desvendar as pistas dos eventos que o observador não pode experienciar diretamente. No paradigma dos caçadores os indícios são pegadas, esterco, penas, pelos; no paradigma dos adivinhos são as vísceras de animais, estrelas etc¹². A diferença maior entre eles encontra-se no fato de que a adivinhação voltava-se ao futuro e a decifração dos caçadores (narrativa) apontava para o passado, mesmo que recente. Segundo Ginzburg, “[...] a atitude cognoscitiva era, nos dois casos, muito parecida; as operações intelectuais envolvidas – análises, comparações, classificações –, formalmente idênticas. É certo que apenas formalmente: o contexto social era totalmente diferente” (GINZBURG, 1986/1989, p. 153).

Veremos, a partir de agora, como Benjamin¹³ (1985/1994) pensa a questão da narrativa que, num determinado momento, considerou e declarou como “morta”. O autor refere-se à “morte da narrativa” quando esta deixou de ser principalmente oral e abandonou sua função moral. O primeiro e verdadeiro narrador, segundo Benjamin, foi e continua sendo aquele dos contos de fadas, considerado o primeiro “conselheiro” das crianças. Ele conclui que a sabedoria, que seria o lado épico da verdade, está em extinção, motivo pelo qual a arte de narrar estaria definhando. Para Benjamin, a natureza da narrativa tem em si uma dimensão utilitária, mesmo que às vezes esteja latente, podendo aparecer sob a forma de um ensinamento moral, de uma sugestão prática, de um provérbio ou de uma norma de vida. Segundo ele, “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” e “[...] o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (1985/1994, p. 200). Benjamin parte de um ponto de vista diferente dos autores mencionados acima, pois sua discussão não diz respeito ao surgimento da língua(gem), mas sobre o papel da narrativa ao longo da história do homem. Para o autor, a fonte a que todo narrador recorre é a experiência que passa de pessoa a pessoa. Desse modo, os representantes arcaicos do narrador seriam o camponês sedentário, que é o homem que conhece suas histórias e tradições, e o marinheiro comerciante que, como diz o povo “é quem viaja e tem muito que contar” (p. 199). No entanto, o autor esclarece que:

A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos

¹² Ginzburg ressalta que, “por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa” (1986/1989, p. 154).

¹³ Walter Benjamin (1892-1940): ensaísta, crítico literário, filósofo judeu alemão.

arcaicos. [...] Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1985/1994, p. 199).

O autor afirma que o romance, que tem seus primórdios na Antiguidade, seria o responsável pela “morte” da narrativa. Após centenas de anos, com o florescimento do romance junto à burguesia ascendente, a narrativa passa a se tornar arcaica. Isso se deve principalmente ao surgimento da imprensa, um dos instrumentos mais importantes no auge do capitalismo. Destaca-se assim, uma forma de comunicação (a escrita) que embora tenha origem muito antiga, nunca antes tinha influenciado de modo decisivo a forma épica, isto é, a tradição oral. Com a imprensa surge uma nova forma de comunicação – a informação, incompatível com o espírito da narrativa, visto que precisa ser plausível e, portanto, não aceita o saber vindo de terras estranhas ou da tradição que, segundo seu ponto de vista, é o cerne da narrativa. Quem ouve (ou lê) a narrativa tem a liberdade de interpretar a história como quiser, fato que a torna única a cada vez. Benjamin acredita que a informação ou o relatório tem como propósito transmitir “o puro em si” da coisa narrada; a narrativa, de modo diferente, “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Assim é que se imprime a marca do narrador, ainda nas poéticas palavras do autor: “como a mão do oleiro na argila do vaso” (1985/1994, p. 205).

Essas palavras de Benjamin nos remetem à proposição de Labov (1997), quando este especifica que numa narrativa os eventos devem ter feito parte da experiência biográfica do falante, pois, deste modo, eles são avaliados emocional e socialmente e, então, transformados da experiência original. Isso é completamente diferente da simples reprodução de uma observação, sem envolvimento, de um mero espectador.

Verifica-se que os autores têm em comum o fato de respaldar-se na *subjetividade* para marcar a distinção da narrativa de outros relatos, a qual se revela de forma mais explícita na narrativa de experiência pessoal. Esta é uma das questões centrais desta tese – a da subjetividade que se revela por meio das narrativas, mesmo em casos severos de afasia – e será retomada mais adiante.

A degradação da arte de narrar na sociedade capitalista moderna, em suma, parte do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, pois como bem explica Benjamin: “[...] a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. [...] A memória é a mais épica de todas as

faculdades.” (1985/1994, p. 210). Ela é a musa do narrador e acaba por se perder frente à distância entre as gerações, como quando deixamos de dar a devida importância aos relatos de experiência dos idosos, que eram antes privilegiados, impossibilitando, assim, a construção de uma memória comum. Esta, por sua vez, garantia uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e a um tempo partilhados. Ainda havia tempo para narrar e, principalmente, tempo para “escutar”, fato aliado a um universo de prática, de linguagem comum, propiciados pelo fluxo narrativo vivo.

Cruz (2007), em seu estudo intitulado *Walter Benjamin – o valor da narração e o papel do justo*, enfatiza que a narrativa oral é fundamental para a formação do sujeito, ela é pautada na rememoração e, portanto, é por meio da “palavra que o passado é resgatado do seu esquecimento e do silêncio. Quem não honra seu passado não tem futuro. Essa é a essência da vida consciente. Vida capaz de articular tempos e lugares, entre o passado e o futuro” (p. 31). Recebemos, deste modo, o direcionamento e a orientação de nosso lugar no mundo. Segundo o autor, a narrativa é trazida pela voz, que exerce uma função importante entre os sujeitos; o que ela transmite existe muito mais de forma espacial do que temporal, pois a linguagem é movimento. “Ela transporta as pessoas que falam e escutam para dentro do campo da correspondência. É nesse ponto que entra a memória com sua função de preservar o que foi narrado. Se a voz é presença, a narração oral é memória” (CRUZ, 2007, p. 32-33).

Para Benjamin, pode-se identificar na tecnologia elaborada e aplicada à sociedade capitalista, fundada na lógica da mercadoria, o caráter destruidor da tradição, dos elementos históricos que fundamentavam qualquer possibilidade de identificação temporal do homem no mundo. Contudo, identifica-se também a possibilidade da tecnologia substituir essa tradição, subvertendo todo o sentido do humano e da sociedade, tanto na perspectiva da destruição desta quanto na possibilidade de sua renovação. Essa possibilidade em aberto é que nos instiga por não apresentar uma solução, mas a possibilidade de assumirmos nossa própria história individual e coletiva de vida, tanto para nossa superação quanto para a destruição. Eis o sentido dual com que Benjamin enfoca a questão da tecnologia em nossa modernidade (PINHEIRO & FERRAZ, 2011).

Após termos apresentado algumas das ideias do autor sobre este tema, apontaremos para outra posição, que concebe o desenvolvimento da narrativa como uma transformação inevitável nos modos e meios de narrar, em consequência da transformação da própria sociedade e da produção cultural escrita.

Ewald (2008) discorda das afirmações de Benjamin a respeito da morte da narrativa e explica que a visão do autor direcionada ao passado estaria pautada na vontade de pureza e idealização, visto que ele vivia em uma época de devastação e desesperança causadas pela guerra. Entendemos, assim como Ewald (2008), que, apesar das narrativas provavelmente não terem um formato e uma função como os propostos por Benjamin, elas existem na troca de experiências e na consequente construção da realidade; no redimensionamento da tradição. Segundo Ewald, podemos vislumbrar um cenário em que romance, escrita e oralidade se encontram imbricados, pois as "narrativas podem se apresentar de diferentes formas, não apenas na oralidade viva, mas sempre remetendo a ela." (2008, p. 3). Concordamos também, com relação à escuta e à conservação da história, que hoje temos uma comunidade que se utiliza dos novos meios de comunicação, que se encontram entre a escrita e a oralidade. O sentido da audição divide atualmente espaço com o da visão, sem esquecer que a narrativa tem também forma na dimensão virtual (no meio audiovisual).

Passamos, a seguir, a apresentar alguns dos aspectos teóricos que têm sido abordados na literatura sobre o tema da produção narrativa.

1.3. Breve histórico da teorização sobre as narrativas

Propomos, neste item, uma breve apresentação do caminho trilhado pelas pesquisas sobre a narrativa, que entrecruzam várias disciplinas, como enfatizam diversos estudos (RIESSMAN, 2002; JOHNSTONE, 2004; HYVÄRINEN, 2006). Bamberg (1997), ao comentar uma série de artigos publicados em 1997 para a comemoração de três décadas da publicação de Labov & Waletzki, afirma que o estudo da narrativa passa a ser cada vez mais interdisciplinar, contando com contribuições de linguistas, psicolinguistas, sociólogos, antropólogos, literatos, pesquisadores na área da educação, dentre outros.

Segundo Riessman (2002), a partir do momento em que os métodos das Ciências Naturais mostraram-se restritivos para o estudo da vida social, em meados da década de 70, o interesse pela narrativa ganhou força, pois permitia melhor compreender a própria história e a humanidade. Nas últimas décadas, o conceito de *narrativa* migrou com sucesso da literatura para novas disciplinas como as ciências sociais, a psicologia, a teologia, o direito e as pesquisas sobre saúde.

No campo da Linguística, inicialmente, a narratologia foi construída sobre os alicerces dos conceitos da teoria de linguagem saussuriana, como apontam Ginsburg¹⁴ & Rimmon-Kenan (1999 apud HYVÄRINEN, 2006). Mantendo a distinção entre *língua* (langue) e *fala* (parole), os estudos pautavam-se nas leis gerais que regiam toda narrativa. Dentre esses estudos de base saussuriana, Johnstone (2004) cita o de Propp (1958) sobre as características universais do folclore, no âmbito da sintaxe formal. Cita ainda os trabalhos de Lévi-Strauss (1955, 1964, 1965) que foram direcionados à semântica formal, pois, como apontamos anteriormente, ele se propôs a estudar as narrativas orais de mitos utilizando-se dos processos de combinatória matemática, focalizando os contrastes semânticos presentes nesses mitos (como, por exemplo, macho x fêmea). A autora explica que, a partir de então, muitos filósofos e teóricos literários franceses desenvolveram seus trabalhos inspirados em Propp e Strauss, como por exemplo, as publicações de Barthes (1966) sobre a análise estrutural da narrativa, bem como os trabalhos de Greimas (1966), de Todorov (1967), e de Genette (1966). Esses estudos, porém, são distintos do modelo de Labov & Waletzki (1967), uma vez que estes deram início ao estudo das narrativas conversacionais, considerando as perspectivas formais e também funcionais da narrativa, objetos de nossa pesquisa.

Oliveira (2006) aponta que a Psicologia também viveu, por volta dos anos 80, essa guinada linguística no estudo das narrativas, quando estas passaram a receber maior atenção. Essas mudanças fizeram migrar o foco das explicações psicológicas do pensamento (interno) para a linguagem (social). Agregam-se nesta época, além das contribuições dos estudos feministas, pós-estruturalistas e do construcionismo social, os desdobramentos teóricos contemporâneos da perspectiva histórico-cultural em Psicologia. Oliveira (2006) afirma que tais desdobramentos tiveram como pilares as ideias originais de Leontiev (s/d), Luria (1987), Vygotsky (2000, 2001, 2002), e Bakhtin (1981, 1988, 1997), dentre outros, cujas elaborações teóricas podem ser consideradas complementares e introduzem diferentes elementos nessa perspectiva. Segundo a autora, o pensamento histórico-cultural em Psicologia toma por base a visão de que o fenômeno psicológico deve ser compreendido em sua gênese, isto é, no processo de sua formação e transformação, na linha do tempo. Como se poderá verificar no transcorrer deste trabalho, respaldamo-nos nas proposições de muitos desses autores para a

¹⁴ Trata-se, neste caso, de Ruth Ginsburg.

construção e desenvolvimento de nossa pesquisa a respeito do discurso narrativo nas afasias.

A partir do que foi até agora exposto, pode-se compreender o motivo de não existir um consenso para se definir o termo *narrativa*, visto que o tema entrecruza diversas áreas do saber. Apresentaremos, a seguir, algumas de suas definições, priorizando aquelas mais diretamente ligadas aos nossos interesses.

1.4. Definições e características da narrativa

Faz parte do senso comum a definição de *narrativa* como uma forma de recapitular eventos e experiências, sejam eles reais ou imaginários. Apesar de assumirmos essa definição básica, sabe-se que não existe um consenso, como já dissemos anteriormente.

Aristóteles concebia a narrativa como uma das formas de linguagem – *schemata* – sendo que as demais seriam o *imperativo*, o *requerimento*, a *pergunta* e a *resposta* (HANKE, 2005). Para Barthes, segundo Hanke (2005), narrar é um jogo linguístico do qual participam também os ouvintes e a construção da narrativa acontece, portanto, de forma colaborativa. Hanke considera que a narrativa verbal constitui-se dialogicamente, no discurso, afirmação com a qual também concordamos. Segundo Nielson (1989), a narrativa parece ser uma forma universal de atividade humana. Podemos considerar que narrar histórias seja uma das formas iniciais de discurso aprendidas já na infância.

Outra definição nos é apresentada por Garcia (2003, p. 258): “toda narrativa consiste numa sequência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo”.

É Bruner (1991) que, a nosso ver, trata de uma das principais funções da narrativa. Segundo o autor, é por meio da narrativa – seja de histórias, mitos, dentre outras, que organizamos nossa experiência e nossa memória. Em outras palavras, *narrar* possibilita a estruturação da experiência humana. Em um sentido mais geral, é possível conceber a *narrativa* como um conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas, transmitidas social e historicamente, as quais são delimitadas pelo nível de domínio individual, por meio da combinação de estratégias sócio-comunicativas e habilidades linguísticas.

1.4.1. A estrutura e a função da narrativa, segundo Labov e seus seguidores

A definição mais frequentemente citada nas pesquisas sobre o tema é baseada na teoria de Labov (1997, expandida de uma proposta anterior de Labov & Waletzky 1967), segundo a qual: “a narrative of personal experience is a report of a sequence of events that have entered into the biography of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the order of the original events” (p. 2). Em ambos os estudos, os autores ressaltam que a alteração da ordem das proposições (*clauses*) pode comprometer a interpretação semântica original.

Os trabalhos de Labov & Waletzky (1967) demonstraram que a narrativa é uma forma privilegiada de discurso e que ocupa um papel central em grande parte das nossas atividades linguísticas. Ela seria, de acordo com os autores, o protótipo ou talvez o único exemplo de um evento de fala perfeitamente formado com início, meio e fim. Entendemos que talvez se trate de um modelo idealizado, pois em situações cotidianas, por vezes, os narradores apenas começam a contar uma história, mudam de tema/tópico no meio do caminho, esquecem o que estavam contando etc. O modelo de análise da narrativa oral proposto pelos autores ainda é referência na literatura sobre o tema. Eles estabeleceram distinções entre as propriedades formais e as propriedades funcionais da narrativa.

As propriedades formais são definidas como estruturas típicas, que encontramos ao nível das proposições (*clauses*) e também na narrativa como um todo. Por meio delas, compreendemos a estrutura interna das narrativas, que dizem respeito ao nível de referência dos acontecimentos – o plano dos eventos.

Já as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador; dizem respeito aos seus interesses e motivos para narrar. Em outras palavras, é preciso que exista um motivo pelo qual se conta uma história, um interesse de ordem pessoal. Segundo os autores, o que caracteriza uma narrativa é a ligação temporal entre pelo menos duas proposições. Sugerem que a estrutura básica da narrativa seja composta pelos seguintes elementos: *resumo*, *orientação*, *ação complicadora*, *avaliação e resultado ou desfecho*, abaixo sintetizados:

- a) O *resumo* ou síntese (*abstract*) fornece uma introdução ou resumo dos fatos da narrativa;
- b) A *orientação* (*orientation*) fornece as referências de pessoa (quem?), lugar (onde?), tempo (quando?) e situação da fala (o quê?);

c) A *ação complicadora* (*evaluation*) ou o *inédito* (situação não esperada) diz respeito ao desenvolvimento da história (o quê aconteceu?).

d) A *avaliação*, em que o narrador informa a carga dramática ou emocional da situação, dos eventos e/ou protagonistas da narrativa.¹⁵

e) O *resultado ou solução* (*result*) aponta a causalidade entre os acontecimentos (qual o desfecho?)

f) A *coda* retoma a narrativa para o tempo atual da situação da narração e, geralmente, pode ser entendida como a “moral da história”.

Um conceito essencial desenvolvido por Labov (1972) e que subjaz a todos os demais é o de *reportabilidade*, por meio da qual o sujeito manifesta de forma privilegiada sua subjetividade, já que escolhe o que para ele é relevante – o fato a ser narrado e o que quer realçar – mostrando, ao longo dos enunciados, sua motivação, opiniões e garantindo seu papel de narrador principal. Portanto, o evento reportável é o menos esperado, o não usual, aquele que prende a atenção dos ouvintes. Para que a narrativa seja aceita como um ato social, segundo o autor, ela deve conter pelo menos *um* evento reportável. Labov (1972) ressalta que além de ser reportável é imprescindível que ela tenha, ao menos, a *ação complicadora*.

A avaliação (item d) é concebida como a *razão de ser* da narrativa, pois é por meio dela que o narrador pode indicar o porquê de uma história ser ou não reportável e, ainda, o motivo pelo qual uma história é contada. Para Labov (1972), a avaliação pode aparecer de várias formas durante um relato: (i) de forma *externa*, quando o narrador faz um comentário e apresenta sua avaliação, um posicionamento moral ou filosófico, momento em que a subjetividade se manifesta mais explicitamente; (ii) de forma *encaixada*, realizada durante o próprio relato por meio de outras marcas linguísticas como entonação, prolongamentos, ênfase e uso do discurso direto; (iii) por meio de uma *ação avaliativa*, em que o narrador descreve a ação dos personagens e não o que disseram, quando também é capaz de encaixar seu comentário inesperado e por último, cita (iv) a *avaliação por suspensão da ação*¹⁶. Segundo o autor, não há necessidade de considerarmos este último tipo, já que o autor refere que a maioria dos procedimentos de avaliação tem como finalidade suspender a ação de narrar para que o narrador possa

¹⁵Em momento posterior, Labov (1972) aprofunda o conceito de *avaliação* e o classifica em diferentes tipos (os quais apresentaremos posteriormente). Deste modo, a avaliação deixa de ser vista como um gesto isolado, realizada num instante específico, podendo se apresentar em diversos momentos durante o desenrolar da narrativa.

¹⁶A tradução diz respeito aos seguintes termos: (i) external evaluation; (ii) internal evaluation; (iii) evaluative action; (iv) evaluation by suspension of the action (LABOV, 1972).

informar a carga dramática ou o clima emocional da situação, eventos e protagonistas. Como já discutimos, o autor distingue a *narrativa* de um simples *relato de um observador*, pois quando o evento faz parte da biografia do sujeito (falante), esse evento é primeiro avaliado emocionalmente e socialmente e assim transforma-se a partir da experiência original.

Os trabalhos labovianos apontam que tanto nas conversas espontâneas como nas entrevistas encontramos com bastante frequência narrativas monológicas¹⁷ que dominam a atenção da audiência (público). Labov (1997) explicita que isso o impele a iniciar um estudo pelas questões que tratam dos aspectos narrativos da organização temporal e da avaliação (focalizados em Labov & Waletzky, 1967) e ir além, focalizando também as questões que envolvem reportabilidade, credibilidade, objetividade, causalidade e a responsabilidade (atribuição de elogio ou de culpa). Com relação a esta pesquisa, são as questões que envolvem a avaliação e a reportabilidade que mais contribuem para as análises e discussões dos nossos dados.

O autor ainda afirma que as narrativas são constantemente fragmentadas – por argumentos, por exemplo – o que demanda uma abordagem diferenciada.

Inspirado nos estudos deste autor, Hanke (2005) também aponta que, geralmente, a narrativa tem um caráter argumentativo, pois como ato linguístico, ela é construída segundo os parâmetros da situação, dos parceiros nos processos interativos, da rede temática/argumentativa, dentre outros, e, ainda, pelo modo como o narrador percebe tais parâmetros. Desta forma, “a estrutura interna da narrativa está conectada ao discurso como um todo” (HANKE, 2005, p. 121). Ele ressalta que não é fácil caracterizar uma narrativa cotidiana a partir de seus elementos constituintes, pois esta nem sempre contém todos os elementos postulados por Labov (como o próprio autor apontou). Porém, quando focalizamos sua natureza dialógica – inserida num discurso – a narrativa pode ser identificada mais facilmente.

Hanke (2005) acrescenta que existe certo pacto entre os interlocutores para que uma narrativa se desenvolva. Inicialmente, o narrador precisa saber se os interlocutores estão interessados e dispostos a ouvi-la. Assim, ele deve sinalizar o que deseja contar e fazer uma espécie de “pedido de permissão”. Por sua vez, os interlocutores, ao aceitarem, têm também certas obrigações, como mostrar interesse, não interromper (embora isso ocorra frequentemente e faça parte da construção dialógica), rir no

¹⁷ Ressaltamos que, para Bakhtin, até mesmo os monólogos são dialógicos, pois pressupõem um interlocutor, mesmo que virtual.

momento certo ou reagir adequadamente. Já as obrigações do narrador também incluem terminar a narrativa adequadamente, esclarecer partes que precisem de mais informações etc. Quando a narrativa chega ao fim, tal pacto sobre as obrigações é anulado e se reinstauram as regras do discurso não-narrativo. É necessário, então, sinalizar que a narrativa chegou ao fim. “Uma vez identificadas através das marcações de início e fim, as narrativas podem ser isoladas como partes de um discurso e, assim segmentadas, terem a sua estrutura analisada” (HANKE, 2005, p. 119).

Acrescentemos a isso a proposição de Genette (apud BARTHES *et al*, 1973), segundo a qual a narrativa também agrega em sua constituição a *descrição*. O autor justifica que toda narrativa apresenta representações de ações e acontecimentos, o que seria a narração em si, e representações de objetos e personagens, que correspondem a descrições. Ele salienta que não pode existir narração sem descrição; porém, pode haver descrição sem a narração.

Para narrar, nos valem as funções múltiplas da linguagem que incluem narração, argumentação e descrição, as quais são desenvolvidas de forma simultânea em nosso discurso. Para isso, devemos tomar como base a manutenção dos sentidos do que se quer narrar, o contexto da interlocução – quem são meus interlocutores, o que sei sobre eles, de que modo mantereis sua atenção e interesse etc. Necessitamos ainda (re)organizar nossa linguagem e “memórias” dos eventos¹⁸.

Outro estudo, que exemplifica a influência laboviana, é o de Spinillo (1996), o qual propõe que na estrutura da narrativa se identifique os seguintes componentes: a) a *introdução*, em que estão presentes as convenções típicas que marcam o início da história, além das informações sobre o local e tempo do acontecimento dos eventos, bem como sobre os protagonistas, isto é, os personagens da história; b) os *eventos*, em que a trama se desenvolve, incluindo a sua *resolução* – o *epílogo* – que contém as explicações e a moral da história; c) o *fechamento*, que de modo semelhante à introdução deve conter marcadores que convencionam o final da narrativa. Segundo a autora, para narrar uma história – real ou imaginária – ou uma experiência pessoal, é preciso ter o conhecimento sobre o conteúdo, uma representação e memorização sobre eventos e temas, além do conhecimento contextual, que está ligado às noções que o narrador possa ter sobre as funções de uma narrativa em um determinado contexto e,

¹⁸ Quantas vezes iniciamos nossa narrativa (ou o fazemos em pensamento), com os seguintes enunciados: “me deixa ver por onde começo a contar essa história...; ou ainda: “deixa ver se me lembro...”.

por fim, ter conhecimentos macro e microlinguístico. Consideramos possível relacionar esses aspectos e os aspectos do conhecimento textual ao conceito bakhtiniano de *gênero do discurso*, que delinearemos a seguir, pois, para falar (e, portanto, para narrar) escolhemos dentre as formas relativamente estáveis de discurso, o gênero adequado ao nosso propósito, em uma determinada situação interlocutiva.

Concordamos com a afirmação de Spinillo (1996) de que a narrativa é uma atividade complexa, pois o ato de narrar põe em ação aspectos de natureza social, cognitiva e linguística.

1.5. Reflexões sobre a narrativa a partir dos pressupostos bakhtinianos

Como apontamos em momento anterior, a narrativa revela-se como um dos discursos que mais resistem nas afasias, embora certamente exista uma variação com relação ao grau de severidade dos casos. Essa foi uma das razões, dentre outras, que nos motivaram a escolher o discurso narrativo; por tratar-se de um espaço privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos.

Não pretendemos aqui fazer uma análise exaustiva da concepção de *gêneros do discurso*. Optamos por apresentar a concepção bakhtiniana, pois ela é compatível com os princípios teórico-metodológicos da abordagem neurolinguística enunciativo-discursiva, cujo interesse central é o de avaliar e compreender processos de significação, patológicos ou não, presentes na linguagem dos sujeitos com afasias e por privilegiarem o sujeito e a linguagem em funcionamento. Segundo o autor:

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência. [...] Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas. [...] Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna. (BAKHTIN, 1979/2010b, p. 282; grifos do autor).

Bakhtin (1979/2010b) postula que assimilamos a composição do léxico e da estrutura gramatical da língua materna mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos no momento da comunicação verbal viva, com os indivíduos que nos rodeiam. Os gêneros do discurso introduzem-se, ao mesmo tempo, em nossa experiência e em nossa consciência. Para ele “aprender a falar significa aprender a

construir enunciados” (p. 283), pois falamos por meio de enunciados e não por palavras ou orações isoladas. Deste modo, nossa fala é organizada pelos gêneros discursivos, assim como pelas formas gramaticais (sintáticas).

Como vimos apontando em nossos trabalhos, Bakhtin propõe um equilíbrio entre o valor das organizações lexicais e sintáticas e o fato de que tais unidades e regras são aprendidas na experiência com a própria língua (NOVAES-PINTO, 1999, CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES PINTO, 2010, 2011).

A partir de pressupostos bakhtinianos, Geraldi argumenta que:

Produzir um discurso (ou um texto) exige muito mais do que conhecer as formas relativamente estáveis dos gêneros discursivos: há que se constituir como locutor, assumir o papel de sujeito discursivo, o que impõe necessariamente uma relação com a alteridade, com o outro. E uma relação com o outro não se constroi sem sua participação, sem sua presença, sem que ambos saiam desta relação modificados (GERALDI, 2010, p. 81).

Para Bakhtin (1979/2010b), os gêneros do discurso se caracterizam em: *gênero de discurso primário* (simples), que dizem respeito às conversas sobre temas cotidianos, sociais, estéticos, das conversas íntimo-amistosas, familiares etc e *gênero de discurso secundário* (complexo), próprio do romance, do teatro, das pesquisas científicas, dos gêneros publicitários etc. Estes últimos “surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc” (p. 263). O autor especifica, a respeito do gênero secundário, que nele “não há uma alternância real de sujeitos do discurso” (p. 276). Os gêneros primários, que se constituíram na comunicação discursiva imediata, transformam-se e perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e com os enunciados alheios para a formação do gênero secundário.

Ele destaca que “[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua particularidade constitutiva sem a qual não há e não pode haver enunciado”. E afirma, ainda, que “as várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (p. 305). De acordo com o autor, as experiências comunicativas reais anteriores é que nos permitem selecionar adequadamente o gênero discursivo, considerando as particularidades do interlocutor e da situação interativa vivenciada.

A partir do que foi exposto, poderíamos nos perguntar se a *narrativa* estaria entre os gêneros do discurso primário (ou simples) ou entre os gêneros secundários

(complexos). Ou, ainda, perguntar se haveria formas narrativas que poderiam ser consideradas simples e outras complexas, de acordo com as colocações acima, extraídas de Bakhtin. De acordo com Miotello (2011)¹⁹, parece não ser adequado classificar qualquer tipo de enunciado de forma estanque – ou isto ou aquilo, já que em Bakhtin, “*tudo é em relação a*”.

Miotello (1996) explicita que o movimento composicional do discurso narrativo só acontece no momento real da interlocução, quando o narrador, frente ao seu interlocutor, escolhe não apenas o conteúdo da história, mas também as formas, os usos da língua (as formas sintáticas e semânticas, os conteúdos de cada termo), as escolhas possíveis naquela realidade. Em suas palavras:

É nesse estar defronte, interlocutando, trocando visões de mundo, distribuindo graciosamente pingos de sabedoria, misturando moral aos fatos corriqueiros, avalizando cotidianidades com experiências passadas, apontando escatologias a partir dos eventos imemoriáveis [...] que a narrativa vai sendo composta, não pelo narrador apenas, mas por ele em relação de troca, dialética, com seu interlocutor [...] (MIOTELLO, 1996, p. 132).

Assim como o autor, entendemos que tudo em Bakhtin é *em relação*. Portanto, isso não seria diferente com o discurso narrativo. Não é possível considerarmos, *a priori*, uma narrativa (ou qualquer outro gênero) como simples ou complexo, primário ou secundário, ainda mais quando nos referimos àquelas construídas dialogicamente, no contexto das afasias.

1.6. A narrativa como método de pesquisa

Dedicaremos esse item a uma breve reflexão sobre o papel da narrativa como *método* de investigação, visto que esse é um dos objetivos a que nos propusemos nesta pesquisa.

Gostaríamos de lembrar que o próprio Labov, em seus trabalhos, se utilizava da narrativa como um método para eliciar dados para as pesquisas que realizou em sociolinguística. Com o objetivo de fazer com que seus informantes falassem o mais naturalmente possível, em seus dialetos, na presença de equipamentos de gravação – que eram enormes na sua época – ele solicitava, por exemplo, que contassem sobre

¹⁹ Em conversa informal com minha orientadora, a propósito do tema desta tese.

algun evento em que tivessem corrido risco de vida, para que se envolvessem de tal forma com a narrativa que, aos poucos, se esquecessem de que estavam sendo gravados.

Segundo Galvão (2005), a narrativa como método constitui-se ao mesmo tempo em uma forma *rica, exhaustiva e difícil* de investigação. *Rica* ao considerarmos a experiência humana que advém das interações estabelecidas entre todos os sujeitos envolvidos, *exhaustiva* pelas estratégias e aprofundamento necessários durante a coleta, transcrição e análise dos dados e, por fim, *difícil* devido à conjugação essencialmente coerente entre os elementos passíveis de análise.

Riessman (1993, p. 70) afirma que: “qualquer abordagem metodológica é, por natureza, incompleta, parcial e historicamente contingente. É preciso uma diversidade de representações. A análise narrativa é uma abordagem, não é uma panacéia, aplicável numas situações e não noutras”.

Os trabalhos desenvolvidos no CCA (Centro de Convivência de Afásicos), abrigados pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias), têm como objetivo compreender as alterações na linguagem nas patologias com ênfase nas afasias e, para isso, têm privilegiado o uso do gênero narrativo como *método* para provocar a emergência dos enunciados, além de se constituir como um lugar de (re)organização dos processos linguístico-cognitivos (BEILKE & NOVAES-PINTO, 2010; CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES-PINTO, 2010).

Segundo Cassab (2003), a história oral, enquanto metodologia, vem conhecendo um avanço considerável em muitos países e principalmente no Brasil, nas últimas décadas. Isso ocorre, provavelmente, devido à possibilidade de se registrar dados orais, processo que teve início com o uso do gravador, bem como pelo interesse sobre o estudo de um fenômeno no tempo presente (contrapondo-se à predominância, até então, do estudo diacrônico). Segundo o autor, essa metodologia de pesquisa (história oral) ocupa-se em conhecer e também em aprofundar conhecimentos a respeito de determinada realidade que envolve os padrões culturais – como as estruturas sociais e processos históricos – obtidos por meio de relatos orais. Quando os sujeitos focalizam suas lembranças pessoais e ponderam tais fatos pela importância que ocupam em suas vidas, conseguem ainda construir uma visão mais concreta da dinâmica e funcionamento do grupo social do qual fazem parte, além das várias etapas da trajetória desse grupo.

Concordamos com o autor a respeito de que tal metodologia permite ao pesquisador romper a clausura acadêmica que concebe a situação da *entrevista* apenas

como um suporte documental na pesquisa social e histórica, já que esta é capaz de desvelar a riqueza presente no depoimento oral, não apenas como fonte informativa, mas essencialmente como instrumento para compreendermos de modo amplo e global o significado da ação humana.

A partir dessas considerações, compreendemos a razão que leva os pesquisadores, principalmente nas áreas das ciências sociais e da educação, a se dedicarem ao estudo das narrativas. A *investigação narrativa* pode consistir de análises de biografias, autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias, memórias populares e acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto. Portanto, a narrativa aparece sempre associada a um caráter social explicativo característico de alguma época ou de algo pessoal.

Gostaríamos de destacar que Oliver Sacks, neurologista britânico de nossa contemporaneidade, também se utiliza da narrativa (oral e escrita) como método para abordar seus pacientes e também para relatar as suas reflexões teóricas. Ele busca, por meio da narrativa oral de seus pacientes e de pessoas do seu convívio, compreender melhor os sinais e impactos das patologias neurológicas e principalmente as “saídas” criativas que tais sujeitos empreendem ao conviver com a doença neurológica.

Câmara, a esse respeito, diz que:

Por trás das narrativas de Oliver Sacks, não há somente um escritor de best-sellers, mas um neurologista que aposta na narrativa como construção e descoberta da ciência, dos sujeitos e de si mesmo e que, ao escrevê-la, propõe não apenas divulgar a neurologia, mas também (tentar) desestabilizar alguns de seus clichês (2011, p. 6).

A autora esclarece que Sacks, em suas narrativas, além de contar a história de seus pacientes permite, por meio de descrições, reflexões e diálogos, que o leitor construa seu conhecimento tanto sobre a neurologia, como sobre doenças neurológicas e a manifestação destas doenças. Ele descreve os pacientes e suas vidas de modo bastante detalhado, e vai muito além do que se refere à doença e seus sintomas, fala sobre a vida do paciente antes e depois do acometimento neurológico, sobre seus sentimentos, sua vida em família e, principalmente, sobre suas estratégias para criar novas possibilidades de vida apesar da doença.

Para as pesquisas que, como a nossa, são desenvolvidas na abordagem da Neurolinguística de orientação discursiva, a narrativa também está sempre presente. Essa abordagem teve como uma das inspirações os trabalhos de Lordat que, na metade

do século XIX, já utilizava a narrativa como método de avaliação de sujeitos com afasia (COUDRY, 1986/1988).

Sampaio (2008) explicita que os trabalhos desenvolvidos no CCA constituem-se nos eventos comunicativos (narrativos) com o objetivo de permitir aos participantes – sujeitos afásicos e não afásicos – compartilhar com todos a memória e a vida de cada um. Assim, os sujeitos podem (re)tomar e trabalhar os usos da linguagem, exercitar sua capacidade pragmática de reconhecer seus interlocutores e suas propostas discursivas, além de trabalhar as possibilidades de inserção em situações e eventos comunicativos diversos.

Portanto, privilegiamos o estudo da linguagem em funcionamento e consideramos a narrativa em todos os seus aspectos.

Antes de passarmos às questões relativas às narrativas nas afasias (Cap. 3), apresentaremos algumas considerações sobre estudos envolvendo sujeitos adultos em contextos patológicos.

1.7. Estudo de narrativas em contextos patológicos com sujeitos adultos

Diferenças só são percebidas nas familiaridades compartilhadas; desigualdades são recusas de partilha (GERALDI, 2010, p. 114).

Tendo considerado, até este momento, questões mais gerais acerca da natureza e da concepção de narrativa, passaremos a tratar mais especificamente da sua produção em sujeitos adultos que apresentam comprometimentos linguísticos e/ou cognitivos. Seleccionamos três perspectivas diferentes de abordagem da produção narrativa no contexto patológico, que ilustram a relação entre aspectos teóricos e metodológicos nas pesquisas.

Samara (2005, p. xiii) teve como objetivo de seu estudo “investigar a habilidade discursivo-narrativa e seus correlatos neuropsicológicos em pacientes com DA (Doença de Alzheimer) e com a variante frontal da DFT (Demência Fronto-Temporal)”. Apesar de se propor a buscar um enfoque tanto *quantitativo* como *qualitativo* nessa pesquisa, a autora não apresenta em seu trabalho os dados relativos aos enunciados efetivamente produzidos nas “atividades de geração de histórias”. Todos os resultados foram quantificados e apresentados em tabelas numéricas/estatísticas. Deve-se registrar também que a geração de histórias deu-se a partir de dois instrumentos: i) a tentativa de

relato do conteúdo de uma figura muito conhecida na literatura neuropsicológica – a do *Roubo dos Biscoitos*, que compõe a Bateria de Boston²⁰, que tem por objetivo avaliar a *fluência verbal*, pela contagem do número de palavras produzidas pelos sujeitos e ii) pela análise de uma sequência de quadrinhos que compõe a *história do vaqueiro*, para avaliar a percepção de eventos temporais.

Esse é um dos exemplos que reforçam a nossa crítica de que nos estudos envolvendo a análise da narrativa de adultos (o que é verdadeiro também para a maioria dos trabalhos sobre a narrativa de crianças), prevalece a influência de teorias que privilegiam os aspectos estruturais na análise do funcionamento linguístico e não os enunciados produzidos no relato de experiências reais. A análise quantitativa corrobora o pretensão status científico que as Ciências Naturais demandam. Retomaremos essa questão mais adiante.

De modo distinto, Artuzo & Panhoca (2009) desenvolveram um estudo comparativo a partir de narrativas orais de histórias de vida de sujeitos com Doença de Alzheimer (DA) com o objetivo de analisar, de modo quantitativo e qualitativo, como ocorrem as mudanças no “rumo da trama” e quais as implicações no discurso narrativo desses sujeitos e, conseqüentemente, nas interações sociais. A partir deste trabalho, concluíram que a ocorrência dos pontos de estrangulamento (*plot points*) foi maior na elaboração da narrativa dos sujeitos com a Doença de Alzheimer, quando comparada ao grupo controle, composto de sujeitos sem comprometimento linguístico ou neurocognitivo. Os *plot points* frequentes prejudicaram o desenrolar da trama, isto é, a sua linha de organização, que não se deu de modo coerente, o que comprometeu a sequência da narrativa dos sujeitos com a DA. Essa situação apresentou-se com maior frequência no *meio* da narrativa, visto que neste ponto sua elaboração torna-se mais complexa, pois é esse o momento em que “surtem fatos, situações e conflitos que exigem a ocorrência de transformações, expressas em situações e episódios que deveriam manter-se encadeados” (p.2). Isso conduz a narrativa a pontos de tensão que são resultantes dos vários conflitos vividos pelas personagens²¹.

O elevado número de pontos de estrangulamento, apresentados por meio de discurso digressivo, circunlóquios e ocorrências de estereotipias, levou à dificuldade de

²⁰ Os autores do teste (GOODGLASS & KAPLAN, 1995) consideram que essa seja uma forma de avaliar a produção de linguagem *espontânea* de sujeitos afásicos.

²¹ Artuzo & Panhoca (2009) não tratam das categorias labovianas em suas análises. Entretanto, podemos correlacionar o que elas dizem ser a ocorrência de transformações na sequência da narrativa com o elemento da “ação complicadora” laboviana.

compreensão por parte do ouvinte/interlocutor. Por outro lado, o estudo apontou que esses mesmos aspectos podem integrar o conjunto de sinais sugestivos da Doença de Alzheimer e, por sua vez, contribuir para estabelecer diagnósticos precoces, pois, quando adequadamente avaliada, a linguagem pode revelar indícios da instalação da doença, antes mesmo de outras atividades revelarem-se comprometidas²².

Por fim, citamos um estudo qualitativo de alterações de linguagem na Demência de Alzheimer realizado por Beilke (2009), sintetizado no artigo de Beilke e Novaes-Pinto (2010), intitulado “A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das ‘memórias’ por meio de práticas dialógicas”. De acordo com os autores, a narrativa é um espaço privilegiado para o estudo dos impactos das lesões cerebrais e das demências, na linguagem e na memória dos sujeitos. Neste estudo, linguagem e memória são compreendidas como atividades sócio-histórico-culturais. Um dos episódios dialógicos analisados, que reproduziremos abaixo (BEILKE, 2009; BEILKE & NOVAES-PINTO, 2010), é singular para esclarecer a relação entre linguagem e memória e como estas se organizam em episódios dialógicos mediados por interlocutores atentos (referidos como *qualificados* pelos autores).

Turno	Sigla	Enunciado	Observações / Gestos
1.	Ihb	Quantos anos a senhora está nessa casa?	
2.	AC	Ah faz...faz quantos anos?	Sorri, olha para a irmã.
3.	AC	Assim, definitivamente, definitivamente, faz o quê? Uns seis meses...	
4.	Iac	[uns quinze anos ...	
5.	Iac	Não AC, desde que o Antônio morreu, você, você saiu de lá e veio pra cá.	
6.	AC	[meu marido morreu...	
7.	AC	Daí vim pra cá, ainda tem a casa em Sorocaba, e eu ficava lá...	Estão em Sorocaba.
8.	Iac	Você lembra o que aconteceu com o Antonio? Que ele morreu?	
9.	AC	Antonio... aconteceu que... ele gostava de dirigir com a direção quase aqui * então um dia, numa baixada ** assim deu um sapetão e deu um negócio assim no...no pescoço. E ficou doente e precisou fazer uma operação e logo ele morreu...	* Aponta para a altura do peito. * * Faz gesto indicativo.

²² Essas questões foram também desenvolvidas por Damasceno (2000) e Nogushi (1998) e apontam na mesma direção: episódios interativos, discursivos, se constituem como lócus para a avaliação de sinais da DA, uma vez que alterações pragmáticas/discursivas podem indicar um comprometimento linguístico-cognitivo antes mesmo do aparecimento de outros sinais mais evidentes, como alterações de memória.

10.	IAC	Mas escute, e você não tava junto?	
11.	AC	Não, ele tava sozinho.	
12.	Iac	Mas escute, veja sua mão, * a mão direita aí **.	AC olha para sua mão. Olha novamente.
13.	Iac	Tem uma cicatriz aí, o que aconteceu?	
14.	AC	Ah, esse aqui foi um acidente.	
15.	Iac	Então como foi esse acidente?	
16.	AC	Deixa ver se lembro agora, eu não lembro agora mais, eu sei que depois ele começou ir com o carro pra lá e pra cá, pra lá e pra cá * e daí nós pulamos lá, ** com o carro tudo, o carro virou assim e eu fiquei com a mão para baixo, e ele morreu na hora	* Gesto indicativo com as mãos. ** AC sorri.

Os autores relatam que o processo dialógico foi fundamental para que o sujeito AC pudesse resgatar as memórias (no sentido de *lembranças*), de um evento ocorrido no seu passado. Como vemos no início do episódio dialógico, AC, ao ser indagada a respeito de seu marido (turno 8) diz que ele sofreu um acidente, ficou doente, precisou fazer uma operação e faleceu logo depois. Porém, sua irmã (Iac) que sabia do que realmente aconteceu, fornece uma pista, chamando a atenção de AC para a cicatriz em sua mão.

Foi o enunciado da irmã “tem uma cicatriz aí, o que aconteceu?”, no turno 13, que faz com que a lembrança do acidente “volte” com mais detalhes e de forma mais clara, o que pode ser evidenciado no último enunciado de AC, no turno 16, que ela inicia dizendo: “Deixa ver se lembro agora, eu não lembro agora mais, eu sei que depois ele (...)”, e por fim, ela relata que na verdade o marido morreu no momento do acidente.

Beilke & Novaes-Pinto (2010) concluem que “portanto, Iac, de certa forma, estabelece a relação entre um ‘signo’ (não-verbal: a própria cicatriz e verbal: ao enunciar *cicatriz*) e aquilo a que ele remete – não só o referente (a própria cicatriz), mas toda a rede de significação associada a esse signo (a memória do acidente e todos os seus detalhes)” (p. 7).

O dado mostra evidências do papel reorganizador da linguagem nas “memórias” e ainda do papel dos interlocutores “qualificados”²³ nos processos dialógicos. A análise qualitativa, portanto, foi adequada e suficiente para se compreender não só as

²³ Nas palavras dos autores: “Com esse termo (interlocutores qualificados), não nos referimos apenas aos profissionais da área da saúde que foram preparados para acompanhar terapeuticamente esses sujeitos, mas a qualquer interlocutor que os auxilie na construção dos sentidos, buscando junto com eles desenvolver recursos alternativos para atingir o seu *intuito discursivo* [...]” (BEILKE & NOVAES PINTO, 2010, p. 565-566).

alterações, mas também aquilo que ainda está preservado – tanto da linguagem, como da memória – em AC. A construção narrativa, assim como veremos na análise referente aos dados de afasias, se dá dialogicamente.

CAPÍTULO 2

Aspectos Metodológicos da Pesquisa

2.1. Introdução

A pesquisa aqui proposta foi constituída em várias fases – quanto aos seus aspectos metodológicos – que incluíram a participação em sessões individuais e coletivas do Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos (CCA)²⁴, que consideramos como o espaço de trabalho com os sujeitos afásicos e espaço para a pesquisa da área de Neurolinguística. É das interações dialógicas que ali ocorrem (sempre gravadas em vídeo) que são recortados os dados que subsidiam as reflexões sobre as afasias.

Após selecionar os dados que nos interessam mais especificamente nesta pesquisa, procedemos à sua transcrição e posterior análise, segundo metodologia qualitativa, orientados em todos os passos pelas teorias enunciativo-discursivas de linguagem em consonância com o paradigma de cunho indiciário.

O objetivo deste (breve) capítulo é o de explicitar esses passos, bem como alguns conceitos concernentes às questões metodológicas que também guiam as análises.

2.2. Pesquisas *qualitativas* em Ciências Humanas

Vigotski (1984/2003), principal representante da vertente sócio-histórico-cultural (referida também como sócio-cultural ou histórico-cultural), afirma que o objetivo das pesquisas em Ciências Humanas deve ser o de se analisar *processos* e não *produtos*. Para tanto, os pesquisadores devem se basear numa análise explicativa e não apenas descritiva de um fenômeno, que revele as relações dinâmicas ou causais *reais*, em contraponto à simples enumeração de características externas de um processo.

Partindo de pressupostos vigotskianos, Freitas (2010) argumenta que adotar uma metodologia qualitativa é a única opção coerente para as pesquisas de cunho sócio-

²⁴ Desde março de 2007 tenho participado semanalmente as reuniões do Grupo III do CCA, coordenado pela Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto.

culturais acerca dos fenômenos pelos quais as Ciências Humanas se interessam, quer seja na Educação, Antropologia, Filosofia ou na Linguística, dentre outras. A pesquisa qualitativa tem como intuito compreender os significados construídos e compartilhados por sujeitos que se relacionam socialmente, ou seja, entender *como* as coisas acontecem, ao contrário de apenas constatar que *acontecem*. Sendo assim, não poderia ser pautada pelo critério da objetividade, como acontece nas Ciências Naturais²⁵, nas quais o pesquisador estuda um objeto *silencioso* do mundo e depois fala sobre ele. O objeto de estudo nas Ciências Humanas é o *homem* e, assim, o investigador necessita travar uma relação dialógica com ele, não podendo se limitar apenas a contemplá-lo.

A autora ressalta que, apesar de alguns estudos reconhecerem-se como filiados à abordagem sócio-cultural, entram em contradição ao realizar e apresentar análises quantitativas de seus dados, com a justificativa de dar aos mesmos um status científico. Na verdade, é primordial que exista coerência entre o método que escolhemos para desenvolver nossas pesquisas e os princípios teóricos que as guiam. Freitas (2010) conclui que a pesquisa qualitativa apresenta-se, portanto, como uma maneira diversa de se produzir conhecimento no campo das Ciências Humanas, cujo foco é o fenômeno em seu contexto real e esta é uma razão consideravelmente forte para fazê-la ser respeitada como ciência.

Novaes-Pinto (2012a, 2012b)²⁶ cita que, para Damico *et al* (1999), as pesquisas qualitativas constituem-se como um “feixe de práticas sistemáticas e interpretativas”, por meio das quais respondemos a questões que se interessam por *processos* – em consonância com as proposições de Vigotski e de Freitas – para descobrir *como* as ações e as experiências sociais são criadas e mantidas. Trata-se de um paradigma complexo, com uma história longa e bem estabelecida, que vem sendo desenvolvido pela Sociologia e Antropologia desde as primeiras décadas do século XX, com o objetivo de estudar as culturas, sociedades e díades interacionais.

Existe um leque extenso de procedimentos de investigação que se abrigam sob o rótulo de “pesquisa qualitativa”, a saber: estudo biográfico, estudo de caso, análise da conversação, etnografia, metodologia histórica, dentre outros, cujas estratégias de coleta

²⁵ Segundo Ginzburg (1986/1989), a influência galileana, de orientação quantitativa e antiantropocêntrica das Ciências da Natureza – levou as Ciências Humanas a um dilema desagradável, que seria assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes ou, então, um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância.

²⁶ Novaes-Pinto (2011) discorre sobre a análise qualitativa de episódios interativos, segundo a abordagem metodológica de cunho sócio-cultural, com ênfase no estudo da afasia. Para desenvolver nossas discussões na presente pesquisa, compartilhamos das proposições da maioria dos autores por ela citados.

de dados incluem observação, realização de entrevistas, análise de textos. Podemos incluir, no caso da presente pesquisa, a análise de narrativas essencialmente construídas em processos dialógicos.

Com relação à afasia, Damico *et al* (1999) reconhecem que desde os tempos de Jackson²⁷ (final do século XIX) os investigadores têm se utilizado de métodos sistemáticos quantitativos (para obter dados numéricos) e qualitativos (descritivos) a fim de compreendê-la melhor. Apontam também os esforços para se considerar os efeitos sociais das lesões neurológicas por meio da realização de pesquisas qualitativas sobre as afasias – que privilegiam dados mais naturalísticos, autênticos e funcionais – vêm aumentando.

Novaes-Pinto (2012a, b) ressalta que a opção pela realização de *estudos de casos* é outro aspecto importante da pesquisa qualitativa, principalmente porque o vasto número desses estudos no campo da Neurolinguística vem contribuindo para se construir e solidificar as teorias linguísticas com respeito à afasia. Ela cita outros autores que, como veremos, comungam dessa afirmação, em especial Miceli (2001), Kearns (1999) e Simmons-Mackie & Damico (1999). Segundo Miceli (2001), a maior parte do progresso teórico da afasia que encontramos na Neurologia e na Neuropsicologia deve-se aos detalhados estudos individuais de sujeitos afásicos. Em suas próprias palavras, esses estudos apresentam-se como: “a powerful heuristic tool in cognitive Neurology/Neuropsychology, and with time they have provided an impressive body of evidence, demonstrating the complex architecture of the linguistic system” (MICELI, 2001, p. 658 apud NOVAES-PINTO, 2012a, b). De modo semelhante, Kearns (1999) concebe que se constituem como um instrumento legítimo para a investigação de questões clinicamente essenciais sobre a afasia, os quais hoje em dia são amplamente aceitos na comunidade científica.

Simmons-Mackie & Damico (1999), autores que propõem uma perspectiva etnográfica²⁸ para o problema do método na afasiologia, afirmam que esta se mostra útil para explicar as dinâmicas das instituições sociais e práticas organizacionais, descrever

²⁷ John Hughlings Jackson (1835-1911): neurologista britânico. Ele propunha uma base anatômica e fisiológica organizada hierarquicamente para a localização das funções cerebrais.

²⁸ Segundo os autores, “This methodology is most widely identified with anthropology, where it was developed as a means of studying alien cultures – cultures about which information was insufficient to formulate specific hypotheses.” Eles citam também a seguinte descrição de etnografia de Kirk & Miller (1986, p. 9): “a particular tradition in social science that fundamentally depends on watching people in their own territory and interacting with them in their own language, on their own terms” (SIMMONS-MACKIE & DAMICO, 1999, p. 681).

grupos de pessoas e compreender eventos e comportamentos específicos. Para os autores, a etnografia funciona como uma “lente de aumento” que podemos utilizar para saber o que acontece (“what goes on”) diante de uma questão específica, e seus objetivos consistem mais em interpretar e explicar do que em generalizar ou prever (1999, p. 686).

De acordo com Novaes-Pinto (2012b) tais conceitos revelam-se muito úteis para se entender as práticas sociais que são desenvolvidas no CCA, principalmente porque inúmeras pesquisas são produzidas a partir das situações dialógicas entre sujeitos afásicos e não-afásicos, embora não se trate de uma perspectiva etnográfica *strictu sensu*. Não gravamos e analisamos dados de sujeitos afásicos em todos os seus círculos sociais reais – em casa, com os amigos, na igreja, etc. Trata-se, portanto, de um recorte que considera as interações dialógicas ocorridas apenas no CCA, isto é, apenas em um desses círculos sociais, mas de grande relevância para podermos também compreender os impactos da afasia na vida do sujeito nas outras esferas nas quais circula.

Outro aspecto da pesquisa etnográfica, segundo Simmons-Mackie & Damico (1999), é a “imersão” do pesquisador no processo, pois a observação passa a fazer parte de sua experiência pessoal. Por meio da participação e da introspecção pode-se obter uma descrição e compreensão ricas. Simmons-Mackie & Damico (1999) salientam a necessidade de um rigor científico para tratar os dados da pesquisa qualitativa, que se constituem por meio de revisões externas, anotações realizadas durante a observação direta de um evento, análise de áudio e videogravações, além da análise de objetos relacionados ao fenômeno de interesse como diários, relatos, entre outros. Com relação a esses últimos, concordamos com Novaes-Pinto (2012b) sobre a relevância de apontar que há mais de duas décadas Coudry (1986/1988) desenvolveu estudos de caso e atividades de conduta terapêutica com sujeitos afásicos por meio do uso de diários, álbuns de família, interação com familiares, expedientes desenvolvidos a partir dos interesses individuais dos afásicos, que continuam norteando o trabalho realizado no CCA.

A opção por análises qualitativas dos eventos dialógicos permite não só compreender as principais dificuldades dos sujeitos afásicos na construção de sua narrativa, apontando para os impactos de sua afasia no sistema linguístico, mas também revelando as soluções criativas que surgem frente aos impasses decorrentes dessas dificuldades.

A seguir, detalharemos alguns aspectos do paradigma que tem orientado nossas pesquisas – o paradigma indiciário – já referido anteriormente neste trabalho, que reafirma o rigor científico das análises que buscamos fazer, também necessário às pesquisas qualitativas, como apontamos acima.

2.2.1. Paradigma indiciário

Como vimos brevemente no Capítulo 1, Carlo Ginzburg²⁹ buscou explicitar o estatuto teórico dos dados singulares no âmbito das Ciências Humanas, propondo um modelo (ou paradigma) epistemológico baseado na semiótica, fundado no detalhe, no pormenor, no episódico. Sua maior preocupação foi “a definição de princípios metodológicos que garantam rigor às investigações centradas no detalhe e nas manifestações de singularidade” (ABAURRE *et al*, 1997). De acordo com o autor (1986/1989), entretanto, trata-se de um “rigor flexível”.

Segundo Quartarolla (1994 apud ABAURRE *et al*, 1997) entram em jogo nesse “rigor flexível” elementos como a *intuição do investigador* na observação do singular (idiossincrático), assim como sua *capacidade de formular interessantes hipóteses explicativas*, tomando por base o caráter iluminador dos dados singulares para aspectos da realidade que não podem ser captados diretamente, mas que são recuperáveis por meio de indícios e sintomas.

Compreendemos, assim como Góes (2000), que para decifrar e ler pistas é preciso estabelecer, entre os eventos, elos que sejam coerentes e, deste modo, o componente narrativo tem lugar nas interpretações indiciárias. A autora destaca que a ideia de totalidade não deve ser abandonada ao se privilegiar o singular, visto que o modelo epistemológico indiciário busca a interconexão de fenômenos, e não o indício no sentido de conhecimento isolado. Pois como explicita Ginzburg: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (1986/1989, p. 177).

Vale lembrar que a própria medicina, hoje tão apegada aos métodos quantitativos e estatísticos, já foi adepta e sustentada por um paradigma definível como

²⁹ No texto *Sinais – raízes de um paradigma indiciário*, Ginzburg (1986/1989) salienta que o conhecimento daquilo que hoje se denomina como “paradigma indiciário” já orientava as atividades humanas – como no caso dos antigos caçadores e da arte divinatória. Delineamos, no Capítulo 1 (item 1.2), que alguns consideram os antigos caçadores como os primeiros narradores, os quais já se utilizavam dessa forma de saber, ao escrutar as pistas de suas presas.

indiciário, baseado na observação atenta e no registro minucioso dos sintomas, por meio dos quais se poderia elaborar histórias precisas de cada doença, posto que a doença em si não é atingível. Trata-se da medicina *hipocrática*, que já em sua época se confrontava ao modelo de conhecimento de Platão³⁰, considerado mais prestigioso e socialmente mais elevado.

Ginzburg (1986/1989) cita alguns modelos que considera *indiciários* como os desenvolvidos por Morelli, Freud e Conan Doyle, que têm em comum a formação em medicina. O primeiro, de Giovanni Morelli³¹ um perito em arte que reconhecia o sinal da individualidade do artista e a partir disso determinava se uma obra de arte era falsificada ou não. O segundo é o de Freud³², o pai de Psicanálise, que, segundo Ginzburg, dizia acreditar na existência de uma estreita ligação entre o método de Morelli e a técnica psicanalítica médica, baseada na interpretação dos resíduos, dos dados marginais e, para finalizar, o modelo de Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, personagem reconhecido pela perspicácia para interpretar pegadas na lama e cinzas de cigarro, dentre outras características indiciárias de seu método.

Não podemos deixar de nos referir, quanto à aplicação do modelo indiciário no campo dos sinais e sintomas, ao trabalho desenvolvido ainda hoje pelo neurologista britânico Oliver Sacks, que procura, como vimos, descrever detalhadamente as histórias de vida de seus pacientes para compreender cada caso para muito além das doenças e dos sintomas. Isso mostra como os princípios do paradigma indiciário foram sendo adotados em vários campos do conhecimento e que se revelam signitativos na pesquisa qualitativa em Ciências Humanas.

Góes (2000) aponta a crítica realizada por Ginzburg, em relação ao modelo da ciência moderna, modelo este que considera a investigação de eventos singulares como empecilho ao conhecimento científico rigoroso e que se estende a outros pressupostos dessa linha de pensamento, os quais seguem na busca de leis universais – a crença numa

³⁰ A definição clássica de conhecimento de Platão (428-347 a.C.) diz que ele consiste de crença verdadeira e justificada. É certo que a realidade está sempre mudando, que as coisas nascem e morrem, mas é igualmente certo que existem coisas que não morrem e tampouco mudam. Do contrário, teríamos apenas opiniões (*doxa*) sobre as coisas, mas nunca um conhecimento (*episteme*) sobre elas. O que não muda são as ideias das quais as coisas são meras cópias. As coisas podem mudar de forma e tamanho, mas $2 + 2$ será sempre igual a 4. O que conhecemos da realidade não é o que pode ser percebido através dos sentidos, mas os modelos ideais imutáveis que estão para além das aparências.

³¹ Giovanni Morelli (1816-1891): historiador da arte e político italiano, formado em medicina. É conhecido por ter desenvolvido um método de crítica de obras de arte que busca identificar características de um estilo artístico através de uma análise minuciosa, conferindo atenção aos detalhes. Morelli desenvolveu seu método indiciário a partir do trabalho de Giulio Mancini, seu predecessor.

³² Sigismund Schlomo Freud (1856-1939), mais conhecido como Sigmund Freud: médico neurologista judeu-austriaco, fundador da psicanálise.

realidade transparente, a separação entre sujeito e objeto, o conhecimento sistemático com regras formais que se orienta exclusivamente para as regularidades da natureza.

Entendemos, assim como outros autores (citamos FIAD, 1997 e GÓES, 2000, dentre outros) que o paradigma indiciário recupera a possibilidade de olhar para as marcas individuais das atividades humanas – como a linguagem – e analisar o que é diferente, o que está fora da normalidade. Enfim, o pesquisador pode buscar as explicações em detrimento das evidências teóricas. Ele apresenta-se como uma perspectiva para a investigação da constituição de sujeitos, a qual só pode ser concebida no âmbito dos processos intersubjetivos e das práticas sociais.

Salientamos que, com relação aos estudos na área da Linguística, ainda hoje encontramos pesquisas de cunho quantitativo, com foco nas regularidades, em detrimento das singularidades dos fenômenos linguísticos. Suassuna (2004) aponta que aí reside a contraposição com um paradigma de cunho indiciário (para o qual a realidade não é transparente). Os sinais e indícios é que permitiriam “decifrá-la”, no “sentido de que indícios mínimos podem ser reveladores de fenômenos mais gerais” (p. 175).

Concordamos com Abaurre *et al* (1997) no sentido de que ao privilegiarmos os dados singulares não estamos abandonando o interesse teórico pelo que é regular, sistemático, geral, pois

[...] acreditamos que é a atribuição de um estatuto teórico semelhante a questões relativas ao comportamento virtual de um sujeito universal e, ao comportamento real e indiciário de sujeitos singulares da linguagem que permite desvelar as regularidades subjacentes, e visualizar os contornos de modelos teóricos dialeticamente estruturados em torno de um conjunto de problemas relevantes para a compreensão da complexidade da relação entre um sujeito e um objeto que estão continuamente a modificar-se, nos movimentos mesmos dessa relação” (ABAURRE *et al*, 1997, p. 23).

2.3. O CCA como *locus* da pesquisa

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA)³³ nasceu de uma ação conjunta entre os Departamentos de Linguística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com funcionamento no Instituto de Estudos Linguísticos (IEL), com o objetivo de prover alternativas para as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos afásicos, diante do isolamento social que enfrentam com muita frequência, após o acometimento neurológico. O acompanhamento é realizado em grupo, na convivência

³³ Ver Novaes-Pinto (2012b) que apresenta uma descrição mais acurada sobre o CCA.

com sujeitos não-afásicos, em diversas situações e práticas discursivas nas quais se exploram todos os aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações, como nos diálogos, comentários, narrativas, leituras etc (COUDRY, 1986/1988; MORATO, 2002).

Sampaio (2008) sinaliza que o espaço dialógico do CCA propicia não só a emergência, mas também condições para que os sujeitos afásicos tentem superar suas dificuldades e desenvolver processos alternativos de significação.

As situações discursivas são articuladas teórico-metodologicamente, segundo a abordagem neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. São realizados também atendimentos fonoaudiológicos individuais e nesses o foco do trabalho está mais direcionado para as singularidades dos casos. Assim, trabalham-se também as questões que envolvem a motricidade orofacial, voz, disfagia etc. Atualmente existem três grupos em funcionamento³⁴.

Todos os sujeitos afásicos (e seus acompanhantes) que iniciam acompanhamento no CCA recebem esclarecimentos sobre estarem sendo inseridos em projetos de pesquisas e assinam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O grupo III teve início em agosto de 2006 e conta, atualmente, com doze sujeitos afásicos, com a participação de alunos de graduação de Linguística e Letras, estagiários de Fonoaudiologia e pesquisadores de pós-graduação em Linguística (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado).

As atividades do CCA se caracterizam como sendo de extensão comunitária, ao mesmo tempo em que se constituem como um *lócus* para as pesquisas desenvolvidas na área de Neurolinguística e abrigadas pelo GELEP³⁵, trazendo também benefícios para o ensino em todos os níveis.

2.4. A narrativa como texto resultante da pesquisa

Segundo Freitas (2010), os textos da pesquisa qualitativa são necessariamente narrativas as quais resultam da produção de sujeitos historicamente situados, sempre em interação com os ambientes sócio-culturais, que possuem uma visão de mundo particular (singular) e ainda um determinado sistema de valores. Para a autora, a própria

³⁴ O Grupo I é coordenado por Edwiges M. Morato, o Grupo II por Maria Irma H. Coudry e o Grupo III por Rosana do Carmo Novaes Pinto.

³⁵ GELEP – Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias, Plataforma Lattes (CNPq).

pesquisa é também desenvolvida inevitavelmente em uma relação dialógica. Sendo assim, a narrativa produzida pelo pesquisador não pode tornar o sujeito da pesquisa mudo; ela deve, por sua vez, restituir as condições de enunciação e circulação, pois é assim que se viabilizam as múltiplas possibilidades de significação.

Simmons-Mackie & Damico (1999) de modo semelhante apontam que o resultado da pesquisa qualitativa³⁶ é transmitido necessariamente por meio de uma narrativa e, por isso, “a dificuldade de se extrair conceitos-chave ou condensar os achados em um formato significativo para apresentações ou artigos breves” (p. 686). Para ser convincente, o pesquisador escolhe exemplos representativos para “soprar vida na história e enriquecer a descrição” (, p. 686, tradução nossa). Quem lê, deve aceitar que a narrativa e os exemplos são representativos dos eventos, que podem ser vistos através dos olhos de outro alguém. Apoiada nas ideias dos autores, Novaes-Pinto (2012b) afirma que se trata de um processo contínuo, cujo objetivo é procurar casos que desafiem os achados e outros que os corroborem.

2.5. Notas sobre a transcrição

Entendemos que a transcrição já se constitui como uma das etapas de análise, pois tem como objetivo trazer para o recorte selecionado tudo o que for possível para resgatar a situação dialógica vivida e, por isso, além do estritamente dito, são descritos também os enunciados não-verbais, sobretudo os gestos. Infelizmente, as transcrições nunca são completas, pois algumas características da expressividade, com destaque, por exemplo, para a entonação, dificilmente podem ser traduzidas ou descritas em palavras.

Salientamos ainda que, a nosso ver, faz diferença quando o pesquisador é quem transcreve seus próprios dados, tendo, evidentemente, participado das situações dialógicas o que, aliado à instropecção (Simmons-Mackie & Damico, 1999), contribui para uma compreensão mais rica dos processos. É importante também destacar que nosso convívio com todos os sujeitos participantes do grupo vem de longo tempo, o que possibilita fazermos certas inferências que, às vezes, são interpretadas como avaliações

³⁶ Os autores se referem, mais especificamente, à pesquisa de cunho etnográfico, mas o conceito pode ser estendido para a pesquisa qualitativa, de modo geral. A análise da conversação também pode ser mobilizada como *método* para se compreender as habilidades conversacionais de sujeitos afásicos, pois possibilitam que se considere o que acontece em díades sociais autênticas.

subjetivas e motivam críticas por parte de outros profissionais que desenvolvem pesquisas quantitativo-experimentais.

As normas para transcrição (legenda) foram baseadas e adaptadas parcialmente do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC)³⁷ e do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)³⁸. Estabelecemos, para a transcrição dos registros, os padrões da linguagem oral, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor.

LEGENDA:

Irn, Imp, Iec, Itn, Is, Ihb	Interlocutores não afásicos
Ef	Estagiário(a) de Fonoaudiologia
Letras maiúsculas	Mudança de entonação, ênfase
, (vírgula)	Pausa de curta duração
... (reticências)	Pausa de longa duração
*	Imprecisão articulatória
(EI)³⁹	Enunciado ininteligível
[[	Sobreposição de vozes
-	Silabação
“ ”	Discurso direto
/	Interrupção da fala, truncamento
:: :::	Alongamento de vogal Maior alongamento de vogal
()	Observações e comentários quanto às condições de produção
-----	Interrupção externa

³⁷ Castilho & Preti (1987).

³⁸ Coudry (2008, p. 20).

³⁹ Nos estudos dos fenômenos afásicos têm-se usado nas transcrições: (SI) para “Segmentos Ininteligíveis”. Porém, usaremos – como em trabalhos anteriores – (EI) os quais designam “Enunciados Ininteligíveis”, configurando melhor as concepções teóricas deste estudo, sugerido nos trabalhos de Novaes-Pinto.

CAPÍTULO 3

Os Afásicos e suas Narrativas

3.1. Sobre linguagem e afasia

3.1.1. Introdução

Dedicamos este capítulo à apresentação dos sujeitos afásicos e de suas narrativas, num total de onze episódios construídos em situações dialógicas entre sujeitos afásicos e não-afásicos, em sessões individuais e coletivas do Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Seleccionamos dados em que cada um dos sujeitos, pelo menos em algum momento, constitui-se como narrador.

Como já dissemos anteriormente, as narrativas têm papel de destaque nas atividades desenvolvidas no CCA. A cada sessão, solicitamos que os sujeitos contem sobre si e sobre os fatos ocorridos fora do ambiente do grupo, compartilhando suas histórias de vida e interesses.

Optamos por apresentar os episódios inteiros, praticamente sem recortes, para dar visibilidade não só às singularidades discursivas para narrar, em decorrência do impacto nas diferentes formas de afasia, mas também às soluções criativas que os sujeitos desenvolvem para se aproximarem de seu querer-dizer.

Discorremos, no primeiro capítulo, sobre a concepção de *narrativa*, explicitando suas características estruturais e funcionais, seu papel fundamental na organização da experiência humana e ainda como método para propiciar a emergência de dados no âmbito das patologias, tanto para a avaliação dos processos linguístico/cognitivos impactados, como nos acompanhamentos terapêuticos. Este capítulo tratará das *narrativas* no âmbito das *afasias*, bem como da relação entre *afasia e subjetividade*, frequentemente revelada em nossos dados, de fundamental relevância para a compreensão dos impactos dos episódios neurológicos não apenas sobre a linguagem, mas em todas as esferas sociais em que o sujeito está inserido ou das quais foi afastado (ou afastou-se).

Julgamos relevante apresentar primeiramente – ainda que de modo sucinto – as concepções tanto de *linguagem*, quanto de *afasia*, no campo dos estudos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, pois estes perpassam todas as outras escolhas teórico-metodológicas que fazemos.

3.1.2. A perspectiva da Neurolinguística enunciativo-discursiva

A abordagem neurolinguística que orienta os pesquisadores do IEL/UNICAMP assume que a língua é o resultado da experiência e do trabalho dos falantes com e sobre a linguagem (FRANCHI, 1977; 1992). Coudry (1986/1988; 2002) explicita que esta abordagem tem seus alicerces na perspectiva histórico-cultural e enfatiza o caráter indeterminado dos processos de significação. Apresentamos a seguir a formulação de Franchi, recorrentemente citada nos trabalhos da área, que sintetiza a concepção de linguagem enquanto *atividade*:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo - a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias (FRANCHI, 1977, 1992, p. 31).

O sentimento de incompletude diante da linguagem e da língua é comum a todo sujeito. Podemos reconhecê-lo nas situações em que não encontramos as expressões corretas para nos fazer entender ou como quando “dá um branco”. Dentre as principais causas, em estados não patológicos, podemos citar cansaço extremo, tensão, preocupação ou qualquer outro fator que interfira no nosso bem estar habitual. Lançamos mão, então, de recursos como autocorrekções, reformulações e pausas, que revelam a ocorrência de atividades epilinguísticas. No entanto, para um sujeito com afasia (ou com outro comprometimento linguístico), torna-se ainda mais difícil enfrentar as dificuldades próprias da produção dos enunciados, dentro dos mais diversos gêneros discursivos, dado que estas são recorrentes a cada enunciado.

Reproduzimos, a seguir, a definição de *afasia* postulada por Coudry, para depois iniciarmos mais especificamente as discussões sobre as narrativas:

A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva [...] produzidas por lesão focal adquirida no Sistema Nervoso Central em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação (COUDRY, 1986/1988, p. 5).

Segundo a autora, a afasia não pode ser concebida como um distúrbio de desorganização de uma linguagem interna. Ao contrário, deve ser primordialmente considerada com relação ao seu uso. O desprezo pela linguagem em uso levou a afasiologia e a neuropsicologia a focarem o conhecimento metalingüístico na avaliação dos fenômenos relativos à linguagem e também no acompanhamento terapêutico dos sujeitos, o que a nosso ver é ainda mais grave.

Segundo Morato & Coudry (2000), muitos problemas lingüísticos interessantes só passaram a ser analisados no âmbito das afasias há pouco tempo, com o desenvolvimento da abordagem enunciativo-discursiva, dentre os quais citam as alterações nas relações de sentidos (reveladas, por exemplo, na análise de provérbios, charges, piadas etc), dificuldades com implícitos e subentendidos, análise da produção de parafasias de diversas naturezas que revelam processos de seleção lexical, a manutenção (ou não) de tópicos discursivos, a violação de leis conversacionais e/ou discursivas e ainda as dificuldades com operadores argumentativos, mecanismos coesivos e de coerência, processos frequentemente alterados no contexto narrativo. Todos esses problemas só podem ser considerados em parâmetros essencialmente enunciativos.

Coudry (2002) explicita que o interesse central da teoria de linguagem enunciativo-discursiva é avaliar e compreender processos de significação – patológicos ou não – presentes na linguagem dos sujeitos com afasia. Nas palavras da autora: “Enunciativo, porque importa a enunciação para o outro, em meio a contingências próprias de uso social da linguagem; discursivo, porque é a forma de a linguagem se expor como atividade significativa, estruturada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes” (p. 111).

Julgamos oportuno, neste momento, enfatizar que o termo “enunciativo” foi revigorado com a incorporação mais sistemática de conceitos bakhtinianos no estudo das afasias, proposta primeiramente por Novaes-Pinto (1999), que os mobilizou para caracterizar as produções dos sujeitos afásicos. Tais conceitos são apresentados nesta tese, em diferentes momentos, à medida que se relacionam mais diretamente aos problemas discutidos, sobretudo ao longo das análises. Já mencionamos, por algumas vezes, o conceito de *querer-dizer* (intuito discursivo), por exemplo, que a nosso ver substitui de forma mais adequada o de *intenção*, geralmente utilizado para se referir àquilo que se pretende dizer/narrar. A seguir, passamos a explicitar a definição que Bakhtin dá para “enunciado”, que considera a *unidade real da significação*:

[...] Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou”. (BAKHTIN, 1979/2010b, p.275).

A cada réplica no interior de um diálogo, o interlocutor toma uma posição responsiva em relação ao *enunciado* do outro que pode ser de consentimento, de incompreensão, em forma de ação (diante de uma ordem), dentre outras possibilidades; para isso, cada réplica deve ter um *acabamento* específico que deixa clara a posição do outro. Deste modo, Bakhtin (1979/2010b) propõe uma interdependência entre o conceito de *enunciado* e de *acabamento*. O enunciado não tem um tamanho específico ou regras rígidas de composição (sentença, oração). Quem fixa o tamanho do enunciado é o *acabamento* dado pelo outro. Esses conceitos (enunciado e acabamento) podem ser mobilizados, como também afirma Novaes-Pinto (1999), para analisar os dados dos sujeitos afásicos que consistem de expressões orais reduzidas, concebidos na literatura neuropsicológica tradicional como *estereotípias* ou *automatismos*, mas que podem ser compreendidos, por exemplo, a partir da entonação empregada, como a produção de CF: /esaw esaw/, de GS: /o´da a´da/ ou ainda quando a produção se reduz a enunciados não-verbais, como os gestos. Os nossos dados, como veremos adiante, evidenciam a

natureza constitutiva entre os conceitos de enunciado e acabamento, na construção conjunta e colaborativa das narrativas.

A crítica de Bakhtin, ainda mais explícita no trecho a seguir, evidencia o limite de metodologias centradas nas unidades abstratas da língua, principalmente pelo que o autor atribui ser um menosprezo pelo *enunciado*:

A indefinição e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento lingüístico são o resultado da real unidade da comunicação discursiva - o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir (BAKHTIN, 1979/2010b, p. 274).

O apego às unidades abstratas da língua e o menosprezo pelo enunciado e pelas condições de uso real da linguagem orientaram (e ainda orientam) grande parte das pesquisas no âmbito das afasias. Retomamos as colocações de Morato e Coudry (2000) para concluir que num exame neurolingüístico, no qual o investigador entra em contato com o sujeito e seu déficit lingüístico por meio da interlocução e seus expedientes (como episódios narrativos, jogos de linguagem, provérbios, piadas), o objetivo deve ser não somente uma ação descritiva de sintomas, mas, sobretudo, a busca de “vias explicativas para a nova relação do sujeito com a linguagem, com o outro e com o mundo social” (p. 80-81).

É nesse sentido que defendemos que a narrativa seja um *locus* privilegiado para a análise das dificuldades lingüísticas impostas pela afasia, além de permitir a avaliação de outras dificuldades cognitivas, como comprometimentos de atenção e de memória. Como apontamos no Capítulo 1, para narrar mobilizamos aspectos de natureza lingüística, social e cognitiva, que pressupõem lembrar, organizar e trazer eventos ocorridos em um tempo passado para o momento presente.

3.1.3. Considerações sobre a noção de *fluência* no estudo das afasias

Várias classificações foram propostas, ao longo dos estudos afasiológicos, na tentativa de dar conta das diferenças entre os tipos de afasias; entretanto, não nos deteremos nessas classificações por não ser este o objetivo deste trabalho. Optamos por tratar apenas de algumas das relações mais produtivas para as análises das narrativas produzidas por sujeitos afásicos.

Segundo Novaes-Pinto (1999), os estudos afasiológicos iniciais, em meados do século XIX, e também durante boa parte do século XX, concentraram-se no estudo das afasias chamadas *não fluentes* – também referidas como *afasia de Broca*, *afasia de produção* ou *afasias anteriores*. As afasias *fluentes* (de *Wernicke*, *de compreensão* ou *posteriores*) eram compreendidas como sendo relacionadas mais aos declínios cognitivos associados, uma vez que sua principal característica diz respeito a problemas de compreensão. A classificação das afasias em *não-fluentes* e *fluentes* foi proposta inicialmente por Wernicke, que se dedicou a pesquisar afasias posteriores, relativas a lesões no lobo temporal.

Para abordarmos a noção de *fluência*, considerando os interesses desta pesquisa, nos respaldamos, sobretudo no trabalho de Scarpa (1995), no qual a autora discute criticamente a definição deste conceito. A partir das reflexões de Fillmore (1979), Scarpa considera que a fluência “tem acepções radicalmente diversas quer seja interpretada do ponto de vista da motricidade, quer do ponto de vista do fluir informativo do texto oral ou do desempenho no uso da linguagem” (SCARPA, 1995, p. 167).

Para Scarpa (1995, 2006), que apoia sua reflexão nos trabalhos de Lindblom (1985, 1990 a, b), a dificuldade para se falar rápido e acuradamente ao mesmo tempo pode ser explicada pelo fato de que tal relação de troca entre precisão articulatória e fluência deve-se a uma propriedade emergente da dinâmica auto-organizadora do processamento fonético. Isso ocorre porque sujeitos modulam sua fala em resposta a fatores fisiológicos e emocionais, diante de mudanças de estilo da fala (de rápido para vagoroso, baixo para alto, informal para formal – bem articulado, de íntimo para público, entre outros). Segundo a autora, fluência/disfluência estariam na base dos mesmos processos dinâmicos de processamento da fala. A “disfluência” é, assim, considerada como constitutiva da linguagem; ambas resultam das diversas relações do sujeito com a língua(gem).

Novaes-Pinto (1999, 2012d) considera a reflexão de Scarpa (1995) como um divisor de águas no estudo da (dis)fluência e acredita que esse estudo possa nos ajudar a compreender também o que ocorre com relação aos enunciados dos sujeitos afásicos, especialmente quando há dificuldades na seleção lexical ou na organização sintática dos enunciados. A autora afirma que “O processamento de certas construções sintáticas – relativas, causativas, passivas, dentre outras, demanda um maior planejamento por parte

do sujeito, seja ele afásico ou não, e pode envolver outras funções cognitivas para sua realização, como atenção e memória” (p. 227).

Nesse sentido, enfatizamos que muitas vezes recorreremos genericamente aos termos *fluente* ou *não-fluente/disfluente* apenas como “moedas linguísticas” (cf. Porter, 1993) para desenvolvermos nossas discussões e análises. Assim como um sujeito afásico não apresenta enunciados marcados pela afasia o tempo todo, não pode ser classificado como *fluente* ou *não-fluente/disfluente* em todas as situações, *a priori*. Novaes-Pinto (1992, 1999, 2012d) e Canoas-Andrade (2009) destacam que todo sujeito – afásico ou não – apresenta variações na fluência de seus enunciados devido a fatores como o conhecimento que tem do tópico discursivo, do gênero, dos diferentes interlocutores e do grau de formalidade da situação, dentre outros. Há casos, entretanto, em que ser *mais fluente* ou *menos fluente*, assim como o nível/grau de severidade de uma afasia, tem forte influência sobre as (im)possibilidades de narrar, pois podem reduzir drasticamente a produção de enunciados, como veremos adiante.

Não poderíamos deixar de apresentar, ao tratarmos de linguagem e fluência nas afasias, algumas questões apontadas por Jakobson sobre as operações nos eixos paradigmático/de seleção e sintagmático/de combinação. Primeiramente, porque se trata de uma tentativa de dar uma explicação linguística para as dificuldades dos sujeitos afásicos, opção certamente interessante para aqueles que criticam a semiologia das afasias centradas nas dicotomias de cunho orgânico (Broca x Wernicke, anterior x posterior). Em segundo lugar, porque os conceitos de *seleção* e de *combinação* serão mobilizados frequentemente em nossas análises linguísticas.

3.1.4. Seleção versus combinação: o modelo postulado por Jakobson

O linguista e fonólogo Jakobson (1955/1970) afirma que Goldstein⁴⁰, Ombredane⁴¹ e Luria⁴² - críticos do localizacionismo estrito que caracterizava os trabalhos de Broca e Wernicke – trouxeram grande progresso ao campo dos estudos das patologias da fala⁴³. Estes pesquisadores atribuíram grande importância aos problemas

⁴⁰ Kurt Goldstein (1878-1965): neurologista e psiquiatra alemão judeu; pioneiro da chamada “Neuropsicologia Moderna”.

⁴¹ André Ombredane (1898-1958): médico e psicólogo francês.

⁴² Alexander Romanovich Luria (1902-1977): neuropsicólogo soviético especialista em psicologia do desenvolvimento. Foi um dos fundadores da psicologia histórico-cultural.

⁴³ Preferimos o termo *alterações de linguagem nas patologias*, por ser mais coerente com nossos pressupostos teóricos. Mantivemos no texto a terminologia adotada por Jakobson.

linguísticos envolvidos no estudo das afasias. Jakobson, apoiado nesses autores, na metade do século XX, ressalta que os linguistas deveriam assumir um papel mais ativo tanto na investigação dos transtornos da fala quanto na revisão das teorias anteriores, pois até mesmo profissionais como otorrinolaringologistas, pediatras, audiólogos, psiquiatras e educadores se interessavam pela linguagem nas patologias. Segundo ele, “a ciência da linguagem passa em silêncio como se as perturbações da percepção da fala não tivessem nada a ver com a linguagem” (JAKOBSON, 1982, p.35).

Fortemente baseado nos postulados saussureanos, Jakobson relaciona as principais dicotomias acima mencionadas aos Distúrbios da *Contiguidade* e da *Similaridade*, respectivamente. Segundo o autor (1982, p. 37): “Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade”. Para falar, selecionamos palavras e as combinamos em frases, considerando o sistema sintático da língua que estamos utilizando; a seguir combinamos as frases em enunciados. Durante a seleção das palavras, é essencial que os interlocutores compartilhem um repertório lexical comum. Nas palavras de Jakobson:

No comportamento verbal normal, ambos os processos estão em constante ação, mas uma observação atenta mostra que, sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência (JAKOBSON, 1982, p. 56).

Segundo o autor, o que ocorre na afasia é que há a deterioração, em graus variados de gravidade, das operações de seleção e substituição ou combinação e contexto.

O Distúrbio da Similaridade – próprio das afasias fluentes, segundo Jakobson – tem como característica principal o comprometimento das funções de seleção e substituição. Neste caso, o sujeito tem dificuldade de iniciar um diálogo. De acordo com o autor, “sua linguagem é meramente reativa” (JAKOBSON, 1982, p. 42) e o contexto verbal é de grande valia para suas produções linguísticas. “[...] As frases são concebidas como sequências elípticas, a serem completadas a partir de frases anteriores ditas, quando não imaginadas, pelo próprio afásico ou recebidas por ele de um interlocutor real ou imaginário” (1982, p. 43). No distúrbio da similaridade, o afásico apresenta alteração das operações metalinguísticas⁴⁴, envolvendo a relação interna de

⁴⁴ Segundo Geraldi (1990/1997), podemos entender as *atividades metalinguísticas* como “[...] aquelas que tomam a linguagem como objeto não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo,

similaridade, que é a base para a substituição, o que por sua vez afeta os processos metafóricos.

Já o Distúrbio da Contiguidade – característico das afasias não-fluentes – é relacionado à perda da capacidade de combinar unidades linguísticas mais simples em outras mais complexas. Como a função do contexto é afetada, o discurso pode ficar reduzido a enunciados de uma só palavra. Neste caso, os processos metonímicos ficam comprometidos.

Podemos, neste momento, fazer uma primeira reflexão acerca das dificuldades desses sujeitos em construir enunciados e, sobretudo, uma narrativa. Poderíamos imaginar que suas possibilidades estejam, de fato, muito reduzidas. Por outro lado, poderia se esperar que o afásico com Distúrbio de Similaridade tivesse mais facilidade nesta atividade, já que sua capacidade de produzir enunciados mais complexos em princípio não estaria comprometida. Como veremos mais adiante, esses “prognósticos” não se confirmam quando analisamos as produções de afásicos, tanto fluentes como não-fluentes. *Combinação* e *seleção* não são fenômenos independentes, mas sobrepostos. Um eixo se projeta sobre o outro durante a formulação de um enunciado. Dificuldades mais específicas em uma operação impactam as operações no outro eixo (JAKOBSON, 1960/1981).

Evidentemente, Jakobson está preocupado apenas com a produção das “frases”, isto é, com a utilização dos recursos da língua, para a produção de uma unidade abstrata do discurso. Trata-se, portanto, de um modelo, já que não considera o fato de que uma fala é sempre dirigida a alguém.

3.2. Subjetividade e afasia

Passamos a tratar, neste momento, de uma das questões que julgamos estar dentre as mais relevantes no estudo das narrativas no âmbito das afasias – a *subjetividade*, na perspectiva sócio-histórico-cultural, que concebe o *sujeito* constituído por suas relações com o outro e com a cultura. A abordagem discursiva das afasias destaca seu papel como aquele que trabalha sobre os recursos da língua para produzir/compreender enunciados. Bakhtin (1929/2010a) ressalta a relevância desta noção, diretamente ligada aos outros conceitos que postulou, como *dialogia*, *alteridade*

mas conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua” (p. 25).

e ideologia. O autor enfatiza o valor da *interação verbal*, que é o lugar onde a significação ocorre e critica tanto a ideia de sujeito enquanto *criador individual da língua*, posição que denomina de *subjetivismo idealista*, quanto a concepção de que a língua seja autônoma em relação aos indivíduos que a utilizam, corrente que caracteriza de *objetivismo abstrato*. A solução proposta pelo autor é, portanto, dialética, pois o que o sujeito faz para compor seus enunciados é selecionar, dentre os recursos da língua (fonético-fonológicos, lexicais, sintáticos), os elementos que lhe servem. Portanto, não se trata de um sujeito *fonte dos sentidos* e nem de um sujeito *assujeitado*. Sobral define o sujeito em Bakhtin como um *sujeito situado*, explicitado no trecho que reproduzimos a seguir:

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção “negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido quanto um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido (SOBRAL, 2005, p. 22 apud NOVAES-PINTO, 2012a).

A partir dos pressupostos bakhtinianos, podemos afirmar que a *subjetividade* revela-se durante a construção dos enunciados nos processos dialógicos reais. Nesses processos, o sujeito produz seus enunciados motivado por um *querer-dizer* que é carregado de marcas de subjetividade. É dele – desse sujeito – a motivação para narrar, é dele o intuito de provocar no outro uma atitude responsiva. É ele quem escolhe se dirigir a um outro – mesmo que esse outro não esteja presente, como no caso de uma produção escrita, ou ainda num monólogo com ele mesmo (como quando “pensamos com os nossos botões”) – para compartilhar uma história, um ponto de vista, uma informação.

Para a construção do nosso discurso, lançamos mão dos recursos expressivos de uma língua comum aos nossos “parceiros do diálogo” (recorrendo à expressão usada por Bakhtin). Mais precisamente, escolhemos dentre os gêneros discursivos aprendidos nas inúmeras e precisas situações interlocutivas das quais participamos como sujeitos sociais aquele mais adequado para um momento preciso da interação verbal, pois cada situação dialógica é única, singular, e se realiza num determinado contexto sócio-histórico.

O gênero tem a possibilidade de se atualizar e modificar devido à atividade do sujeito que carrega com o seu *querer dizer* toda experiência passada e de projeção futura, marcada pela *alteridade* real, viva, ativa, que se revela no seu interlocutor. Essa alteridade é revelada pela alternância dos sujeitos, nos processos dialógicos. Os interlocutores vão dando, aos enunciados do(s) outro(s), acabamentos sucessivos (mesmo que silenciosos, não-verbais) e isso, por sua vez, interfere na enunciação seguinte. É a partir desses acabamentos que o sujeito se reposiciona, reelabora seu dizer, para alcançar seu intuito discursivo.

A partir de tais afirmações, consideramos, assim como Camargo (2010), que se apresenta aqui a possibilidade de estabelecermos uma relação entre os pressupostos bakhtinianos e a proposição de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) com respeito ao que estes autores chamam de “*avaliação*”, aspecto fundamental na construção de uma narrativa. Para eles, é no momento da avaliação que decidimos *o quê* queremos contar e o *porquê* da narrativa ser reportável (digna de ser contada). A avaliação vai se dando ao longo de toda a produção da narrativa, não apenas antes de seu início.

Segundo Bakhtin (1979/2010b), para que nosso enunciado seja compreendido em seu todo (*inteireza* do enunciado), é necessário que tenhamos dito *tudo* o que era preciso sobre o objeto de que estamos tratando; ter um propósito discursivo (*querer-dizer*) e, por fim, escolher adequadamente o gênero discursivo de acordo com o interlocutor, situação e conhecimentos compartilhados. Como essas questões estão presentes o tempo todo na produção narrativa dos sujeitos afásicos, nos deteremos um pouco mais nesses conceitos.

Bakhtin explicita que “[...] os participantes imediatos da comunicação, que se orientam na situação e nos enunciados antecedentes, abrangem fácil e rapidamente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem o *tudo* do enunciado em desdobramento” (BAKHTIN, (1979/2010b, p. 282; grifo do autor).

Ao captarmos aquilo que o autor chama de *querer-dizer* do sujeito naquele determinado momento da interlocução, conseguimos medir a *conclusibilidade* do enunciado. Temos nessa afirmação, portanto, dois diferentes conceitos relacionados – o de *querer-dizer* e o de *conclusibilidade*. O *querer-dizer* (ou *intuito discursivo*) está presente em cada enunciado e o interlocutor interpreta, sente essa “vontade discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras”

(1979/2010b, p. 281). O interlocutor imagina o que se quer dizer e então, por meio de como entende essa vontade verbalizada, pode medir a conclusibilidade do enunciado.

Já o conceito de *conclusibilidade* é “uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 1979/2010b, p. 280). A possibilidade de responder, de assumir uma posição responsiva (como por exemplo, cumprir uma ordem) é o primeiro e mais importante dos critérios de conclusibilidade de um enunciado. Ainda nas palavras do autor:

[...] Alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado. Para isso não basta que o enunciado seja compreendido no nível *de língua*. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva: isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* - indício da *inteireza* do enunciado – não se presta a uma definição nem gramática nem abstrato-semântica (BAKHTIN, 1979/2010b, p. 280; grifos do autor).

Consideramos que os conceitos bakhtinianos podem auxiliar na compreensão da relação instaurada entre os interlocutores em episódios dialógicos, quando se encontram frente às dificuldades discursivas dos sujeitos com comprometimento de linguagem, como a afasia. É bastante frequente nos depararmos com enunciados que revelam a dificuldade dos sujeitos para dizerem tudo o que gostariam de dizer. Citamos, como exemplos: “Eu não sei falar”, “Eu não falo nada” ou “Falo sem falar”⁴⁵. Entretanto, os sujeitos dizem isso falando, construindo enunciados verbais. Por outro lado, podemos tomar tais afirmações como indícios de que o intuito discursivo (querer-dizer) e a exauribilidade semântico-objetal não foram plenamente alcançados (NOVAES-PINTO, 1999; CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES-PINTO, 2011).

É a linguagem que organiza nossa experiência no mundo. É por meio dela que expressamos nossa identidade – quem somos, o que pensamos, com o quê concordamos ou não, o que pretendemos. As narrativas, por sua vez, nos permitem “recapitular” nossas experiências; expressamos nossa identidade por meio de histórias que contamos e recontamos.

Reproduzimos abaixo as palavras de Oliveira, também a esse respeito:

⁴⁵ Enunciados de duas senhoras afásicas, cujos dados foram analisados por Novaes-Pinto (1999): os dois primeiros produzidos por CL e o terceiro por EV.

Esse caráter “historiado” da identidade permitiria referir-nos a ela como identidade narrativa (WINDERSHOVEN, 1994). As histórias contadas por uma pessoa são simultaneamente uma prática social (dirigidas a uma audiência, estruturadas com base numa língua pela qual a pessoa torna pública a experiência privada, e contendo crenças, valores e ideologias provenientes do contexto sociocultural), e uma atividade auto-epistêmica (WORTHAM, 2000), por meio da qual o sujeito se reconhece e se transforma, ao engendrar novos significados e comportamentos e ao tomar posição frente a eles, numa perspectiva ética (OLIVEIRA, 2006, p. 431).

De acordo com a autora, a abordagem narrativista e dialógica do desenvolvimento humano que se pauta nas práticas narrativas considera a dimensão de criação de novidade, o narrar como ato de emergência, contrapondo-se à noção de linguagem como *janela para a mente*. Nesses trabalhos, a narrativa recebe lugar central, pelo fato de possibilitar a construção do real e pela experiência de alteridade, relação na qual se processa a construção da identidade.

Segundo Oliveira (2006), ao se tomar o estudo do desenvolvimento humano como o estudo do tempo⁴⁶ e suas implicações sobre a subjetividade pessoal e social e entendendo que por meio da narrativa a subjetividade se organiza e se traduz (abordagem narrativista e dialógica do desenvolvimento humano), o modelo linear e progressivo do tempo precisa ser superado. Essa visão, que dominou o campo científico por um século, necessita dar lugar ao tempo cíclico, a flecha de duas pontas de Mishler (2002 apud OLIVEIRA, 2006); tempo esse que se comprime, expande e que pode se recriar nas histórias e narrativas, que por sua vez são apresentadas e negociadas no jogo das interações sociais. Veremos que essa subjetividade revela-se constantemente nos discursos narrativos dos sujeitos afásicos que fizeram parte do *corpus* de nossa pesquisa.

⁴⁶ Oliveira afirma que “como cenário do senso de si, as narrativas são o contexto do entrecruzamento de temporalidades, permanente tensão entre a ilusão de continuidade e coerência temporal e o tempo vivido, experiencial, cíclico, ilógico: de um lado, a ilusão de continuidade (identidade) preservando a noção de que se é uma mesma pessoa, apesar das profundas mudanças que cada um perpassa no ciclo de desenvolvimento; de outro, a passagem do tempo (desenvolvimento) como a própria condição de inteligibilidade da narrativa” (2006, p. 431).

3.3. Conhecendo os sujeitos da pesquisa

Optamos por apresentar neste momento os sujeitos de nossa pesquisa (de natureza qualitativa), e não descrevê-los no Capítulo 2, que trata dos aspectos metodológicos, principalmente para trazê-los mais próximos de suas narrativas, mas também considerando que tanto os aspectos orgânicos como os sócio-culturais compõem cada quadro de modo singular e nos ajudam a compreender suas dificuldades, bem como as possibilidades para se aproximarem de seu propósito discursivo.

CS é um sujeito do sexo masculino, nascido em 27/03/1966, brasileiro, casado, pai de uma filha, comerciante, com ensino médio completo. Aos 37 anos de idade, submeteu-se a uma cirurgia para clipagem de tumor (craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda) e apresenta, em consequência dessa cirurgia, uma afasia que pode ser caracterizada como *fluente*⁴⁷. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas pausas impactando, algumas vezes, a organização sintática. Frequentou semanalmente o CCA, durante dezoito meses, e só deixou as atividades porque precisava se dedicar às lojas das quais é proprietário, ocupando-se tanto do transporte como da administração das mesmas.

SR é do sexo masculino, nascido em 15/10/1952, brasileiro, casado, pai de quatro filhos, técnico em mecânica industrial (aposentou-se há 1 ano), com ensino médio incompleto. Teve um AVC isquêmico em 2005 e apresenta, em consequência desse episódio, uma afasia que pode ser caracterizada como *fluente*. A ressonância magnética do crânio e a angio-ressonância demonstraram “sequelas subagudas de AVC em território da Artéria Cerebral Média, comprometendo desde região frontal até ínsula, lobos parietal, temporal e occipital esquerdos”⁴⁸. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas pausas e com parafasias fonológicas acarretando, por sua vez, dificuldades na organização sintática. Também apresenta disartrofonía⁴⁹. SR tem histórico psiquiátrico, com quadro de depressão prévio ao AVC e frequenta o CCA desde agosto de 2006. Durante esse período, ele ausentou-se por um semestre, segundo relato de sua esposa, isso se deveu aos desajustes com os medicamentos antidepressivos.

⁴⁷ Não dispomos de dados mais específicos quanto à extensão da lesão.

⁴⁸ Dados do relatório do neurologista que acompanha SR.

⁴⁹ Disartrofonía é a alteração vocal de origem neurológica que tende a aparecer associada à paralisia, espasticidade, atetose, tremor e etc (PINHO, S.M.R. *Fundamentos em Fonoaudiologia: Tratando os distúrbios da voz*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1998).

AN, do sexo masculino, nascido em 01/07/1970, brasileiro, solteiro, pai de uma filha, vive com a mãe e um irmão. É pedreiro, com ensino fundamental incompleto. Teve dois AVCs isquêmicos, o primeiro em junho de 1997 (com lesão têmporo-parietal esquerda) e o segundo em dezembro de 1997 (com lesão têmporo-parietal direita) e apresenta, em consequência desses episódios, uma afasia que pode ser caracterizada como *não fluente*, com um quadro de incoordenação pneumo-fono-articulatória, disartrofonía, espasticidade⁵⁰ e disfagia. Sua principal dificuldade é a de selecionar e combinar os traços dos elementos linguísticos em todos os níveis, o que compromete a inteligibilidade de seus enunciados e, por isso, faz uso frequente da gestualidade. A ressonância magnética do crânio realizada em 28/06/2001 revela “lacunas com atresia do córtex na ínsula esquerda, giro frontal inferior, giro temporal superior, núcleos lentiformes e substância branca profunda parietal direita; focos hipointensos no flair (glicose) também são vistos na substância branca subcortical parietal bilateralmente e nas regiões periventriculares; alargamento assimétrico dos ventrículos laterais, mais acentuado à esquerda; alargamento dos sulcos corticais, mais acentuados à esquerda; hemisfério direito com multi-infartos cerebrais; redução do número de ramos têmporo-parietais da artéria cerebral média esquerda; não há fluxo descendível na artéria vertebral esquerda”. Frequenta o CCA desde agosto de 2009.

AJ é do sexo masculino, nascido em 21/04/1935, brasileiro, casado, pai de quatro filhos, economista aposentado, com ensino superior completo. Teve vários episódios de AVC; o primeiro AVC hemorrágico em outubro de 1997 (em região posterior occipital esquerda); em setembro de 1998 foram diagnosticados pequenos AVCs lacunares (em região frontal esquerda e região fronto-têmporo-parietal direita), dentre outros. Passou por uma craniotomia para clipagem de aneurisma realizada em setembro de 1998 (na região fronto-têmporo-parietal direita) e apresenta, em consequência desses episódios, uma afasia que pode ser caracterizada como *fluente e progressiva*, de acordo com Canoas-Andrade (2009). Sua principal dificuldade diz respeito aos aspectos pragmático-discursivos já que realiza muitos circunlóquios e vem apresentando sinais compatíveis a quadro demencial⁵¹. Em 2004 as imagens da tomografia revelaram áreas isquêmicas nos dois hemisférios (à esquerda comprometendo o lobo frontal, estendendo-se para o parietal e

⁵⁰ A espasticidade pode ser definida como o aumento do tônus muscular durante a contração dos músculos, decorrente de lesão neurológica e, que pode ser exacerbada pela estimulação ambiental, emoções, tensões e esforços. É considerado um dos distúrbios motores mais frequentes e incapacitantes.

⁵¹ Atualmente, AJ apresenta um declínio cognitivo severo, se comparado ao quadro que apresentava à época da pesquisa de Canoas-Andrade, em 2009.

ínsula e à direita, comprometendo os lobos frontal, temporal e occipital). Frequenta o CCA desde agosto de 2006.

GS é do sexo masculino, nascido em 01/07/1930, brasileiro, casado, pai de dois filhos, aposentado, com ensino básico. Teve AVCs isquêmicos de repetição em 2004 e apresenta, em consequência desses episódios, disartria, leve paresia à direita e uma afasia que pode ser caracterizada como *não-fluente*. Seus enunciados são constituídos quase que exclusivamente de estereotípias (“ada”; “oda”), porém com prosódia intacta e apoio de enunciados gestuais⁵². O laudo da tomografia realizada em 2006 revela: “Estruturas da fossa posterior sem anormalidades. Extensas áreas de gliose subcortical interessando os lobos frontal, temporal e parietal à esquerda determinando ectasia por tração do ventrículo lateral correspondente”. Frequentou o CCA de abril de 2008 a 2010, quando abandonou os acompanhamentos, provavelmente explicado por um quadro depressivo, após falecimento da esposa.

JM é do sexo masculino, nascido em 05/09/1944, brasileiro, casado, pai de quatro filhos, metalúrgico aposentado, com ensino básico completo. Teve um episódio de AVC isquêmico em agosto 2008 e apresenta como consequência hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser *mais* caracterizada como *não-fluente*⁵³. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas pausas e com parafasias (fonológicas e semânticas), utiliza-se de enunciados gestuais, principalmente de dêiticos (gestos de apontar). Em 2008 o laudo da tomografia revelou: “Parênquima cerebral apresenta extensa área hipodensa comprometendo o córtex e a substância branca da região têmporo-parietal esquerda, com apagamento de sulcos corticais. Aspecto de imagem compatível com infarto à esquerda.” Frequenta o CCA desde 2008.

OJ, do sexo masculino, nascido em 1951, brasileiro, solteiro, vendedor, com ensino fundamental. Teve um episódio de AVC isquêmico em 1993 e apresenta como consequência hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser caracterizada como *não-fluente*. Ele apresenta ‘fala de estilo telegráfico’ e dificuldades para selecionar palavras. Frequentou o CCA de agosto de 2006 a 2009, quando precisou se desligar devido à

⁵² Buscou-se nas terapias fonoaudiológicas individuais enfatizar o uso do desenho, escrita e gestos simbólicos (além dos gestos dêiticos que ele já usava) para a construção de seus enunciados. Para maiores informações consultar o estudo de Nandin, T. L. C. (2009).

⁵³ Devido às singularidades de cada caso de afasia, consideramos ser mais coerente para os propósitos desta pesquisa adotar tal caracterização, visto que as produções linguísticas dos sujeitos afásicos podem apresentar-se *mais* ou *menos* fluentes.

distância, pois reside em outro estado (além de desenvolver um problema crônico no seu pé, em consequência de diabetes).⁵⁴

MA é do sexo feminino, nascida em 11/09/1942, brasileira, viúva, mãe de quatro filhos, artista plástica (pintora de quadros), com ensino médio completo. Teve um episódio de AVC hemorrágico em 2008, após passar por um procedimento de clipagem de dois aneurismas cerebrais no hemisfério esquerdo. Apresenta, em consequência desse episódio, hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser *mais* caracterizada como *não-fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que a leva a produzir enunciados com muitas pausas e com parafasias (fonológicas e semânticas). Em 2009 o laudo da tomografia revelou: “Craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda. Sinais de clipagem aneurismática na região para-selar esquerda. Extensa área de encefalomalácia fronto-temporo-parietal esquerda, indicativo de isquemia no território da cerebral média esquerda”. Frequenta o CCA desde agosto de 2008.

TN, do sexo feminino, nascida em 19/06/1954, brasileira, casada, mãe de uma filha, enfermeira, com ensino fundamental completo. Teve um AVC isquêmico em 1998 e em consequência desse episódio apresenta hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser caracterizada como *não-fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que a leva a produzir poucos enunciados orais, com muitas pausas e com parafasias (fonológicas e semânticas), utiliza-se bastante de enunciados gestuais combinados à oralidade. Também produz algumas estereotipias (“um, dois”; “obrigada, um, dois”). Em 1998 o laudo da tomografia revelou: “Presença de área de hipoatenuação bem definida na região frontal à esquerda. Observa-se área de hipoatenuação, mal definida, extensa na região parietal esquerda, estendendo-se até a região da convexidade”. Frequenta o CCA desde o final de 2010.

MG, do sexo masculino, nascido em 24/09/1958, brasileiro, casado, pai de duas filhas, técnico de informática aposentado, com ensino superior. Teve um AVC isquêmico em 2009 e em consequência desse episódio apresenta uma afasia que pode ser caracterizada como *fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas parafasias (principalmente semânticas). Em 01/08/2011 o laudo da ressonância magnética do encéfalo revelou: “Área de perda volumétrica córtico/subcortical associado a alteração de sinal parenquimatosa denotando gliose, comprometendo a região temporal esquerda no giro superior e a interface têmporo-parietal adjacente. Trajeto vascular venoso transparenquimatoso na

⁵⁴ Para maiores informações sobre este caso, consultar Kleppa (2008).

região frontal lateral esquerda, caracterizando anomalia venosa/angioma como variante extrema da normalidade”. Frequenta o CCA desde fevereiro de 2011.

Voltamos, agora, a algumas das relações que haviam sido explicitadas anteriormente, em primeiro lugar com relação à fluência (exemplificados com os Episódios 1 e 2) e, depois, ressaltando a questão da subjetividade (Episódio 3).

As produções de alguns sujeitos desta pesquisa – como as de AN, GS, OJ, MA, JM e TN –, em geral, apresentam-se laboriosas, marcadas por dificuldades articulatórias recorrentes, pela dificuldade de passar de um fonema ao próximo ou de encadear elementos lexicais em enunciados mais complexos e também por dificuldades para selecionar palavras, gerando a fala de “estilo telegráfico”. Segundo Jakobson, esses sujeitos apresentariam déficits de contiguidade e, portanto, com características das chamadas *afasias não-fluentes*.

Já os enunciados de outros sujeitos – CS, AJ, SR e MG – são caracterizados por muitos dos sinais das chamadas *afasias fluentes*. De modo geral, eles não apresentam dificuldades articulatórias (com exceção de SR), mas há frequentemente dificuldades para selecionar palavras e é recorrente a produção de parafasias (fonológicas e semânticas). Especialmente no caso de não encontrarem a palavra desejada, há ocorrência de muitas pausas e hesitações; porém, pode-se dizer que o fluxo da fala é mais contínuo.

Com o intuito de ilustrar algumas das diferenças entre casos, no que diz respeito à “fluência”, trazemos a seguir os dois primeiros episódios dialógicos narrativos (Episódios 1 e 2). O primeiro sujeito – CS – tem uma afasia que poderia ser caracterizada como “fluente”⁵⁵ e o segundo – OJ – com uma afasia considerada “não-fluente”⁵⁶.

O primeiro episódio ocorreu em 10/04/2007, em uma situação de entrevista inicial de CS com duas estagiárias do curso de Fonoaudiologia – Ef1 e Ef2 – que iriam acompanhá-lo em terapia fonoaudiológica individual no CCA. Após responder a algumas questões sobre seus dados pessoais, CS inicia espontaneamente o seguinte relato:

⁵⁵ Retomamos o episódio dialógico de CS de um estudo anterior (CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES-PINTO, 2010).

⁵⁶ Este episódio foi analisado por Novaes-Pinto & Santana (2009)⁵⁶ e também citado por Novaes-Pinto (2012 a, b, c).

3.3.1. Episódio 1 (sujeito CS):

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	CS	Então... mas... e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo falar:: “Água”, qualquer coisa, eu não conseguia, eu falava só isso aqui óh, eu tava... vamos dizer que cortou essa semana e: “vamo falar!” Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.	Passa os dedos sobre as palavras de um jornal ⁵⁷ que está sobre a mesa, num gesto indicativo de <i>ler</i> .
2	Ef 1	Logo depois da cirurgia?	
3	CS	É. Aí até seis meses eu não conseguia...	
4	Ef 1	E daí, como você fazia?	
5	CS	Eu conseguia falar assim... óh, eu falava pra você e... se eu falar ce-certo, eu falo tudo errado, eu falo assim “CACHorro!” O que que é cachorro? É “água”.	Aponta para Ef1
6	Ef 2	Ah! Então você falava uma palavra, [[mas não era.	
7	CS	[[Eu sempre falava “cachorro”, tá... na minha cabeça e aí eu falo é:: “água”, agora que eu sei, agora, vamo dizer, não agora... dois anos atrás, já tudo bem. Mas... antigamente... eu tinha que falar é:: “água” e eu falava “cachorro”.	Gesto de tempo passado.
8	Ef 1	Trocava.	
9	CS	Trocava.	
10	Ef 1	Na sua cabeça, cê sabia o que era, mas na hora de f/	
11	CS	Aí, aí eu falava assim: “então num danta falar nada e me dá uma caNEta!” Chega pra mim e fala assim se tem... é não falava nada, né, “uma caneta”, né? Eu pegava a::	Gesto de escrever no ar e depois repete o gesto na mesa.
12	Ef 1	Cê escrevia? Escrever...	
13	CS	Alguma coisa eu já sei, então é “Água”, então é:: fácil di, que nem aqui, eu não consigo, de repente “água” tá aqui, aí eu já coloco “água”, já e começo a falar certo, entendeu?	Mostra o jornal. Aponta para o texto do jornal. Faz um gesto de escrever sobre a mesa.
14	Ef 1	Uhn, uhn. Mas e agora? Agora você não tem mais essa dificuldade?	
15	CS	Não, o problema ainda que eu tenho é...	
16	Ef 1	É di...	

⁵⁷ O jornal, assim como outros materiais escritos, é utilizado como recurso nas sessões de acompanhamento com os afásicos.

17	CS	Tipo assim, se pode, às vezes eu penso que... não vai...	Mostra as palavras no jornal.
----	----	--	-------------------------------

Podemos dizer que, apesar dos muitos momentos em que CS apresenta dificuldades na seleção lexical e dos muitos anacolutos⁵⁸ presentes nas construções gramaticais, a maioria dos enunciados que compõem o seu discurso é relativamente *fluente* e há, de fato, uma narrativa sendo construída dialogicamente. Entretanto, para o propósito de compreender até que ponto a afasia alterou sua capacidade de narrar, é necessário propor uma análise mais detalhada, buscando inferir sobre os *processos* subjacentes, que possam evidenciar tanto o que foi impactado, como o que resulta das suas ações criativas sobre os recursos linguísticos que lhe restaram.

Segundo a definição de Geraldi (1990/1997), as atividades epilinguísticas são as ações que se fazem sobre a linguagem, presentes nos processos interacionais e que tomam como seu objeto os próprios recursos expressivos. Tais operações se manifestam na linguagem narrativa de CS por meio das auto-correções e retomadas presentes, por exemplo, no turno 1: *Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... [...] eu tava... vamos dizer que cortou essa semana e [...]*, e ainda nos turnos 5, 7, 11 e 13. São também indícios desses processos as pausas (grafadas com reticências), nos turnos 3, 5, 7, 11, 15 e como pudemos ver no turno 1, que acabamos de exemplificar; os prolongamentos de vogais (grafadas com “:”) nos turnos 1: *Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo falá:: “Água”, qualquer coisa, eu não conseguia [...]* e 7: *Eu sempre falava “cachorro”, tá... na minha cabeça e aí eu falo é:: “água” [...]*, entre outros ; as repetições de parte do enunciado, como no turno 1: [...] *Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.*”, ou de parte das palavras, como no turno 5: [...] *se eu falar ce-certo, eu falo tudo errado [...]* e no turno 7: [...] *Mas... antigamente... eu tinha que f-falar é:: “água” e eu falava “cachorro”* que compõem os enunciados. Verificamos que CS já havia usado a palavra “caneta” por duas vezes, no início de seu enunciado, quando se depara com uma dificuldade de seleção deste mesmo item lexical no turno 11: *Aí, aí eu falava assim: “então num danta falar nada e me dá uma caNEta!” Chega pra mim e fala assim se tem... é não falava nada, né, uma caneta, né?* (gesto de escrever no ar). *Eu pegava a::* (repete o gesto na mesa). Nas vezes em que selecionou a palavra pretendida, ele estava usando o discurso

⁵⁸ O anacoluto é descrito por Dubois et al como: “uma ruptura na construção de uma frase; é formado de duas partes de frase que são sintaticamente corretas, mas cuja sequência forma uma frase complexa, do ponto de vista sintático, anormal ou divergente” (1973, p. 43 apud CANOAS-ANDRADE, 2009).

direto. A dificuldade ocorreu quando ele tentava retomar a narrativa no tempo passado.

Esse dado é, para nós, muito relevante, à medida que revela a relação entre a dificuldade de seleção e a complexidade da organização gramatical e, conseqüentemente a *fluência* do que está sendo narrado. A maior complexidade da estrutura do discurso indireto, no tempo passado, parece ter interferido na seleção gramatical. A presença das pausas, repetições e auto-correções, portanto, é fundamental para que se possa detectar a natureza das dificuldades de CS, seja com relação à seleção lexical, seja na combinação dos elementos lexicais nas estruturas lógico-gramaticais dos enunciados.

Outro fator relevante para as análises dos enunciados desse sujeito é o apoio que os enunciados dos interlocutores não-afásicos têm para ele, essenciais para a produção da sua narrativa, o que revela sua competência pragmática para lidar com sua afasia. À medida que os seus interlocutores vão dando os *acabamentos* (BAKHTIN, 1979/2010b) aos seus enunciados, CS reorganiza os seus. Podemos inferir que o sujeito aproximou-se do seu propósito discursivo.

O episódio que apresentaremos a seguir é do sujeito OJ, que pode ser considerado como um afásico “não-fluente”, ocorrido em abril de 2007. Atendendo ao pedido da coordenadora do grupo, OJ relata um fato ocorrido durante as férias de 2007, quando sofreu um enfarte.

3.3.2. Episódio 2 (sujeito OJ):

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	OJ	Janeiro. Catorze. Seis horas.	
2	Irn	Seis da manhã ou da tarde?	
3	OJ	Tarde.	
4	Irn	E aí, o que aconteceu?	
5	OJ	Dor. Dor. Muita dor!	
6	Irn	Dor onde?	
7	OJ	Peito. Frio. Muito frio. Hospital. São Sebastião do Paraíso.	Bate levemente no peito.
8	Irn	Quem te socorreu?	
9	OJ	Maria José	Mostra cicatriz no braço e no peito.
10	Irn	E aí? Preciso fazer cirurgia?	
11	OJ	Amanhã. Ribeirão Preto.	
12	Irn	Ah, no dia seguinte, foi para o Hospital em Ribeirão Preto.	

13	OJ	Isso!	
----	----	-------	--

Este episódio foi analisado por Novaes-Pinto & Santana (2009)⁵⁹, quando as autoras discutem o fato de OJ ser não-fluente e seus enunciados serem caracterizados, na literatura tradicional, como os de um “agramático”. Elas salientam que é evidente a dificuldade do sujeito com o uso dos verbos e que ele seleciona basicamente substantivos (palavras de classes abertas), deixando elípticos os verbos. Verifica-se também a ausência de elementos conectores, que ligam os eventos nos enunciados e que têm a função de ordená-los, indicando a relação entre as formas verbais utilizadas e o tempo das ações, a relação entre os personagens, etc.

Vemos que faltam, na narrativa acima, vários dos elementos postulados como *essenciais* por Labov & Waletzki (1967), como os verbos que representam a ação e o tempo passado em que os eventos aconteceram, bem como os elementos que indicam a existência de ligação entre pelo menos dois eventos. No entanto, seguindo uma análise de cunho microgenético, as autoras encontram nos dados a presença do encadeamento das ações. Um exemplo é a própria organização sintática das ocorrências lexicais no enunciado: *Peito. Frio. Hospital São Sebastião do Paraíso*, que indica cronologicamente como ocorreram os fatos. Outro exemplo é quando o sujeito diz “amanhã” para indicar que a cirurgia foi realizada no dia seguinte. Podemos acrescentar que o interlocutor não-afásico Irn reitera que compreendeu seu enunciado, dizendo *No dia seguinte*, o que é confirmado por OJ: *Isso*, o que revela que o seu *querer-dizer* foi alcançado.

Novaes-Pinto & Santana (2009) afirmam que, para driblar algumas de suas dificuldades, por exemplo, OJ repete os advérbios para marcar os aspectos temporais, como quando ele diz “antes... antes” para fazer referência a um fato acontecido antes do derrame e “antes... antes... antes” quando se trata de um fato mais antigo ainda, estratégia recorrente em suas narrativas no CCA.

Dando continuidade à nossa proposta por realizar uma análise indiciária, identificamos que OJ faz uma narrativa de forma colaborativa com sua interlocutora, isto é, de forma dialógica. Encontramos no episódio os elementos básicos de uma narrativa como: a *orientação* sob a forma de referência dos personagens (ele e a pessoa que o socorreu), do tempo (em janeiro, dia 14, às 6 horas da tarde), do local (hospital da

⁵⁹ As autoras se utilizaram deste dado justamente para ilustrar uma narrativa não-fluente, num capítulo de cunho didático sobre a semiologia das afasias.

cidade de São Sebastião do Paraíso, onde o sujeito reside); a *ação complicadora* ou fato inédito revela o que aconteceu (ele sentiu muita dor no peito e foi para o hospital); a *avaliação* está implícita no fato de que a história é importante de ser contada, ou seja, é reportável; e, por fim, o *desfecho* (ele precisou fazer uma cirurgia no dia seguinte, em Ribeirão Preto).

O Episódio 3, como havíamos afirmado anteriormente, objetiva exemplificar como a narrativa revela questões relativas à subjetividade, muitas vezes implícitas no “não-dito”. Trata-se de outro dado do sujeito CS, ocorrido em 15/05/2007, em sessão de atendimento individual, mais uma vez em interação com as duas estagiárias do curso de Fonoaudiologia. CS inicia espontaneamente o seguinte relato:

3.3.3. Episódio 3 (sujeito CS):

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	CS	Eu preciso::: fazer éh, éh::: com o papa, porque éh:: o português eu nunca vi como ele fala...	Passa lentamente uma das mãos perpendicularmente a outra
2	Ef 1	Fala bem, né?	
3	CS	Eu fiquei BObo!	
4	Ef 1	Cê viu só? Tavam falando que ele fala melhor o português que o nosso presidente, né?	Em tom de brincadeira
5	CS	É, então... verdade.	
6	Ef 1	Que hoRROR!	
7	CS	Eu precisava isso, viu?	
8	Ef 1	Tá louco, não? Ele fala BEM mesmo, né?	
9	CS	Bem mesmo.	
10	Ef 1	Quantas línguas ele fala, oito línguas, né?	
11	CS	Não sei, mas eu fiquei...	
12	Ef 1	Será que ele fala TODas as línguas bem como ele fala o português? Porque ele fala bem mesmo.	
13	CS	Eu nunca VI, fiquei BObo mesmo.	Risos
14	Ef 1	Então cê assistiu o discurso do papa?	
15	CS	Ah, eu, eu fi-fiquei olhando é::h éh p/português sabe?... Eu fiquei olhando.	
16	Ef 1	Ficou impressionado?	
17	CS	Ele fala, fala e eu fico olhando.	
18	Ef 1	Uhn, uhn, é verdade.	
19	CS	Olha, eu nunca vi, até a minha esposa falou que foi embora e eu fiquei olhando... não, éh é muita:: é português certo.	Risos
20	Ef 1	Uma facilidade, né?	

21	CS		Acena positivamente com a cabeça
22	Ef 2	E ele não tava lendo em nenhum lugar?	
23	CS	Uhn, uhn. Não, ele tem é::: ele pega aquele::: Vamos se dizê... ele pega::: é::... um... não é um... como é que chama isso aqui? É:::	Acena negativamente com a cabeça. Gesto de virar páginas. Aponta para um catálogo que pegou sobre a mesa, e depois o devolve. Pega novamente o catálogo.
24	Ef 1	Panfleteo?	
25	CS	ISSo, aí ele vai começando a, a, a faLÁ!	Passa os dedos sobre o texto escrito do catálogo, gesto de ler.
26	Ef 1	O que você viu, um discurso ou o quê, missa, parte da missa?	
27	CS	Não, eu fui, eu fui, fui assim...	
28	Ef 1	Cê viu bastante coisa?	
29	CS	É.	
30	Ef 1	Porque eu só vi o discurso de despedida dele.	
31	CS	Nossa, eu fiquei assim...	Gesto indicativo de ficar “de queixo caído”.
32	Ef 1	De queixo caído?	
33	CS	É, mas eu num falava assim é::: PAdre esse negócio assim de, de igreja não, eu só olhava aquele:::	
34	Ef 1	O jeito que ele fala, né?	
35	CS	Eu fico assim bobo, eu NUNca VI, e ele fala assim CERto, entendeu? Não é MAis ou MENos... É, eu fiquei assim... bobo, até o:: presidente, eu fazia assim: “PElo aMOR de DEus!”	(risos gerais)

O episódio pode ser caracterizado como um *relato*, no qual há um depoimento de CS, quando apresenta um julgamento valorativo de um fato sobre o qual a interlocutora sabia. Por este motivo, não foi preciso detalhar os elementos situacionais. É interessante observar que CS não ficou impressionado com o “conteúdo” das mensagens do papa (turno 33), mas pela sua fala (turno 35). Podemos também inferir, neste dado, sobre o “não-dito” nos enunciados do sujeito; algo subliminar, que contrapõe o que o papa – um estrangeiro – consegue fazer ao falar, e ele – CS – não consegue.

CS já inicia o episódio sinalizando qual seria o seu *querer-dizer* (BAKHTIN, 1979/2010b), o motivo ou interesse pessoal para narrar (LABOV & WALETSKY, 1967): *Eu preciso::: fazer éh, éh::: com o papa, porque éh::: o português eu nunca vi como ele fala....* Faz também o gesto de passar bem lentamente uma das mãos perpendicularmente a outra, de forma a complementar seu enunciado oral, o que pode ser compreendido como uma expressão que indica continuidade.

Observa-se ainda que, no decorrer do episódio, os sentidos vão sendo negociados e construídos como acontece em toda situação dialógica. Esse é o espaço onde as atividades epilinguísticas (GERALDI, 1990/1997) ocorrem e podem ser reveladas pela presença das auto-correções (CS: turnos 20, 23, 27, 33; Ef 1: turno 26), pausas longas (CS: turnos 1, 5, 15, 23, 27, 31, 35) e repetições (CS: turnos 1, 15, 17, 23, 25, 27, 33). Quanto a estas, por exemplo, podemos ver no turno 15: *Ah, eu, eu fiquei olhando éh:: éh p/português sabe?... Eu fiquei olhando*, que CS faz uso de repetições tanto de palavras isoladas como de parte do enunciado e também das pausas mais longas (marcadas com reticências) para reiterar e reelaborar seu enunciado, buscando deixá-lo mais claro, com o intuito de que seus interlocutores percebam o seu *todo*, sua conclusibilidade. Chama a atenção a frequência com a qual esses recursos aparecem nos enunciados do sujeito CS, muito possivelmente como estratégias às quais ele recorre para lidar com suas dificuldades linguísticas.

Da mesma forma, ele defende um ponto de vista e o tempo todo vai checando com sua interlocutora se ela o acompanha; vai avaliando sua narrativa, ao longo do processo. Vemos, por exemplo no turno 14, que a interlocutora Ef1 pergunta se ele assistiu ao discurso do Papa. CS confirma, mas esclarece que seu interesse era no “português” e não no conteúdo do discurso. Tal fato pode ser verificado mais uma vez quando ele argumenta que seu interesse não diz respeito à religião (turno 33), mas à expressão *oral* do Papa, apesar de admitir que ele estava fazendo uma leitura. Isso é reiterado no enunciado da interlocutora no turno 34 e revela que CS aproximou-se de seu *querer-dizer*. O último turno (35) reitera esta significação, quando diz que: *[...] ele (o papa) fala assim CERTO, entendeu? Não é MAis ou MENos...*

Assim como nos dados de CS aqui apresentados, veremos que a subjetividade revela-se constantemente nos discursos narrativos dos demais sujeitos com afasia que fizeram parte de nossa pesquisa.

3.4. As narrativas como dados singulares

Tendo explicitado os pressupostos teóricos e metodológicos desta tese, passamos agora a elencar os demais episódios (do 4 ao 11) que compõem nosso *corpus*, chamando a atenção para aquilo que é característico de um determinado sujeito ou de uma forma de afasia e o que se mostra como recorrente nas análises. Como já dissemos em vários momentos, ao longo do trabalho, importa para nós, sobretudo, as estratégias criativas dos sujeitos para narrarem, a despeito das dificuldades impostas pela afasia.

3.4.1. Episódio 4 (sujeitos JM e SR):

Este episódio tornou possível que conhecêssemos uma parte de duas histórias de vida, a de JM e a de SR, sobre as quais até então não sabíamos. Muitos anos antes de se encontrarem no CCA, os dois haviam trabalhado para a mesma empresa. Havia, portanto, conhecimentos compartilhados entre eles sobre os quais o restante do grupo pouco sabia.

A narrativa ocorreu numa sessão do grupo em 01/12/2009, com a participação mais efetiva de JM, SR, DP, Irn, Imp e Ef⁶⁰. Após Irn comentar que alguns sujeitos do grupo conhecem muitos lugares (bairros) em Campinas, JM inicia o seguinte relato:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	JM	Eu andava tudo lugar.	Gesto circular com o braço.
2	Irn	O senhor era vendedor, não é?	

3	JM	É que... é que... nós andava tudo lugar nesse lugar que a gente ia... porque a:::...	Aponta para todo o espaço da sala, fazendo um círculo com o indicador e em seguida pontuando, como se estivesse indicando uma sequência de lugares pelos quais andava.

⁶⁰ Ef era a estagiária do curso de Fonoaudiologia que atendia JM nas sessões individuais.

4	DP	Fornecedor?	
5	JM	NÃO, é onde é que a gente... nós (EI).	
6	Irn	A trabalho?... O senhor ia a trabalho [[nesses lugares todos?	
7	JM	[[ISSO, é é. É... as primeira, as primeira::: a gente::: aí a gente...	Olha para Irn e faz expressão de que está com dificuldades para contar.
8	Irn	Vai sim... tá falando tudo! NOssa já falou um monte, não é seo SR?	
9	SR		Acena positivamente com a cabeça.
10	Irn	Eu só não sei por que vocês começaram a falar desse assunto... depois vocês me contam.	Olha para JM e para SR.
11	JM		Sorri e olha para Irn, gesticulando com as mãos.
12	Irn	O senhor fazia isso a trabalho, o senhor ia nos nos vários bairros.	Faz gesto circular sobre a mesa.
13	JM	Não, é que a gente andava aí fazia::: fazia onde onde é que onde é todos meus colega daí daí ó.	Faz gesto de contar nos dedos. Procura e depois aponta para WS ⁶¹ .
14	Imp	Morava.	
15	JM	É, é.	
16	Imp	Em Cosmópolis? Seus colegas?	
17	JM	É.	
18	Imp	Quando o senhor trabalhava na Shell?	
19	JM	Isso, é ... nesse lugar, é.	
20	Irn	O senhor fazia as visitas, é:: o senhor ia nos postos de gasolina também, ou não ia?	
21	JM	Não não lá... não é::	Faz gesto negativo com indicador.
22	Irn	Não é distribuidor de gasolina, lá?	
23	JM	Não... não lá é:::... não.	
24	SR	(EI)	(muito barulho)
25	Irn	Não... lá é::	

⁶¹ O sujeito WS era um dos participantes do CCA e residia em Cosmópolis.

26	Irn	Óh, o senhor já morava em Campinas?	
27	JM	Isso.	
28	Irn	Morava em Campinas, mas fazia aquela região ali de Cosmópolis.	Aponta para WS.
29	JM	Não não a gente... colega era tudo.	
30	Irn	Ou o senhor tá falando do senhor WS, onde ele mora agora?	Aponta para WS e depois para a mesa.
31	JM	É... não não não lá nesse lugar aqui onde é que a gente::: porque ela é colega os coLEga era tudo de lá.	
32	Imp	O senhor ia passeAr em Cosmópolis.	
33	JM	Não.	
34	Irn	Mas... o senhor disse que ia a trabalho?	
35	JM	Não.	
36	DP	Ele ia a trabalho.	
37	Imp	Ah, o senhor ia a trabalho também?	
38	JM	Isso.	
39	Irn	Andava bastante, não é seu JM?	
40	JM	Eu::: tive... teve um dia que teve um dia que a gente custava então... a gente custava assim, saía daí... assim.	Mostra os dedos das mãos.
41	Irn	Várias pessoas?	
42	JM	Não não... chega assim quando era, quando passava o tempo tudo aí dava a as as...	Faz gesto circular no ar.
43	Irn	O número de lugares que o senhor tinha que passar, é isso?	
44	JM	Não, não é... num num.	Aponta para sua boca.
45	Irn	Vamo lá, o senhor tá contando como que era na/	
46	JM	Eu sei, mas eu quero:: ... eu não sei... falar falar com quem a gente::	
47	Irn	Os nomes das pessoas?	
48	JM	Não.	
49	Irn	São todos colegas de trabalho?	
50	JM	Isso, era.	
51	Irn	Vocês faziam um grupo e iam visitando esses lugares?	
52	JM	Esses luga:::r, faz faz, a gente::: a	

		gente::: fala:::	
53	DP	Vendia?	
54	Imp	Era representante? Não?	
55	Irn	Era repres/ o senhor JM era representante, não era? Não, não é isso?	
56	JM	Não é.	
57	Irn	Ef sabe. Ef, o que ele fazia na SHELL?	
58	Imp	Vendedor?	
59	JM	Não.	
60	Irn	Não, não era vendedor.	
61	JM	Não, eu... era... fala...	
62	Ef	[[Desculpe... pelo que eu entendi, ele mexia com máquinas. Não era com máquinas?	Olha para JM.
63	DP	[[Mecânico? Não...	
64	Ef	Operador de máquinas?	
65	JM	Era, não era [[fazia	
66	DP	[[De bombas?	
67	Irn	A Ef tá falando que o senhor era operador, operador de máquinas?	
68	JM	Não, não é não... era...	
69	Irn	O senhor... vocês iam todos juntos?	
70	JM	Bom... uhn uhn sim... é/	
71	Irn	O senhor falou que várias pessoas iam a lugares diferentes.	
72	JM	Isso, daí a gente ia nos lugar e daí::	
73	Irn	E ficavam quanto tempo em cada um desses lugares?... Só ia lá ra-rápido [[ou ficava lá/	
74	JM	[[Saía, saía, aí andava tudo tudo tudo tudo si o que eles falava/	
75	DP	[[Vistoria? Fazia vistoria, era isso?	
76	Irn	[[Então... mas não ficava mais que um dia em cada lugar?	
77	DP	Fiscalizava?	
78	JM	Não, fazia tudo dia tudo dia.	

79	Irn	Todo dia saía pra esses lugares.	
80	JM	Isso, ahn ahn.	
81	Imp	Óh, a don/dona DP falou/	
82	DP	Fiscalizava? Fiscalização?	
83	JM	Não, ela ela... a gente fala, a gente:: tinha tinha lugar.	
84	DP	Orientava?	
85	Irn	Era coisa assim... de... papelada, ou era assim braçal? Tinha que ir lá e fazer alguma coisa? Era isso?	Faz gesto de escrever.
86	JM	S:::/ é é isso, era era.	
87	Imp	Manutenção? Não era manutenção que o senhor fazia?	
88	JM	Não não é... eu sei como é que ela, como é que ela cham/como é que fala?	
89	Irn	Tinha um engenheiro que ia junto... que orientava os projetos e vocês iam pra executar o que o engenheiro pedia.	
90	JM	Tinha tinha tinha. Isso... éh::... aí ela falava tudo tudo o que tinh/...	
91	Imp	O que tinha que fazer... pra montar? Pra pra... não era posto não, né?	
92	DP	Explicar?	
93	JM	Não, não é::	
94	Imp	Não, não era::: co::m/	
95	Irn	A gente tá achando que era posto porque é Shell.	
96	JM	Outro dia já, a menina falou esses dia.	Aponta para Imp.
97	Imp	É é... não é posto é::... adu/aDUbo!	
98	DP	[[Não.	
99	JM	[[QUAse.	Sorri.
100	Imp	Não. É agrotóxico, não é? É, os agroTÓxicos, né?	
101	DP	[[Ah!Então era... como é que chama? DEDEtização?	
102	JM	[[ISSO!	
103	Imp	Então, o senhor detetizava?	
104	Irn	Ah! Tá... mas eu acho que é mais com controle de ambiente, essas coisas... porque a Shell/	
105	DP	Dedetizava? DETetizava?	

106	JM	Não... esse lugar/	
109	DP	Ensinava, explicava como era?	
110	Irñ	Não, eu acho que eles iam lá pra faZÊ mesmo.	
111	JM	Nóis faiz mesmo... Isso isso.	Acena positivamente com a cabeça.
112	Imp	A aplicação mesmo... dos agrotóxicos?	
113	JM	Não, a gente a gente... não sei falar.	
114	Imp	Não. Eram eram nas fazendas?	
115	JM	Como?	Olha para Imp.
116	Imp	Eram em fazendas?	
117	JM	Não, era perto perto do... do...	
118	SR	Da fábrica? Da fábrica?	
119	JM	ESSES, esses.	Aponta para SR.
120	Imp	Loja que vende agrotóxicos?	
121	JM	Não.	
122	Imp	Não... não era.	
123	JM	Esses esse homem aqui ó... nós é meio meio colegas... colega dele assim que...	Aponta para SR.
124	Imp	Trabalhava JUNto?	Olha para SR.
125	JM	Não... ele/	
126	SR	O senhor tava na *Shell p/química... na Shell química!	Olha para JM.
127	Irñ	Por isso que ele estava falando que não era gasolina, eram outros produtos químicos... e eles iam para... testar esses/	
128	SR	Tem um <i>pédio</i> que <i>famava</i> chamava OPAla! Tinha, tinha?	Olha novamente para JM
129	JM	Isso!	
130	SR	Eu <i>judei</i> montar aquela maquinário lá.	
131	JM	Opala.	
132	Irñ	Maquinário num prédio que chamava Opala!	
133	SR	É.	
134	Irñ	E o que era, seu SR ... era um/	
135	SR	Era uma unidade di di di <i>*fabricar grotó</i> / o <i>*veneno</i> .	

136	JM	Isso.	
137	Irn	[[Ah, onde fabrica:::va. E era nesses lugares/	
138	Imp	[[AH! Eram unidades, o senhor ajudava a montar as unidades.	
139	Irn	Óh, o senhor tá vendo... óh, porque o seu SR conseguiu, né? Ajudar o senhor... porque ele sabe do assunto, a gente não sabe. Então, por isso que... é assim, a gente quer saber mais, né? O senhor tem que dar mais detalhes pra gente chegar lá.	Toca no braço de JM.
140	JM	Uhn... Ah... mas num num, num...	Aponta para sua boca.
141	Irn	Não, mas o senhor tá... ele ele entendeu também do que o senhor tava falando. É que a gente é que não sabia exatamente o que o senhor fazia, né? Por isso que a gente não consegue ajudar muito quando não sabe... do assunto, né? Mas isso o senhor fez durante quanto tempo, seu JM... muitos anos, né?	
142	JM	Mais assim vinte vinte vinte vinte é... depois vin ... é acho que dá...	Faz gesto de contar nos dedos.
143	Irn	Mais de vinte anos.	
144	JM	É isso.	
145	Irn	O senhor se aposentou pela Shell?	
146	JM	Foi.	Acena positivamente com a cabeça.
147	SR	O s-senhor, você deide o começo da fábrica, o s-se-senhor tava tava lá? Tudo?	
148	JM	Não não... ar/... daí daí daí uns daí o primeiro... dois dois ano aí eu eu eu saí... [[não, saí não, eu sa-sai	Mostra nos dedos.
149	Irn	[[Ch/chegou?	
150	JM	Comecei comecei, é.	Aponta para si.
151	Irn	Tinha começado fazia uns dois anos?	
152	JM	Isso... é.	
153	SR	Eu não conheci o senhor porque eu montei a fábrica e saí.	
154	JM	[[Sim.	

155	SR	[[Não... não... não...	
156	Irn	Não se encontraram!	
157	SR	É.	
158	Irn	Quanto tempo o senhor ficou lá? Dois anos, montou a fábrica, foi embora e ele chegou!	Risos.
159	SR	Um ano e pouquinho.	
160	Irn	Ah, por isso que vocês não se encontraram.	
161	Imp	[[Quase que que vocês trabalharam junto.	
162	Irn	[[Vocês entenderam, gente? Quase trabalharam junto porque o senhor SR foi e montou o maquinário. Onde era isso, seu SR, que lugar?	(dirigindo-se aos outros participantes do grupo) Olha para SR.
163	SR	Fa-fábrica da Shell química em Paulínia.	
164	Imp	É... em Paulínia.	
165	Irn	Paulínia, em Paulínia que era/	
166	SR	Ve*ne:::no muito brabo.	
167	Irn	É, né?	
168	SR	Eu não fiquei lá porque eu... por causa do veneno do rato.	
169	Irn	AH::! Por isso!	
170	SR	Porque eu:::	
171	JM	E eu fiquei foi...	Risos e depois mostra seus dedos para indicar quantidade.
172	Irn	O senhor não quis ficar lá por causa do veneno do rato e o senhor JM foi e ficou vinte anos.	Risos. Risos, aponta para JM.
173	SR	E eu fui convidado passar na ma*nutenção da fábrica e eu num num fiquei, não quis.	
174	Irn	O senhor não quis ficar... se manDOU... Mas o senhor continuou na Shell?	
175	SR	Não.	
176	Irn	NÃO? Aí teve que sair então? Olha só, ele quis sair da Shell por causa do veneno, o senhor ficou com medo?	

177	SR	[[Eu fi*quei viu, porque:::	
178	JM	[[Es::/ELE ele, os colega dela, tudo tudo.	Olha para Imp e aponta para WS. Faz vários movimentos com as mãos e olha para baixo com expressão de frustração.
179	Imp	O senhor, seo WS?	
180	JM	É.	Aponta para WS.
181	Imp	Seo WS?	
182	JM	É, os colega meu mora tudo pertinho lá.	
183	Imp	Ah TÁ... de Cosmópolis.	
184	JM	É (EI).	Direciona os olhos e as mãos para o alto com expressão de frustração.
185	Irn	Ah lá! Ó, ele não ficou com medo, e-ele ficou com medo e pediu as contas e foi embora.	Toca no braço de JM e depois olha para SR.
186	SR		Acena positivamente com a cabeça.
187	JM	Saiu fora... isso	Olha para Irn e depois para SR.
RECORTE			
188	Irn	Mas tem gente que tem MUIto medo e pede até as conta e vai embora	Risos, olha para SR.
189	JM	Is-é bastante.	
190	Irn	É porque é saúde, né? [[As pessoas pensam mais na saúde	
191	SR	[[Mas, mas eu gosTAVA do que eu fazia, mas o veNEno...	

O sujeito JM inicia espontaneamente seu relato, mas suas dificuldades são evidentes logo no começo e parecem não permitir que ele diga tudo o que precisava ou queria para se fazer compreendido – o *todo* do enunciado (BAKHTIN, (1979/2010b). Observamos que, além disso, Irn não consegue compreender o que JM queria dizer, por

não compartilhar de dados referentes à sua história e diz, no turno 141: *É que a gente é que não sabia exatamente o que o senhor fazia, né? Por isso que a gente não consegue ajudar muito quando não sabe... do assunto, né?* Enunciados como este, de Irn – e que são recorrentes em nossas interações com os afásicos – têm papel fundamental, uma vez que tira desses sujeitos a total responsabilidade pelo que não é (ou não pode ser) compreendido. Alivia o peso da incompreensão, da imprecisão na circulação dos sentidos. Os não-afásicos, ao compartilharem do fracasso, tornam-se solidários com o sofrimento por não conseguir dizer e se fazer compreender (NOVAES-PINTO, 1999).

Por mais que JM tenha tido muita dificuldade, a narrativa evolui ao longo de quase 200 enunciados construídos conjuntamente (entre ele e vários outros interlocutores). Somente a partir do turno 123, ele recorre ao sujeito SR, que havia trabalhado na mesma fábrica, solicitando que o auxiliasse: *Esses esse homem aqui ó... nós é meio meio colegas... colega dele assim que...*, uma estratégia frequentemente observada nas situações dialógicas com JM quando ele acha que outro sujeito (afásico ou não-afásico) pode ajudá-lo a expressar seu querer-dizer.

O que acontece na sequência é que SR esclarece algumas das informações para que o grupo compreendesse que se tratava da Shell Química, que fabricava agrotóxicos (na fala de SR: *veneno*, no turno 135). Para narrar os detalhes ao grupo, SR trava com JM um diálogo direto, primeiramente perguntando sobre quanto tempo ele trabalhou lá. Fica evidente, nesse momento, que eles não haviam se conhecido pessoalmente naquela época, já que SR fez parte apenas da montagem dos equipamentos da fábrica e depois saiu.

Ao olharmos os dados de modo mais minucioso, observamos que já nos turnos 24 (quando o enunciado do sujeito SR não é compreendido devido ao barulho) e 118 (*Da fábrica? Da fábrica?*), SR já tentava participar/colaborar com o relato do colega. JM percebe a oportunidade e “concede” o turno a ele. A dificuldade de JM para encontrar/selecionar as palavras que deseja para construir seu enunciado fica evidente no turno 119: *ESSES, esses*, quando tenta pedir auxílio a SR. Como a interlocutora Imp não havia percebido esse gesto de JM e o interpela novamente (*loja que vende agrotóxicos?*), ele tenta reformular, no turno 123: *Esses esse homem aqui ó... nós é... meio colegas... colega desse assim que...*, apontando novamente para SR.

Ao longo do episódio, a indeterminação nos enunciados do sujeito JM o leva à frustração, pois ele percebe que não está sendo compreendido, como se vê nos turnos 46: *Eu sei, mas eu quero:: ...eu não sei... falar falar com quem a gente::* ou também no

turno 113: *Não, a gente a gente... não sei falar*. Esses enunciados mobilizaram vários integrantes do grupo (Irn, Imp, DP), além de SR, a compreendê-lo, mostrando, ao contrário do que JM imaginava, que tinham interesse em sua história. Como vimos, existe certo pacto entre os interlocutores para que uma narrativa se desenvolva (HANKE, 2005) e é nesse sentido que os demais integrantes do grupo vão dando acabamentos aos enunciados de JM, como nos turnos 2, 4, 6, 16, 18, 20, 22, 26, 30, 34, 37.

Na maioria das vezes, é possível se aproximar do querer-dizer do sujeito, como na sequência entre os turnos 16 e 19 em que Imp pergunta: *“Em Cosmópolis... seus colegas?”* e JM responde: *Sim*; então, Imp diz: *Quando o senhor trabalhava na Shell?* e JM confirma: *Isso, é ... nesse lugar é*. Entretanto, nem sempre é possível determinar com precisão seu intuito discursivo, como se observa no turno 4, quando DP pergunta: *Fornecedor?* e JM responde: *NÃO, é onde é que a gente nós (EI)*.

A dificuldade de JM para selecionar e combinar as unidades linguísticas (cf. Jakobson, 1954/1970,) apresenta-se em muitos turnos. A título de exemplo, citamos mais alguns: No turno 1: *Eu andava tudo lugar*; turno 5:[...] *a gente nós*; 40: *Eu:: tive... teve um dia que teve um dia que a gente custava então... a gente custava assim, saía daí... assim*; turno 65: *Era, não era fazia*; turno 148: [...] *eu saí ... não, saí não, eu sa-sai* e sua reformulação no turno 150: *Comecei comecei, é*.

Situação semelhante ocorre com os enunciados de SR⁶², como se observou, por exemplo, no turno 12: *She-fa-fábrica da Shell qui-química em Paulínia*, ou ainda o turno 17: *Eu não fiquei lá porque eu... por causa do veneno do rato*. Somente após fazer uma pausa, SR consegue reorganizar seu enunciado.

Os dados revelaram que a dificuldade principal de SR é também a de *encontrar/selecionar palavras*, o que acaba impactando, por vezes, a construção sintática. Apresentamos, a seguir, mais alguns exemplos extraídos de enunciados de SR, para que se perceba a recorrência dessa situação, como no turno 155: *Não... não... não...*, ao iniciar várias vezes seu enunciado, seguido de pausas longas. Irn deu o acabamento ao que ele queria dizer e completou o enunciado no turno 156: *Não se encontraram!* e SR confirmou em seguida: *É*.

O mesmo parece ter se repetido entre os turnos 170 e 172, quando SR disse: *Porque eu:::*, e Irn, diante de sua hesitação (marcada pelo prolongamento da vogal),

⁶² O recorte da narrativa de SR e sua análise foram apresentados em trabalho anterior (CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES-PINTO, 2011).

retomou o enunciado e mais uma vez o complementou, ligando os enunciados de SR e de JM, que também participava da interlocução: *O senhor não quis ficar lá por causa do veneno do rato e o senhor JM foi e ficou vinte anos*. No turno 177 isso volta a ocorrer, quando SR diz: *Eu fi*quei viu, porque:::*, no qual verificamos tanto a imprecisão articulatória quanto a presença de hesitação.

Apesar das dificuldades características das várias formas de afasia, podemos afirmar que somente as práticas sociais e efetivas com a linguagem propiciam que os sujeitos exerçam a sua competência pragmática. Dentre os inúmeros exemplos que se poderia destacar, citamos a postura de SR neste episódio, que espera a oportunidade para retomar a palavra.

No turno 185, Irn reconheceu que SR não havia concluído tudo o que queria dizer e procurou auxiliá-lo; toca em JM (que estava com a palavra) e diz: *Ah lá! Ó, ele não ficou com medo, e-ele ficou com medo e pediu as contas e foi embora*. No turno 188, continuou: *Mas tem gente que tem MUITO medo e pede até as conta e vai embora*, brincando com a situação, o que permitiu que SR retomasse sua narrativa e a concluísse.

Nos parece que SR, com os recursos linguísticos que ainda tem disponíveis, considerando-se sempre o impacto da afasia, provavelmente consegue se aproximar mais de seu querer-dizer do que JM e, conseqüentemente, apresenta uma narrativa em que são mais visíveis os elementos de sua composição, tal como apresentados por Labov & Waletzky (1967). Sintetizando, poderíamos reconhecer esses elementos da seguinte forma:

- *Resumo*: logo no início do episódio, SR explicitou do que tratava sua narrativa, ao dizer que não havia conhecido JM, pois saiu logo após montar a fábrica.
- *Orientação*: passou a explicitar melhor os elementos a serem narrados, a partir das interperlações de Irn sobre quem (respondida no turno 153), onde (turnos 153: *fábrica* e 163: *fábrica da Shell química de Paulínia*), quando (entre os turnos 153 e 159: *na época da montagem da fábrica até aproximadamente um ano e meio depois*).
- *Ação complicadora e desfecho*, que dizem respeito à sua saída da fábrica, por causa do “veneno brabo”, do qual ele tinha medo.

Ao aprofundar o conceito de *avaliação*, Labov (1972) afirma que ela pode acontecer isoladamente ou no desenrolar da narrativa, informando a parte dramática e/ou emocional da mesma. A avaliação traz o posicionamento pessoal do narrador, como pode ser visto, por exemplo, no turno 191 de SR: *Mas, mais eu gosTava do que eu fazia, mas o veneno...* Por meio da utilização de ênfase, da reiteração e da pausa final, SR deixa claro que gostava do seu trabalho, mas sabia que o veneno era muito perigoso e isto foi o que o motivou a sair. Este enunciado enfatiza ainda o caráter argumentativo da narrativa, pois mostra o ponto de vista de SR. De acordo com Hanke (2005, p. 121), “a comunicação tem, em geral, um caráter argumentativo”.

Por fim, ainda encontramos nos dados de SR, outras características que também são próprias da narrativa, como a construção adequada para expressar a dependência temporal entre os eventos e o uso do tempo passado marcado nos verbos de ação que, como veremos mais adiante, estão presentes em geral nas narrativas consideradas mais fluentes e menos severas. Vale a pena ressaltar, portanto, os ganhos decorrentes do trabalho em grupo (e com narrativas) com sujeitos afásicos, pois compartilhar histórias de vida se constitui como uma prática social efetiva. Enquanto narram – não apenas para interlocutores não-afásicos, mas para outros sujeitos com dificuldades semelhantes – os afásicos passam a conhecer/perceber melhor suas próprias dificuldades e ainda buscam superá-las valendo-se das pistas dadas pelos outros sujeitos, reorganizam seu querer-dizer e suas memórias (lembranças) e continuam se constituindo como sujeitos sociais e de linguagem

3.4.2. Episódio 5 (sujeitos JM, MG e SR):

Deste episódio, ocorrido em uma sessão coletiva do CCA, no dia 03/05/2011, participaram, além de JM, MG e SR (principais narradores), AC, Irn, Imp e Itn, que falavam sobre as notícias da semana. Como JM já havia feito um comentário sobre a morte de Bin Laden, antes do início da sessão, Irn tenta retomar o tema e JM inicia a narrativa:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	JM	Despoi, despoi falei no, do, lá no:: Lá no f/	Aponta para cima e para sua esquerda, com o braço esticado.

2	Irn	De quem que era... que o senhor tava falando? De alguém.	
3	JM		Leva a mão à cabeça, depois olha e aponta para AC ao seu lado.
4	AC	Parreira?	
5	JM		Faz gesto negativo com o indicador.
6	AC	Não, Bin Laden!	
7	JM	É. Bin... isso... é.	Acena positivamente com a cabeça.
8	Irn	O que que tem o Bin Laden?	
9	JM	Ah. Não sei.	Faz gesto de “deixa pra lá” e depois gesto negativo com o indicador.
10	Irn	Conta pra nós.	
11	JM	Eu sei, mas eu num.	
12	Irn	Tem gente aqui que nem sabe, quem ficou estudando muito ontem e hoje, nem ligou a televisão e não viu a notícia. Por exemplo, a Itn não sabe de nada o que aconteceu no Brasil e no mundo.	Aponta para Itn.
13	Itn	Só estudei.	
14	Irn	Só estudou. Conta pra ela.	Aponta novamente para Itn.
15	Imp	O que aconteceu com o Bin Laden seo JM?	
16	JM	Morre::u.	Risinho tímido (risos gerais)
17	Imp	Isso! É isso mesmo.	Acena positivamente com a cabeça.
RECORTE			
18	Irn	Eu acredito que::: tem alguma coisa por trás que...	
19	MG	PoLítica.	
20	DP	Que não deixa mostrar... isso, porque eles não iam anunciar pro MUNdo inteiro... uma coisa que::	
21	MG	Não sumiram ele. Lembra aquele::: filme... do Ra-raPOsa?	
22	Irn	Alguém sabe que filme que ele tá falando?	
23	MG	Ele era um...	
24	DP	Que filme que é?	
25	MG	Era do...	
26	Imp	Raposa...	
27	MG	É, era da::: Tem RUssia éh::: aquele	

		que meinho que... eram duas que brigam um com o outro... não, não é Rússia, aqui embaixo... fica bem no meio... lá... é:::	
28	Irn	Na época que era da Bósnia:::	
29	MG	I::sso, exatamente, um e outro, que tinha um política chamado Rap/	
30	Irn	RaPOsa.	
31	MG	Rap/o::sa, eles fizeram um acordo exatamente com os americanos porque...: “CÊ fica aí óh, quanto CÊ quiser, não tem problema nenhum.” Depois que botaram o filme porque... aí quando, eles MESmo sumiram com o CAra... poder entregar o cara, realmente... tem um filme inTElro sobre isso, mas se você pegar aquilo ali... óh, quando eles põem no filme, sinceramente, eles fala que é mentira, mas, pode botar, uns 80% ali que::	
32	Irn	Que é história! O que aconteceu?	
33	MG	Que é história... então por isso que eu acho que... é a mema história, pera aí, o que que ele ganha com isso, lógico que ele ganha... que se voltar...	Abre as mãos, virando as palmas para cima. Gira os indicadores.
34	Irn	Você acha que o [[Bin Laden... ficaria quietinho/	
35	MG	[[Mas o outro, [EI] o novo presidente, ele quer continuAR [EI]	
36	Irn	Ah, o OBama, por causa da reeleição?	
37	MG	É lógico.	
38	Irn	Você acha que foi um acordo: “Você fica aí, eu não te procuro mai::s.”	
39	MG	Ele quer tirar o que, ele não quer tirar... a... os militares lá...	
40	Irn	Uhn.	
41	MG	Ao contrário, ele quer mante::r e com isso ele pega, o:: petróleo.	
42	DP	A fama.	
43	MG	Não, o petróleo.	
RECORTE			
44	MG	Ele foi escolhido por QUÊ? Por que ele foi escolhido?	
45	Irn	Ah, ele tem uma história, respeiTÁvel.	
46	MG	Eles preciSAvam, eles preciSAvam, dum dum, pra poder, sair daquele buraco que tavam faLINdo, os Estados Unidos.	

47	Irn	A Itn não sabe como foi que ele foi pego, o senhor sabe explicar, como tão dizendo que foi?	Olha para SR.
48	SR	Ele ah ele ahn di*zendo que... foi uma <i>boscada</i> .	(fala laboriosa)
49	Irn	Emboscada.	
50	SR	Ele... <i>tacaram</i> a mansão dele, <i>entaram</i> e... houve um tiroteio, i i ele <i>tingiu</i> na cabeça... e que uma muié dele tava, f-feito escudo <i>amano</i> , mas f/	(fala laboriosa)
51	Irn	De escudo humano, né? Ela ficou.	
52	SR	E que ela foi morta também, né? Eu sei disso.	
RECORTE			
53	Itn	Como sabiam que aquela casa era a casa dele?	
54	Irn	Como sabiam? Quem sabe contar?	Olha para o grupo.
55	JM	Mas é LÁ, esse lugar, esse lugar, eles...	Aponta novamente para cima e para o lado. Expressão de frustração.
56	Imp	Eles ficaram investigando, né, seo JM?	
57	Irn	Desde quando, que eles estavam investigando, isso?	
58	SR	Ano atrás, né?	
59	Irn	Começou há quase um a::no.	
60	JM	Isso.	Acena positivamente com a cabeça.
61	Irn	E porque eles perceberam, quais eram os indícios de que ele poderia estar lá? [[Por que eles começaram a desconfiar?	
62	SR	[[O:: vou falá, num sei <i>palava</i> certa, o <i>ajante</i> , um agente, um funcionário, dele... tava, se/ o policial seguiram, ele...	
63	Irn	O mensageiro.	
64	SR	Isso, é, isso.	
65	Irn	Por que começaram a desconfiar? Porque nessa região, que é uma região do norte do Paquistão, éh, tem muitas casas grandes, então não era só porque era uma casa grande, era porque por fora ela não tinha a aparência de que fosse uma mansão. O senhor falou que era uma mansão.	Aponta para cima.

			Olha para SR.
66	SR		Acena positivamente com a cabeça.
67	Irn	Por dentro era uma mansão, um palacete, mas por fora, ela não chamava a atenção pelo taMAngo, mas por quê que ela chamava a atenção? Tem várias coisas que falaram assim por três motivos, por que que poderia ele estar escondido ali, quais eram as pistas?	Enumera segurando um dedo de cada vez.
68	SR	Uma coisa era o muro alto, muito alto.	Leva as mãos para cima.
69	Irn	Muito alto o muro, mais de cinco metros o muro, que mais? Senhor JM sabe da notícia?	Aponta para cima. Continua enumerando com os dedos e olha para JM.
70	JM	Is:::o.	Acena positivamente com a cabeça.
71	Irn	Seo AC ajuda aí o seo SR a lembrar.	
72	AC	Só posso dizer que foi, o que passou na na na... na na...	
73	Irn	Na reportagem? Ahn.	
74	AC	Que passou um helicóptero em cima.	Faz gesto de sobrevoar algum lugar.
75	Irn	Isso.	
76	MG	E desceram várias pessoas.	
77	Irn	Isso, mas então agora nós tamos tentando pensar assim, porque que desconfiaram que podia ser lá?	
78	AC	Porque achou que ele tava, sozinho em casa.	
79	Irn	Então, mas quais eram as pistas [[NA CAsa.	
80	AC	[[As pistas.	
81	Irn	Então o seo SR falou que o muro era muito alto.	
82	AC	Muito alto.	
83	Irn	Mas tinha várias casas grandes ali [...]	

Verifica-se, logo no início do episódio, assim como vimos no Episódio 4, que JM se vale da colaboração de outro participante do grupo e se apoia, de modo especular, no enunciado do sujeito afásico AC para falar do personagem principal de sua narrativa – “Bin Laden” – e o complementa, no turno 7: *É. Bin... isso... é.* JM é solicitado por Irn a desenvolver a história: *O que que tem o Bin Laden?* (turno 8) e o sujeito diz, no turno 9:

Ah. Não sei, seguido de um gesto que normalmente se usa pra dizer “deixa pra lá”. Este enunciado apresenta-se novamente como um importante indício de que ele reconhece suas dificuldades linguísticas – inferência possível porque recorrente em seus enunciados, o que se confirma no turno 11: *Eu sei, mas eu num*.

Faz parte de nossas práticas no CCA dar vez e voz aos sujeitos afásicos, a fim de que nas situações dialógicas possam superar e driblar suas dificuldades. Assim, Irn e Imp insistem para que JM desenvolva seus enunciados, motivando-o a contar o que deseja e ainda demonstrando interesse para isso.

Inicialmente, a tentativa de Irn não surte efeito, o que nos leva a refletir se talvez, além da insegurança de JM frente as suas dificuldades, sua pergunta possa ser interpretada de forma muito ampla: *O que que tem o Bin Laden?* Imp, na sequência, reformula a questão: *O que que aconteceu com o Bin Laden seo JM?* Ele, por fim, diz com ênfase, no turno 12: *Morre::u*, quando todos riem, porque ele imitou a fala de um humorista conhecido por todos (Nerso da Capitinga), o que, para nós, é um dado relevante por ser índice de algo bastante complexo que está preservado no funcionamento linguístico/cognitivo (o humor) e, por isso mesmo, trata-se de um enunciado singular. Em outras palavras, revela-se aí a competência pragmático-discursiva de um sujeito que continua na linguagem de forma criativa, frente às dificuldades para conseguir narrar, provocando como acabamento o riso de seus interlocutores.

Irn, no entanto, compreende que há ainda a possibilidade da narrativa ser desenvolvida com mais detalhes e, no turno 47, volta a perguntar a SR se ele sabia como Bin Laden foi capturado (já que ambos compartilhavam da notícia). Novamente temos SR oferecendo mais detalhes para a construção conjunta dos enunciados.

Consideramos importante salientar que SR é um dos participantes mais antigos do Grupo III do CCA (desde 2006) e, como vemos nos seus dados, ele desenvolveu com bastante êxito estratégias para se aproximar de seu propósito discursivo. Como já dissemos, uma das atividades das sessões coletivas é a de contar sobre as notícias ocorridas na semana. Sendo SR um dos que mais acompanharam os noticiários, foi eleito, carinhosamente, como o *âncora* do grupo. Apesar de considerarmos nesta pesquisa que esse sujeito seja (mais) fluente, há algumas características em seus enunciados que quebram essa fluência, como a imprecisão articulatória (que decorre da dificuldade de seleção e combinação dos traços que compõe os fonemas iniciais). Vários são os momentos em que essas dificuldades se revelam, como quando produz

boscada (emboscada), *tacaram* (atacaram), *entaram* (entraram), *amano* (humano), assim como a produção de pausas, reformulações (*f-falou; Ele ah ele ahn...*), presentes no recorte abaixo, que reproduzimos apenas para dar maior visibilidade no interior do processo dialógico:

47	Irn	A Itn não sabe como foi que ele foi pego, o senhor sabe explicar, como tão dizendo que foi?	Olha para SR.
48	SR	Ele ah ele ahn di*zendo que... foi uma <i>boscada</i> .	(fala laboriosa)
49	Irn	Emboscada.	
50	SR	Ele... <i>tacaram</i> a mansão dele, <i>entaram</i> e... houve um tiroteio, i i ele <i>tingiu</i> na cabeça... e que uma muié dele tava, f-feito escudo <i>amano</i> , mas f/	(fala laboriosa)
51	Irn	De escudo humano, né? Ela ficou.	
52	SR	E que ela foi morta também, né? Eu sei disso.	

Em momento algum SR demonstrou se incomodar com o fato de Irn, de forma especular aos seus enunciados, repetisse com maior precisão suas expressões, já que mediava a interação entre SR e o restante do grupo (turno 49: *Emboscada*, turno 51: *De escudo humano, né?*). Essa é uma estratégia terapêutica muito utilizada para chamar a atenção dos sujeitos para os seus próprios enunciados. No entanto, deve-se sempre fazer isso com muita sensibilidade, para não provocar o efeito contrário, isto é, sua interrupção (CAZAROTI-PACHECO, 2006). No caso de SR, esta estratégia parece ser produtiva, uma vez que logo em seguida, no turno 62, ele mesmo busca refinar sua precisão articulatória, quando reformula *o ajante* em *um agente*. Ainda no mesmo enunciado, apesar de dizer que não sabe a palavra, apresenta outras opções, do mesmo campo semântico – *agente... funcionário*, o que permite que Irn proponha (turno 63) a alternativa “o mensageiro” (recorrente nos noticiários), com a qual SR imediatamente concorda: *Isso, é, isso*.

Esses exemplos nos alertam para o cuidado necessário, quando analisamos dados de sujeitos afásicos, de não tomar qualquer produção como indício da patologia. O que vemos, principalmente com relação ao sujeito SR, é a construção de um discurso narrativo com a apresentação de uma sequência de eventos e o seu desfecho, isto é, com

início, meio e fim. O sujeito SR não abandona seu propósito discursivo; ao contrário, ele dribla e supera suas dificuldades, ao longo do episódio.

Há ainda, no episódio em questão, a argumentação complexa de MG, que levanta a hipótese de que Bin Laden não estaria morto, o que foi imediatamente contestado por outros interlocutores. Para desenvolver seu argumento, MG se referiu a um filme que assistiu no passado, o que em sua opinião seria uma situação similar. O sujeito MG demonstra, em seus relatos, saber que sua dificuldade principal é a de encontrar palavras. Temos aqui um caso que nos ajuda também a compreender o papel do letramento nas diferentes formas de afasia, sobretudo na forma de lidar com as possibilidades alternativas de significação. Ele é capaz, em muitos momentos, de refletir metalinguisticamente sobre a palavra que não vem ou sobre a dificuldade de elaborar enunciados argumentativos e até mesmo chega a descrever algumas das soluções que encontra quando se vê em dificuldade. Certa vez ele relatou que precisa fazer *links* (terminologia de sua profissão, na área de informática) para chegar à palavra que procura. Outras vezes vale-se de analogias, como neste episódio, em que relaciona a captura de Bin Laden com a narrativa de outro filme, que funciona como um caminho para apresentar sua argumentação.

A descrição de um referente por meio de atributos, como pode ser visto, no turno 27: *É, era da::: Tem RUssia éh::: aquele que meinho que, eram duas que brigam um com o outro... não, não é Rússia, aqui embaixo... fica bem no meio... lá... é:::* revela outro recurso de MG para apresentar a orientação espacial da narrativa. Irn dá o acabamento ao seu enunciado e pergunta, no turno, 28, se esse local seria a Bósnia: *Na época que era da Bósnia::*, o que foi confirmado por ele, que complementa as informações, dizendo que a Bósnia estava em conflito com outro país vizinho e apresenta o personagem principal, que era um político, como vemos no turno 29: *I::sso, exatamente, um e outro, que tinha um política chamado Rap/*. A interrupção que ocorre no meio do nome do personagem leva Irn a dar o acabamento ao seu enunciado, enfatizando a parte suprimida da palavra (RaPOsa). Tal estratégia tem êxito e, assim, MG reelabora e dá continuidade à sua narrativa sobre o filme (turno 31), que reproduzimos abaixo por duas razões. A primeira é a que se trata do enunciado em que a analogia aparece de forma mais explícita. A segunda é para que se possa observar que, apesar de ter uma afasia considerada *fluente*, quando MG esbarra na dificuldade de selecionar a palavra que busca, isso causa uma maior desorganização no plano sintático. Coudry (1986/1988) e Novaes-Pinto (1992, 1999) se referem recorrentemente ao fato de

que os níveis linguísticos mais impactados nas diversas formas de afasia levam necessariamente a uma desorganização dos demais, já que a linguagem, assim como o funcionamento cerebral, é um sistema funcional complexo.

31	MG	Rap/o::sa, eles fizeram um acordo exatamente com os americanos porque... : “CÊ fica aí óh, quanto CÊ quiser, não tem problema nenhum.” Depois que botaram o filme porque... aí quando, eles MESmo sumiram com o CAra... poder entregar o cara, realmente... tem um filme inTElro sobre isso, mas se você pegar aquilo ali... óh, quando eles põem no filme, sinceramente, eles fala que é mentira, mas, pode botar, uns 80% ali que::	
----	----	---	--

É interessante observar ainda que a dificuldade com o nome do personagem – Raposa – aparece o tempo todo. No turno 21: *Ra-raPOsa*; no 29: *Rap/* e ainda no 31, em que, desta vez, usa o prolongamento da vogal como estratégia para superá-la. Essa dificuldade com os nomes próprios é uma das queixas relatadas por MG.

Apesar das reelaborações e uso constante de pausas, verificamos no discurso narrativo do sujeito afásico MG, as seguintes características: a *orientação* sobre os personagens (Raposa, “oficiais” americanos), sobre o local (Bósnia) e relativamente sobre o tempo (na época de um conflito na Bósnia); a *ação complicadora* pode ser entendida como o acordo com os americanos para que o político “desaparecesse”, o que deixa subentendido que ele era o “vilão” e o final da história (resultado) é que eles o “entregaram”. A *coda* pode ser identificada no turno 33: *Que é história... então por isso que eu acho que... é a mema história, pera aí, o que que ele ganha com isso, lógico que ele ganha... que se voltar....* Isso se dá quando MG traz a narrativa para a situação atual, isto é, para fazer a analogia com a história recente sobre a morte de Bin Laden, que também envolve os americanos.

Quanto à *avaliação*, ou seja, a posição do sujeito quanto à carga dramática da situação, vimos que ela aparece sob a forma *externa* em grande parte dos enunciados de

MG e pode ser exemplificada novamente no final do enunciado acima (turno 33) com a introdução de outro comentário, ao qual segue outra argumentação. Veremos, no transcorrer de nossas análises, que esse tipo de avaliação é a mais impactada conforme o tipo/grau de afasia, já que é extremamente dependente dos recursos linguísticos disponíveis. Encontramos ainda, na narrativa de MG, características de outra forma de avaliação – *encaixada* – revelada por meio das marcas linguísticas de ênfase, entonação, e pelo uso do discurso direto, observada, por exemplo, no início do turno 31: *Rap/o::sa, eles fizeram um acordo exatamente com os americanos porque... : “CÊ fica aí óh, quanto CÊ quiser, não tem problema nenhum.” Depois que botaram o filme porque... aí quando, eles MESmo sumiram com o CAra... poder entregar o cara, realmente...*

Ambas as formas de avaliação podem ser tomadas como indícios das possibilidades linguístico/cognitivas de MG e, deste modo, reveladoras de suas opiniões, posicionamentos ideológicos e, conseqüentemente, constituem-se como fortes marcas de subjetividade.

3.4.3. Episódio 6 (sujeito MA):

O episódio desenvolveu-se numa sessão em grupo, no dia 01/09/2009, e além de MA, dele participaram, JM, DP, Irn, Imp e Ef. Irn comentava sobre o álbum de fotos dos quadros que MA pintava antes do episódio neurológico, que era trazido no CCA pela segunda vez.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Irn	Onde tá esse quadro, MA, esse que eu falei que gostei?	
2	MA	Ah, é::, tá... irmã::o.	
3	Irn	No seu irmão? Qual deles?	
4	MA	Ah, ah:: no A-u-gus-to ⁶³ ...	(silabando o nome do irmão)
5	Irn	Augusto! Ele que ficou com esse? Qualquer dia eu vou lá na casa dele pra ver esse quadro pessoalmente. Eu acho lindo... Assim... todos são lindos, né? Mas tem uns que a gente olha e fala assim: “Nossa eu	Risos.

⁶³ Decidimos por apresentar neste episódio, nomes fictícios (ao invés das iniciais) dos sujeitos referidos que não fazem parte do grupo, para destacar a silabação no enunciado e o mantivemos até o fim para que o dado ficasse mais uniforme.

		queria esse pra mim.” Então esse tá lá no Augusto. MA, cê sabe aonde está cada um desses quadros, ou não?	
6	MA	Não, não.	
7	Irn	Não sabe mais.	
8	MA		Acena negativamente com a cabeça.
9	Irn	Esse de flores você vendia muito [[também, né?	
10	MA	[[Muito assim, NOssa, um MO::nte, um mo::nte... de quadro... ixi.	Abre o álbum de fotos. Faz gestos circulares com a mão.
11	Irn	MA quanto você pintava, assim, por exemplo, você pintava um por semana, mais?	
12	MA	Não nem, um, [[dois, três [EI].	
13	DP	[[Dois dias.	
14	Irn	Um quadro em dois, três dias, CÊ pintava?	
15	MA	É.	Acena positivamente com a cabeça.
16	Irn	Mas são MUItos bonitos, muito mesmo, os de flores eu gosto também, mas aqueles de/do pilão, aquele que ela tá com o papagaio no ombro [[é LINDo!	Repete o aceno positivo com a cabeça. Aponta para seu ombro.
17	MA	[[Então.	
18	Irn	Esse também tá no Augusto?	
19	MA		Acena positivamente com a cabeça.
20	Irn	O Augusto também não é nada bobo, né? Ficou com o::: é o estilo, né, da pintura. Depois vocês vão ver, lindos os quadros da MA, muito bonitos. E na sua casa também ficaram alguns, né, MA?	
21	MA	Nossa um::: monte de quadro.	Leva a mão à testa.
22	Irn	E tão todos pendurados, MA? Tão todos na parede ou tem alguns que não?	
23	MA	Não, porque põe “atim” “atim, atim”, tu, tu, tu.	Faz gesto de fileiras do alto a baixo. Desenha um círculo grande a sua volta.
24	Irn	[[Na casa inteira.	Risos.
25	Imp	[[Na casa inteira. Mas TEM que ter, UÉ!	

26	MA	NÃO, porque num tinha assim...	Desenha uma linha no ar, com o indicador, de cima a baixo e vice-versa e repete várias vezes.
27	Irn	[[Não tinha lugar?	
28	DP	[[Lugar!	
29	Ef	Não tinha cavalete? Cavalete, não é?	
30	MA	Não.	Faz gesto de colocar coisas uma ao lado da outra e depois embaixo da outra.
31	Irn	Não , não tinha mais paREde [[pra colocar todos os quadros.	
32	Ef	[[Não tinha mais parede.	
33	MA	Não que todo, né, não, num...	Desenha um semi-círculo no ar.
34	Irn	O seo JM quer fazer uma pergunta pra você, o que que é?	Olha para JM.
35	JM	Ela, ela, ela...	Olha para Irn.
36	Irn	Pergunta pra ela!	Aponta para MA.
37	JM	Ela.	Aponta para MA também.
38	Irn	Você.	
39	JM	Eu sei, mas eu num...	Recosta-se na cadeira com expressão de frustração.
40	Irn	Vamo lá, voCÊ. O que você quer saber do quadro?	Toca no braço de JM e fica olhando para ele.
41	JM	Ela gostava, não, gostava não, ela comPRAva, comPRAva?	
42	DP	Vendia? Ela vendia.	Acena positivamente com a cabeça.
43	JM	Comprava i::sso.	
44	DP	Ela vendia.	
45	JM	Uhun.	Faz gesto de positivo com o polegar e aceno positivo de cabeça.
46	MA	Não.	Acena negativamente com a cabeça.
47	Irn	Não, ela vendia, CÊ não vendia quadro MA?	

48	MA	Não, não.	Acena negativamente com a cabeça.
49	DP	Num vendia?	
50	MA	Tã/d/	Acena positivamente com a cabeça.
51	Irn	VenDla!	
52	MA	Não num, assim, aqui.	Abre o álbum de fotos e aponta para a foto.
53	Irn	Os de flores e tal.	
54	Imp	Só dava?	
55	MA	Não. ComPRAva, comprava.	Bate a mão várias vezes sobre a foto.
56	Imp	Ah, tá!	
57	Irn	Ah, CÊ comprava as telas, tudo, fazia, pintava...	
58	MA	É, então.	
59	Irn	Mas depois você não vendia?	
60	MA	Passá, passá.	Acena positivamente com a cabeça. Aponta para as fotos.
61	Irn	Mas só que alguns, ela deu assim, de presente.	
62	MA	Ah, é.	
63	Irn	Pros irmãos...O Augusto tem, [o Márcio tem.	
64	MA	[É muito.	

Este episódio coloca em evidência uma das questões mais complexas deste trabalho. Poderíamos dizer que nesta forma dialógica de contar algo haja uma narrativa? Afinal de contas, os enunciados não se configuram como uma narrativa quanto ao formato do gênero e quanto aos elementos postulados por Labov e demais autores que vimos na primeira parte do trabalho (Capítulo 1). Se pensarmos que não, então poderíamos concluir já de início que a narrativa só é possível em afasias fluentes e menos severas do ponto de vista da produção. Essa postura seria, de fato, bastante intrigante e frustrante, já que consideramos que o discurso narrativo é o mais preservado e o mais recorrente nas afasias, independentemente do tipo e da severidade.

O episódio foi todo construído na forma de diálogo, pois as dificuldades de MA demandavam um grande esforço. Nessa época, ela tentava evitar a participação nas

interações do grupo. Irn propõe um tema que diz respeito à história de vida de MA, incentivando assim sua participação.

Encontramos, no início do episódio, indícios de estratégias que ela vinha desenvolvendo para superar sua dificuldade de selecionar e combinar os elementos linguísticos – nesta situação, de palavras – como o uso do prolongamento de vogal, que aparece mais especificamente quando ela quer dizer que o quadro, ao qual Irn referia-se, estava na casa de seu irmão, como vemos no turno 2: *Ah, éh::, tá... irmã::o*. E ainda o recurso da silabação, no turno 4: *Ah, ah:: no A-u-gus-to...* Outra pista dessa dificuldade na construção de seus enunciados mostra-se por meio das expressões hesitativas (ah, éh), das pausas e reelaborações. Citamos, como exemplos, o turno 10: *Muito assim, NOssa, um MO::nte, um mo::nte... de quadro... ixi*; o turno 33: *Não que todo, né, não, num... (desenha um semicírculo no ar)*; no turno 50: *Tã/d/ (acena positivamente com a cabeça)*, dentre outros.

O apoio gestual também foi usado como recurso para se fazer compreender e se mostrou eficiente na sequência dos turnos 23 a 32, reproduzida novamente abaixo apenas para salientar a última coluna, objetivando descrever os enunciados não-verbais que acompanham, complementam e, por vezes, substituem os enunciados verbais, o que permite que seus interlocutores interpretem adequadamente o que queria dizer:

23	MA	Não, porque põe <i>atim atim, atim, tu, tu, tu</i> .	Faz gesto de fileiras do alto a baixo. Desenha um círculo grande a sua volta.
24	Irn	[[Na casa inteira.	Risos.
25	Imp	[[Na casa inteira. Mas TEM que ter, UÉ!	
26	MA	NÃO, porque num tinha assim...	Desenha uma linha no ar, com o indicador, de cima a baixo e vice-versa e repete várias vezes.
27	Irn	[[Não tinha lugar?	
28	DP	[[Lugar!	
29	Ef	Não tinha cavalete? Cavalete, não é?	
30	MA	Não.	Faz gesto de colocar coisas uma ao lado da outra e depois embaixo da outra.
31	Irn	Não , não tinha mais paREde	

		[[pra colocar todos os quadros.	
32	Ef	[[Não tinha mais parede.	

A eficiência da produção de enunciados não-verbais fica evidente nas três situações em que MA usa tal recurso, pois seus interlocutores dão acabamentos adequados e a ajudam a reelaborar seu querer-dizer, como ocorre com Irn e Imp (turnos 24 e 25), Irn e DP (turnos 27 e 28) e, por fim, com Irn e Ef (turnos 31 e 32). No último trecho, vemos que o recurso de associar a expressão gestual à expressão verbal resulta ainda na retomada/reformulação dos sentidos, a qual se faz necessária no momento em que Ef equivocadamente entende que MA não tinha cavaletes para pintar. Na sequência, Ef conclui (assim como Irn) que, na verdade, em sua casa não havia mais lugar nas paredes para colocar seus quadros.

A entonação expressiva de ênfase, que aparece na maioria dos enunciados de MA, dão o “colorido expressivo” (termo que emprestamos de BAKHTIN, 2010b) a cada um de seus enunciados e revelam o juízo de valor, a carga emocional e, por conseguinte, sua subjetividade. Assim como o prolongamento da vogal, que é tomado em alguns momentos como recurso expressivo enfático, como vimos, por exemplo, no turno 10 – [...] *um MO::nte, um mo::nte... de quadro... ixi* – reforçado pela expressão “ixi” e, no turno 55 – *Não. ComPRAva, comprava* –, quando ela quer retomar o sentido de que não só dava de presente seus quadros, mas que as pessoas compravam muito, fato enfatizado também por meio da repetição da palavra “comprava”. Esses dados mostram-se como indícios de competências também pragmático-discursivas preservadas, apesar do forte impacto da sua afasia sobre os recursos linguísticos (fonético-fonológicos, semântico-lexicais e sintáticos).

Propomos, a seguir, a apresentação de outro episódio em que temos MA como narradora principal, com o propósito de compreender os efeitos do trabalho desenvolvido no CCA, já que ocorreu após um ano aproximadamente do anterior⁶⁴.

⁶⁴ É interessante informar a respeito de um fato importante que vivenciamos durante o acompanhamento de MA. Durante uma festa de confraternização de final de ano no CCA, tivemos a oportunidade de contato com um dos seus filhos e pudemos esclarecer várias de suas dúvidas sobre as dificuldades da mãe e, principalmente, sobre as suas possibilidades, apesar da afasia. O resultado foi surpreendente. Soubemos que pouco tempo depois ele fez com ela uma viagem e a mudança de atitudes da família foi por nós percebida também na postura de MA, que se mostrou mais participativa e motivada. Isso demonstra a importância do trabalho junto aos familiares e pessoas do convívio do sujeito afásico.

3.4.4. Episódio 7 (sujeito MA):

O sujeito MA e sua filha haviam relatado anteriormente a Imp sobre o fato de ela ter sofrido uma queda naquela manhã (11/10/2011). Quando todo o grupo do CCA estava reunido, Imp pede para que MA recontasse a situação vivenciada. Ainda participaram do episódio: Irn e Itn.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Imp	O que aconteceu hoje cedo, MA? Conta aí.	
2	MA	Eu... caí.	Rindo.(em seguida, os demais participantes também riem, pelo modo como MA falou)
3	Irn	Cê caIU, aonde?	
4	MA	Porque e::u... ba-nheiro... tchum.	Faz gesto com a mão, de baixo para cima, provavelmente indicando uma queda.
5	Irn	Durante o banho, MA?	
6	MA	Porque tava... tava muito di com lá não conse/guia.	Faz gesto de abrir a torneira e em seguida da água caindo.
7	Imp	Esquentá, né?	
8	MA	[[Daí depois/	
9	Imp	[[o seu, né? Fal/exPLIca. O SEu chuveiro, o SEu banheiro não tava/	
10	MA	É e ia do do banheiro daqui, aqui.	Aponta para uma direção e depois na direção oposta.
11	Irn	Aí você foi no outro banheiro?	Faz gesto com a mão indicando “outro”.
12	MA	E tava, depois, começou a:: a caí no:: assim no::	Passa a mão na sua cabeça. Faz gesto de água caindo e aponta para baixo.
13	Irn	No cano?	Faz um gesto indicando algo longo e fino, provavelmente a barra onde deve

			segurar.
14	MA	Não, assim, ali assim...	Desenha círculos com a mão voltada para baixo.
15	Imp	Muito quente?	
16	Irñ	No boxe, dentro do boxe?	
17	MA	Assim... assim...	Faz gesto indicando que há um objeto ao lado de outro.
18	Imp	Xampu... o xampu?	
19	MA	Isso... caIU aí eu fui e (EI) di, mas ficou...	Faz gesto de cair.
20	Irñ	Você escorregou no xamPU, então.	
21	MA	Daí caí “xum” “tchiuft”.	Faz gesto de cair e Risos (risos gerais).
22	Irñ	E machuco::u MA? Tá com dor? Machucou?	
23	MA	NO::ssa Senhora, aí ele me dô u::m um <i>lau/na-gé-sico</i> .	
24	Itñ	AnalGÉSico?	
25	MA	É, e:: passô!	
26	Irñ	Nossa, mas precisa tomar cuiDAdo hein gente/	
27	MA	É.	
28	Irñ	Essa coisa de tom::bo.	
29	MA	Mas no banheiro...	Faz gesto de misturar algo.
30	Imp	Mas explica MA, no seu banheiro, o que você colocou, pra ficar mais seguro, no seu banheiro?	
31	MA	AH não, LÁ é bem assim, assim. Aqui, assim.	Faz gesto mostrando algo semelhante a uma barra. Faz gesto de segurar uma barra.
32	Irñ	Ah, tem um um...	
33	Imp	Barra, né?	
34	MA		Acena positivamente com a cabeça.
35	Imp	Mas lá era o banheiro da A. e daí ela não tem, né?	(Imp explica que era o banheiro da filha de MA, que não tem a barra de segurança)
36	MA	Não nesse. É.	Acena positivamente com a cabeça.

37	Imp	No da sua filha não tem, né? Barra.	
38	MA	É.	

MA também constrói aqui sua narrativa de forma dialógica, mas o diferencial nesta situação é que sua participação é muito mais ativa e efetiva em relação ao episódio anterior (episódio 6). É possível identificarmos com facilidade os elementos essenciais da narrativa. No seu primeiro enunciado, MA apresenta o resumo do que vai contar (turno 2) – que ela caiu. A interlocutora Irn pede os detalhes, como vemos no turno 3: *Cê caIU, aonde?* Então, ela traz as orientações com relação ao personagem (*e::u*), ao local (*ba-nheiro*) e à ação complicadora, com o auxílio do gesto de cair e da onomatopéia – “tchum”. Em seguida, passa a descrever os eventos.

Imp, por compartilhar da história, tem a possibilidade de colaborar mais na construção dialógica. MA vai contando que teve problemas com a água em seu banheiro, pois seu chuveiro não estava esquentando e Imp vai complementando, com as informações que havia recebido da filha de MA, incentivando para que ela dê ao grupo mais detalhes.

As dificuldades continuam evidentes durante toda a construção da narrativa. Podemos verificá-las, mais uma vez, nas pausas longas e reformulações produzidas, em enunciados ininteligíveis, dentre outros, quando MA não consegue dizer a palavra que deseja. Em alguns momentos fica fácil interpretar o que ela quer contar, mesmo para Irn, que não compartilhava da história de antemão. No turno 10, por exemplo, quando MA diz: *É e ia do do banheiro daqui (aponta para uma direção e depois na direção oposta) aqui*, no turno 11 Irn a interpreta adequadamente: *Aí você foi no outro banheiro?*

Há enunciados de MA que demandam uma maior negociação dos sentidos e, quando isso ocorre, seus interlocutores vão dando sucessivos acabamentos, em geral por meio de perguntas. MA não desiste e passa a apoiar-se nos enunciados de seus *parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN), como vemos nos turnos 12 a 21.

MA também reelabora, assim como faz com os enunciados verbais, os de natureza não-verbal, gestual, o que a auxilia não só a alcançar seu querer-dizer, pois passa a ser melhor interpretada por seus interlocutores, mas que também acabam servindo como pistas para o processo terapêutico.

Como resultado de todo esse trabalho linguístico realizado no episódio dialógico não só por MA, mas também pelos demais participantes, pudemos compreender os demais eventos interligados: que o xampu caiu no chão e ela tentou pegá-lo e, por isso, caiu. O questionamento de Irn, no turno 22: *E machuco::u MA? Tá com dor? Machucou?*, permite que MA revele a carga emocional de sua narrativa, ou seja, que apresente a sua avaliação pessoal, apresentada no turno 23: *NO::ssa Senhora, aí ele me dô u::m um lau/na-gé-sico*. Nesse momento, MA apresenta também um novo evento, que tomou um analgésico e a dor passou.

Irn faz um comentário que pode ser caracterizado como a *coda* (ou moral da história), olhando para os demais participantes, quando afirma que é preciso tomar cuidado para evitar quedas. MA posiciona-se afirmativamente quanto a isso e, na sequência, tenta propor um argumento, no turno 29: *Mas no banheiro...* O gesto que ela faz (de misturar algo) não auxilia muito na compreensão do que quer dizer. Pode-se observar, no recorte abaixo, que tal argumento também é desenvolvido dialogicamente:

30	Imp	Mas explica MA, no seu banheiro, o que você colocou, pra ficar mais seguro, no seu banheiro?	
31	MA	AH não, LÁ é bem assim, assim. Aqui, assim.	Faz gesto mostrando algo semelhante a uma barra. Faz gesto de segurar uma barra.
32	Irn	Ah, tem um um...	
33	Imp	Barra, né?	
34	MA		Acena positivamente com a cabeça.
35	Imp	Mas lá era o banheiro da A. e daí ela não tem, né?	(Imp explica que era o banheiro da filha de MA, que não tem a barra de segurança)
36	MA	Não nesse. É.	Acena positivamente com a cabeça.
37	Imp	No da sua filha não tem, né? Barra.	
38	MA	É.	

Outro dado que chama a atenção na narrativa de MA é o uso adequado dos elementos de ligação entre os eventos, próprios do ato de narrar: “daí”, “aí”, “depois”, “e”; assim como os verbos que representam ações ocorridas num tempo passado. Associado a isso, o episódio revela a dramaticidade de um bom contador de histórias – MA se utiliza também da expressividade facial e gestual - apesar de suas dificuldades e de recursos como as onomatopéias (“xum”, “tchum”, “tchiuft”), bem como do uso adequado da entonação.

3.4.5. Episódio 8 (sujeitos TN e MG):

O episódio 8 desenvolveu-se numa sessão coletiva em 11/10/2011 e teve como participantes, além de TN e MG, Irn. Inicia-se quando alguns participantes do grupo comentam sobre o perigo de uma queda no banheiro (assunto do episódio 7) e, então, TN espontaneamente inicia seu relato.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	TN	Oh, eu, J., cadeira, um dois. Ah... água, obrigado.	(referindo-se à filha J.)
2	Irn	Você usa cadeira, pra tomar banho?	
3	TN	Ah:: um dois, um dois.	
4	MG	Você não tem aquela coisa que segura?	
5	TN	<i>Tuto pem, tuto pem.</i>	
6	Irn	Ele tá perguntando se você não tem a barra.	Faz gesto de segurar numa barra.
7	MG	Cê tem aquela barra?	
8	TN	Não, não.	
9	MG	CoLOca, tô falando sério! [[Ajuda bem.	
10	Irn	[[A MA falou que tem no banheiro, mas hoje ela usou o da filha/	
11	TN	Óia!	
12	MG	Ajuda bem.	
13	TN	Isso. Cadeira (EI). Éh::! Um dois!	(nesse momento houve muito barulho ⁶⁵) Entonação afirmativa.
14	Irn	É cadeira é::(EI).	(muito barulho)

⁶⁵ Ressaltamos que, apesar do barulho externo ter prejudicado a transcrição do dado, o fato de termos presenciado e participado da situação interlocutiva possibilita as análises, pois nos valem de múltiplos recursos metodológicos, como o de tomar notas ao longo da sessão.

Neste episódio dialógico, identificamos algumas das características linguísticas da produção de TN. Observamos que em seus enunciados, assim como nos do sujeito OJ, visto anteriormente (episódio 2) predominam substantivos, com ausência de conjunções para ligar os eventos e não há verbos. Além disso, apontamos que, há a presença de enunciados referidos na literatura como *estereotípias*, como *um dois, um dois*, ou *um dois, um dois, obrigado*.

Porém, empreendendo uma análise de cunho indicial, encontramos no primeiro turno de TN, com o seguinte enunciado: *Oh, eu, J., cadeira, um dois. Ah água, obrigado*, alguns elementos da narrativa: a *orientação* aos personagens envolvidos no relato (ela e a filha J.), ao local (*água* neste caso parece estar relacionada, metonimicamente, à banheiro, lugar onde MA caiu) e também ao evento em si (o fato de que se deve usar cadeira para tomar banho). Apesar de todas as dificuldades, TN é interpretada, já que Irn, no turno 2, checando se a havia compreendido, pergunta: *Você usa cadeira para tomar banho?*, o que é confirmado no enunciado seguinte (turno 3) por TN, com a expressão “Ah... um dois, um dois”, que ela utiliza com frequência para afirmar, assim como a ênfase dada pela expressão *Ah::*, acompanhada do prolongamento da vogal, situação que se repete, por exemplo, no turno 13: *Isso. Cadeira (EI). É::! Um dois!* Essa expressividade de TN, aliada às suas expressões faciais, auxiliam seus interlocutores durante a negociação dos sentidos, mesmo diante da restrição de elementos linguísticos orais. O turno 5: *Tuto pem, tuto pem*, talvez queira significar que ela nunca tenha sofrido uma queda no banheiro, que era o tópico discursivo desencadeado no episódio anterior (episódio 7, com MA), mas não é possível afirmar que seja isso. Pode ser que ela concorde com a utilidade da barra, mas mesmo assim prefira a segurança da cadeira.

Quando MG faz a pergunta (no turno 4): *Você não tem aquela coisa que segura?*, Irn traduz para TN (turno 6): *Ele tá perguntando se você não tem a barra* e, a partir daí, o restante da narrativa ocorre. Observamos também que MG aconselha TN sobre a barra, que acha que ela deveria colocar no banheiro, como segurança. TN concorda, mas no turno 13, volta a argumentar que a cadeira, em sua opinião, parece ser ainda mais eficiente.

3.4.6. Episódio 9 (sujeitos GS e JM):

Esta sessão em grupo do CCA, em 17/03/2009, teve como participantes GS, JM, Irn, Imp e Ihb. A atividade proposta foi a de contar sobre as notícias da semana.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Irn	Seo GS, conta pra gente, aconteceu uma coisa essa semana... que tá... na televisão o TEMpo TOdo. É::: uma notí::cia... ahn:: eu não queria dar nenhuma pista, eu queria ver se ele falava da notícia que eu tô querendo. O que aconteceu lá pros lados de Goiânia, a semana passada?	Olha para GS. Risos. Move a cabeça para frente e olha para GS.
2	GS	/ó'da/ põ... a'do/	Faz, com a mão, o gesto de <i>voar</i> e depois de <i>cair</i> . Acena positivamente com a cabeça.
3	Irn	Uhn:: o que que aconteceu? O que foi aquilo? O que o senhor sabe da história?	Acena positivamente com a cabeça.
4	GS	/ó'da/	Faz gesto de voar em várias direções. Une as mãos e aponta para o chão.
5	Irn	Onde foi?	
6	GS	/o'dá/	Aponta para frente.
7	Irn	Ele quase... quase caiu NÃO, ele quase caiu em cima do shopping, ele caIU né, ou se joGÔ. O que o senhor acha, que ele cai::u ou que ele se jogou?	Risos.
8	GS	/Ah... 'óda/	Faz gesto negativo com o indicador.
9	Irn	O senhor acha o quê?	
10	GS	/'O 'DA/.	Faz gesto de cair e aceno positivo de cabeça.
11	Irn	Ele se jogou?	
12	GS	/a'da/.	Faz gesto com indicador para frente, indicando novamente o gesto de "cair".
13	Irn	Então não foi acidente?	
14	GS	/'Aa/.	Faz gesto negativo com o indicador.

15	Irn	Não...	
16	GS	/’Oda/ /a/.	Mostra dois dedos e fica olhando para sua mão.
17	Irn	Quem tava junto? Ele e::: quem era a outra pessoa que tava junto?	Repete o gesto de mostrar dois dedos.
18	GS		Deixa a mão paralela ao chão, provavelmente indicando altura da criança.
19	Irn	Filha, né?	Acena positivamente com a cabeça.
20	GS		Repete seu gesto anterior.
21	Irn	Ele tinha uma filha. Quantos anos tinha a menina, o senhor lembra?	
22	GS		Abre os dedos, um de cada vez e depois vira sua mão aberta em direção a Irn.
23	Irn	Cinco anos. Todo mundo acompanhou essa notícia, né gente? O que o senhor acha que deu na cabeça dele, seo GS?	Olha ao redor, pois está ouvindo risos. Volta a olhar para GS.
24	GS	/oda’dá/.	Volta suas mãos para cima e movimenta a cabeça, indicando não saber.
RECORTE			
25	Irn	Seo JM, o senhor tá sabendo dessa notícia?	
26	JM	Sei.	
27	Irn	O que que o senhor sabe?	
28	JM	Fa/ não fa/	Risos (risos gerais).
29	Irn	Vamos ver, o que o senhor sabe pra gente ir compondo essa história, eu fiz isso com as minhas alunas ontem no curso... cada uma sabia um pedaço da história. Então vamos...	Risos.
30	JM		Fica olhando para Irn.
RECORTE			
31	GS	/’oda’o’o::’da/	(GS não está sendo filmado)
32	Irn	Tinha o pai, a mãe e a menina, é isso que o senhor tá falando?	Mostra 3 dedos, apontando um de cada vez.

33	GS	Nã.	
34	Irñ	NÃo?	Olha para GS.
35	GS	/A/ /’Oo’ dá/	Aponta para cada um de seus dedos. Mostra três dedos para Irñ.
36	Irñ	Três pessoas? Não?	
37	Imp	A idade dele?	
38	GS	Ahn.	Olha para Imp e acena positivamente com a cabeça.
39	Imp	Ah, a idade dele.	
40	Ihb	Trinta anos.	
41	Irñ	Trinta e dois... trinta e do::is.	
42	GS	/A’da/.	
43	Irñ	Trinta e dois anos. Se não me engano o nome dele era Cleber. Enfim...	
44	JM	É isso.	Acena positivamente com a cabeça.
45	Irñ	É esse o nome, Cleber. É isso? Por que o senhor acha que ele fez isso? O que que levou...	Olha para JM.
46	JM	Ah:: o que que... a gente num...	
47	Irñ	Além dele e da menina, o que aconteceu com a esposa dele?	
48	JM	Como? Ca...	
49	Irñ	A esPOsa dele.	
50	JM	Tava s::: tava	Sorri, parece constrangido.
51	Irñ	Ela apareceu na televisão?	
52	GS	Nã nã...	
53	JM	Isso.	
54	Irñ	Ela não apareceu?	
55	GS	/’Aa/.	
56	Irñ	Não, ela não tava junto no aviÃO, mas ela apareceu depois...	
57	JM	I::sso.	
58	GS	/’Ada/.	
59	Irñ	O que que ela tinha na cabeça?	
60	GS	/’Ó o’da::/.	(GS não está sendo filmado, mas a julgar pelo enunciado seguinte de Irñ, ele deve ter indicado que havia uma faixa em sua cabeça)
61	Irñ	I::sso, o que que aconteceu? Tinha uma faixa na cabeça, por quê?	
62	GS	/a...dá/.	Faz gesto de enfaixar

			a cabeça.
63	Irn	O que que ele fez com ela?	
64	GS		Faz gesto de bater e depois de empurrar.
65	Irn	Bateu... Bate::u e depois jogou ela pra fora do carro. I::sso... e ele bateu com o quê, na cabeça dela?	Acena positivamente com a cabeça.
66	GS	Ó. /a'da::/ /'ada/.	Repete o gesto de bater na cabeça e jogar para fora.
67	Irn	Ah:: ele bateu nela e jogou ela pra fora do carro!	
68	GS	/A/	Acena positivamente com a cabeça.
69	Irn	Isso, mas com o quê? O que ele tinha dentro do carro que ele usou pra batê nela? Imagina né gente que/	Olha ao redor.
70	JM	(EI)	
71	Irn	Que que foi? O senhor viu? O extinTOR.	Olha para JM.
72	JM	Eu, mas eu num...	Gesticula com as mãos e depois aponta p/ sua boca com expressão de frustração.
73	Irn	Foi com o extintor de incêndio! Machucou bastante, né? Jogou ela pra fora, por isso que machucou a pe::rna, o bra::ço... e ela não saBia o que ele tinha feito. Só no dia seguinte, ela foi para o hospital.	
74	GS	/Ó'da/	Faz gesto de “depois” com os dedos.
75	Irn	Isso, só no dia seguinte. O que que o senhor sabe lá, seo JM? O que a família dele tá dizendo SObre ele.	Olha para JM.
76	JM	Eh::...	
77	Irn	Do que que ele gosta::va?	
78	JM	De, de avião, o que mais, o que ma::is.	
79	Irn	Ele era aficcionado, ele gostava demais. Mas ele tinha um avião? Que tipo de avião ele tinha?	
80	JM	É um, ah:: pequeno.	
81	Irn	Isso. Ele tinha esses aviões pequenos de aeromodelismo, sabe, esses que controla com controle remoto. Disse que ele tinha vários, né?	Olha ao redor. Faz gesto de apertar um botão. Olha para JM.

		E onde que ele aprendeu a pilotar?	
82	JM	No, no <i>vião</i> .	Faz gesto de mover um volante, em seguida olha para os lados com expressão de frustração e impaciência.
83	Irn	Onde que ele aprendeu, ele fez cu::rso?	
84	JM	QUAse que tipo no, no, no. Isso.	Acena positivamente com a cabeça.
85	Irn	Mas ele não fez CURso pra tirar... brevê.	
86	JM	Não... não... ele aprendeu a fazer...	Recosta-se na cadeira e aperta as mãos, parecendo frustrado.
87	Irn	Ele aprendeu no computador, naquele simulador de vôo.	
88	JM	ISto.	Acena positivamente com a cabeça.
89	Irn	Olha que aquele negócio deve ser bom MESmo, né?	

90	Irn	Então vai lá seo JM, ele tinha esses aviões pequenos.	
91	JM	Aviões.	Olha para baixo.
92	Irn	Então onde que ele tava praticando, pra aprender a dirigir, pilotar?	
93	JM		Aponta para sua boca e olha para baixo.
94	Irn	Ele não tava fazendo curso numa escola, ele tava fazendo no computador. No computador, naqueles simuladores de jogos, né? Pra aprender a pilotar. E ele aprendEU?	Olha ao redor. Olha para JM.
95	JM	Tava tava. Mas, só que ele tava:::	Acena positivamente com a cabeça. Sorri e aperta as mãos.
96	Irn	Mas o senhor acha que... ele caiu porque não sabia pilotar direito?	
97	JM	Não acho que, acho que, bom, ele <i>denda</i> só aquele lugar, para ba-bater no no...só que eles lá naquele...	Faz gesto de voar. Olha para baixo.
98	Irn	O senhor acha que não foi acidente... ele planejou aquilo? Fazer daquele jeito?	
99	JM	Ahan , mas tava s::: tava s:::	
100	Irn	Ele voou bem? Ele fez direito lá? O piLOto que observou, um que seguiu	Faz gesto de voar.

		de helicóptero, falou que ele tava pilotando BEM, porque o avião tava sempre... é::: apesar das loucuras que ele fez, né?	
101	JM	Isto.	
102	Irn	Mas ele, sabia o que tava fazendo!	
103	JM	Isto, chegou na hora da, da ... da, da...	
104	Irn	O senhor acha que ele queria jogar ali, o avião lá no shopping mesmo?	Faz gesto de cair.
105	JM	Isso, que sim, é... abrir naquele lugar e::: E::: bateu.	Faz gesto de bater.
106	Irn	É... o que é que evitou que o avião caísse NO shopping? Em cima do shopping?	Faz gesto de voar.
107	JM	Eles:::	
108	Irn	Porque ninguém morre::u, né? Ele caiu no estacionamento. O senhor acha que ele queria jogar.	Olha para JM.
109	JM	Bateu que oh!	Faz gesto de colisão com o dorso das mãos fechadas.
110	Irn	NÃO... o piloto morreu e a menina também, mas ninguém que estava lá no estacionaMENTo... O senhor acha que ele queria derrubar o avião lá... ou ele queria derrubar em cima do shopping?	Faz gesto circular sobre a mesa.
111	JM	Não... não é no lugar, mas se chegasse...	Acena positivamente com a cabeça. Olha para baixo.
112	Irn	O que que impediu que o avião chegasse até o shopping center? Onde que ele bateu primeiro?	
113	JM	Eu acho que bateu no na frent/	Abaixa a cabeça e une as mãos.
114	Irn	Quem que ouviu isso, assim...	Olha para os demais sujeitos.
115	GS	/A'da/	(GS não está sendo filmado)
116	Irn	Éh, o que que impeDIu que o avião caísse em cima do shopping, onde ele bateu primeiro?	
117	GS	/O'da/ / 'o pu/ Ó:: p/	Desenha círculos no ar. Faz gesto de cair.
118	Irn	ISSO, porque que ele não caiu [[em cima do shopping?	
119	GS	[/A/.	
120	Irn	O que que tinha antes...	

121	GS	/’o’o:’/	Aponta para Irn, mostra algo no alto e depois faz gesto de passar por cima.
122	Irn	Tinha uma Árvore. Tinha uma árvore muito alta, né? Se não fosse aquela árvore::: que ele tivesse batido, provavelmente ele ia... aí ia ser uma tragédia pior, né?	
123	GS	[[/’A a’aa/	Acena positivamente com a cabeça.
RECORTE			
124	Irn	Joia, viu seo GS. Contou a história direitinho!	Faz gesto de positivo com o polegar.

O turno 1 deste episódio dialógico é revelador do trabalho linguístico que todo sujeito (afásico e não-afásico) realiza com e sobre a linguagem, que pode ser identificado nas inúmeras pausas e expressões hesitativas, apesar da “difluência” que vemos nos enunciados também de Irn: *Seo GS, conta pra gente, aconteceu uma coisa essa semana...que tá... na te-levisão o TEMpo TOdo. É::: uma notí::cia... ahn:: eu não queria dar nenhuma pista, eu queria ver se ele falava da notícia que eu tô querendo[...]*. Neste episódio, Irn não queria dar nenhuma pista ao seu interlocutor sobre o tema que queria propor, o que corrobora o fato de que a disfluência é constitutiva das relações do sujeito com a linguagem.

Apesar dos enunciados orais estereotipados de GS, no transcorrer de todo o episódio narrativo, /Ada/, /oda/, podemos afirmar que, com a produção refinada de seus enunciados não-verbais, sobretudo gestuais e expressões fisionômicas, ele atua como narrador junto a Irn. Note-se que, neste episódio, é Irn quem propõe o tópico discursivo e, de certa forma, afásicos e não-afásicos invertem agora os papéis. Eles é que vão ajudando a construir a narrativa, diferentemente dos episódios anteriores.

Outro recurso bastante preservado em GS, ao qual ele recorre com muita competência, é a prosódia. As mesmas expressões, mesmo as estereotípias, são realizadas com diferentes entonações, para enfatizar, afirmar e negar, dando o “colorido expressivo” (cf. Bakhtin) e acompanhando sua expressão gestual e facial. Isso possibilita que seus interlocutores, principalmente quando compartilham o assunto e por já conviverem com ele há algum tempo, possam compreendê-lo, em muitos momentos.

O sujeito GS consegue ir dando os acabamentos a Irn (e a JM também), apesar das poucas pistas que Irn havia dado no início do episódio, sobre a notícia da qual Irn queria que ele falasse. Ele inicia sua narrativa associando enunciados orais e gestuais. A sequência gestual que ele faz pode ser considerada, a nosso ver, como o *resumo* da narrativa – um avião estava voando e depois caiu –, que já contém ao mesmo tempo a *ação complicadora*, o *evento reportável* e o *desfecho*. A interlocutora tenta promover o desenvolvimento da estória ao perguntar sobre a *orientação*, ou seja, quanto ao local onde o fato ocorreu. A resposta de GS é bastante indeterminada, pois ele apenas aponta para frente. Irn, então, apresenta um dos eventos, que diz respeito ao avião quase ter caído no shopping. Desta vez, ela solicita que GS apresente sua opinião sobre o fato, isto é, a *avaliação de forma externa*, com a seguinte pergunta, no turno 7: [...] *O que o senhor acha, que ele cai::u ou que ele se jogou?* A questão dá margem a duas opções de resposta, mas o gesto negativo realizado por GS torna o sentido de seu enunciado indeterminado. A singularidade deste dado, considerando-se a gravidade da afasia de GS, consiste justamente no fato de que ele reformula seu enunciado, frente à negociação dos sentidos que aí se instaura. Ele tenta se explicar, por meio do gesto de um avião caindo e da ênfase na entonação do enunciado oral /'O'DA/. Essa estratégia leva Irn a dar um acabamento possível ao enunciado, o qual ela procura conferir por meio de perguntas, como vemos nos turnos seguintes (turnos 11 e 13). É perfeitamente possível, ao final desses enunciados, compreendermos que na opinião de GS não ocorreu apenas um acidente.

No turno 16, GS apresenta outro fato da história – que havia duas pessoas no avião – retomado por Irn na repetição do gesto de mostrar dois dedos. No turno 17, quando Irn pergunta: *Quem tava junto? Ele e::: quem era a outra pessoa que tava junto?* Ele apresenta a outra personagem da estória, por meio do gesto que é identificado pela interlocutora como sendo uma criança, a filha do homem que estava pilotando o avião e, ainda consegue dar mais descrições sobre essa personagem, quando mostra com os dedos que ela tinha cinco anos, em resposta ao enunciado de sua interlocutora.

GS tem ainda a chance de dar sua opinião (a carga dramática a respeito da situação) sobre o que ele acha que se passava na cabeça do sujeito que provoca a queda de um avião com a própria filha a bordo. Podemos considerar o seu enunciado bastante pertinente, quando faz o gesto que pode ser entendido como “*Não tenho a menor idéia*”.

O papel desempenhado pelo interlocutor não-afásico neste episódio pode ser relacionado ao que se tem proposto como *interlocutor qualificado* (cf. BEILKE, 2009; BEILKE & NOVAES-PINTO, 2010) – que é aquele (profissional ou não) que tem como propósito colaborar para que o sujeito afásico possa se aproximar de seu querer dizer, para que encontre formas de driblar suas dificuldades e, principalmente, aquele que reconhece o afásico como um sujeito da linguagem, como um narrador que, apesar dos impactos da afasia, pode expressar sua subjetividade.

Como a narrativa da notícia está acontecendo em grupo, Irn busca passar a palavra para JM, no turno 26: *Seo JM, o senhor tá sabendo dessa notícia?* O sujeito tenta justificar sobre sua dificuldade e, como vimos em episódios anteriores, demonstra sua frustração. A grande pausa no seu turno (turno 31), ao permanecer olhando para Irn, parece funcionar como uma “permissão” para que GS retome a palavra.

No turno 32, Irn diz: *Tinha o pai, a mãe e a menina, é isso que o senhor tá falando?*⁶⁶ GS avalia que ela não o compreendeu e consegue dizer “nã” (não) e, então, repete o gesto, até que Imp consegue interpretar o que ele queria dizer – que o homem tinha trinta anos.

Quando a interlocutora Irn complementa a informação, dizendo que achava que o nome do homem era Cléber, JM percebe a oportunidade de participar da narrativa, confirmando: *É isso*, diz, acenando afirmativamente com a cabeça. Irn procura repetir a estratégia de saber de JM sua opinião sobre o evento. Contudo, JM não tem êxito quando tenta elaborar seu enunciado, como vemos no turno 46: *Ah:: o que que... a gente num.*

Irn questiona sobre o fato que havia apresentado em momento anterior, quando achou que GS queria contar sobre a existência de outro sujeito que fez parte da notícia, a esposa. JM inicialmente demonstra não ter compreendido, pois diz, no turno 48: *Como? Ca...* Depois (turno 50) ele apresenta o verbo no tempo passado: *Tava s:: tava*, na tentativa de relatar o acontecido⁶⁷. Em seguida, quando a interlocutora tenta colaborar, perguntando se ela (esposa) apareceu na televisão, duas respostas totalmente opostas são dadas. JM diz que sim e GS diz que não. Ela repete a pergunta e acaba por entender, após o enunciado de GS, que ele está argumentando que ela não estava no

⁶⁶ Provavelmente, neste momento, o sujeito tenha feito o gesto de mostrar três dedos, para explicitar melhor seu enunciado: /'oda 'o 'o::'da/. Entretanto, nesse momento GS não estava sendo gravado.

⁶⁷ É necessário dizer que os resultados recentes dos exames audiológicos de JM revelaram uma perda auditiva neurossensorial bilateral de grau moderado em altas frequências, a qual justifica algumas de suas dificuldade de compreensão, especialmente em ambientes ruidosos, como quando várias pessoas falam ao mesmo tempo.

avião. A interação é direcionada, mais uma vez, à GS, por meio da apresentação de uma nova pergunta: *O que que ela tinha na cabeça?* Pelo turno seguinte de Irn, pressupomos que ele tenha feito o gesto de que ela estava com uma faixa na cabeça. A colaboração na construção conjunta da narrativa, por meio de perguntas e de reelaborações orais pela interlocutora possibilita que GS “conte”, ainda, que o sujeito havia batido na esposa e depois a tinha jogado para fora do carro.

JM retoma sua participação, após Irn perguntar o que ele sabia a respeito do sujeito. Diante da sua dificuldade, Irn refaz a pergunta e, a partir do turno 77, até por volta do turno 88, JM passa a ser o narrador principal, enfatizando que o sujeito gostava muito de avião, o que leva a sua interlocutora a complementar, dizendo que ele era aficionado por aviões. Ele informa ainda que o avião do sujeito era pequeno, pois ele colecionava aeromodelos.

A construção conjunta do relato continua apresentando-se difícil para o sujeito JM, mas diante da insistência de sua interlocutora, ele não desiste. Apoiado na pergunta apresentada no enunciado anterior de Irn – se o sujeito havia feito um curso para aprender a pilotar – consegue dizer que não, que não era bem isso e, mais adiante, tenta reelaborar seu enunciado, como vemos no turno 87: *Não não ele aprendeu a fazer...* Observamos sua dificuldade para selecionar a palavra que deseja, o que o leva novamente a mostrar-se frustrado, situação que se repete nos turnos: 96, 98, 100, 104, 114, dentre outros. A interlocutora parece perceber e colabora, complementando que ele aprendeu a pilotar num simulador de vôo no computador. JM finaliza, assim, seu relato, enfatizando que concorda com ela, no turno 88: *Isto*.

A dificuldade constante de JM aproximar-se do seu querer dizer, como vimos em vários dados, resulta em mais enunciados não fluentes, apesar de observarmos em alguns turnos a presença de elementos conectores, conjugação verbal adequada, ou seja, a presença de recursos linguísticos preservados. Contudo, ainda encontramos momentos em que esse sujeito afásico consegue argumentar e apresentar seu ponto de vista, como na sequência abaixo:

108	Irn	Porque ninguém morre::u, né? Ele caiu no estacionamento. O senhor acha que ele queria jogar.	Olha para JM.
109	JM	Bateu que oh!	Faz gesto de colisão com o dorso das mãos fechadas.
110	Irn	NÃO... o piloto morreu e a menina	

		também, mas ninguém que estava lá no estacionaMENto. O senhor acha que ele queria derrubar o avião lá... ou ele queria derrubar em cima do shopping?	Faz gesto circular sobre a mesa.
111	JM	Não não é no lugar, mas se chegasse...	Acena positivamente com a cabeça. Olha para baixo.

O que acontece no turno 108 é que Irn parecia ter dito que ninguém havia morrido no acidente de avião. JM argumenta que houve, sim, uma colisão séria, o que pôde ser interpretado particularmente pela ênfase em seu enunciado oral e gestual – *Bateu que oh!* No turno seguinte (109) Irn esclarece que se referia às pessoas que estavam no shopping: *NÃO... o piloto morreu e a menina também, mas ninguém que estava lá no estacionaMENto*. Mostra-se aqui uma situação inversa ao que vinha acontecendo, ou seja, a interlocutora não-afásica é que agora tem que esclarecer seu enunciado, negociando com o sujeito afásico o seu sentido.

Este longo episódio dialógico, construído com 125 turnos e com interlocutores assumindo o papel de verdadeiros “parceiros da comunicação verbal”, possibilita que observemos a mudança gradual nos enunciados de JM, que passam do silêncio ou de construções simples (*Isso; É isso; Eh...*), nas quais apenas concorda com sua interlocutora, a outras complexas explorando melhor a conclusibilidade que deseja dar ao seu relato, como vemos, por exemplo nos turnos 80: *É um, ah:: pequeno*; 103: *Isto, chegou na hora da da ... da da....*; e ainda no 111: *Não não é no lugar, mas se chegasse...*

O enunciado de Irn, ao final do episódio, no turno 124: *Joia, viu seo GS. Contou a história direitinho!*, sintetiza que o objetivo da atividade proposta foi alcançado, pois demandou que os sujeitos afásicos narrassem uma notícia, mobilizando todos os recursos possíveis, verbais e não verbais, trabalhando de fato com a linguagem, lidando com as dificuldades das afasias e produzindo sentidos.

3.4.7. Episódio 10 (sujeito AN):

Um dos casos mais graves de afasia, dentre os sujeitos que frequentam o CCA, do ponto de vista da produção de linguagem, é o de AN. O sujeito está, no episódio a seguir, em sessão individual com a fonoaudióloga que o acompanha. O evento ocorreu

em 26/04/2011 e teve como participantes, além de AN, Imp e Iab (que estava filmando). Imp soube que AN foi fumante e dá início, assim, ao tópico discursivo acerca da idade com a qual ele começou a fumar.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	AN	Aa.	Mostra as mãos abertas e as aproxima do rosto de Imp ⁶⁸
2	Imp	Aí tem muito dedo!	Afasta um pouco as mãos de AN, falando em tom de brincadeira.
3	AN	É <i>dome</i> .	Continua fazendo o gesto anterior, com as mãos.
4	Imp	Dez?	
5	AN	Nã ô *fumá	Abaixa os braços.
6	Imp	DEZ Anos?	
7	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
8	Imp	Essa... essa moleca::da, NÉ? Essa molecada é FOgo.	Olha para Iab.
9	AN		Risos.
10	Imp	E me fala uma coisa... Aonde você arrumava cigarro, quem dava cigarro PRO CÊ?	Bate levemente na mesa.
11	AN	E::u:: *vô <i>tabaia</i> , e::u: <i>tabaiá</i> ... eu <i>tabaia</i> .	Aponta para trás.
12	Imp	Cê já trabaLHava?	
13	AN		Acena positivamente com a cabeça.
14	Imp	Com DEZ anos você já trabalhava? O que que você fazia?	
15	AN		Repete o aceno com a cabeça e depois aponta para frente.
16	Imp	O que que você fazia com dez anos?	
17	AN	A:: <i>podétu</i> a::: a*ca:: é lá:: ó.	Aponta para cima e para trás. Faz um gesto circular à sua frente. Aponta para frente e para cima.
18	Imp	Era ajuDANte... era ajuDANte... do QUÊ?	(Imp já sabia que AN havia sido

⁶⁸ Devido à espasticidade, AN tende a realizar movimentos involuntários e com frequência, ao se expressar por meio de gestos indicativos (dêiticos) acaba não respeitando a distância esperada entre ele e seus interlocutores, causando certo desconforto a quem está muito próximo. Logo, essa questão também é trabalhada nas sessões terapêuticas fonoaudiológicas.

			ajudante)
19	AN	Aa di *vaê.	Faz gesto de positivo com o polegar. Faz gesto de varrer.
20	Imp	De pedreiro mesmo?	(Imp sabia, de interações anteriores, que essa tinha sido sua principal ocupação)
21	AN		Faz gesto negativo com o indicador.
22	Imp	Não?	
23	AN	[[A::	Repete o gesto de varrer.
24	Imp	[[O que que cê pegava?	
25	AN	De *vaê, de *vaê.	Faz o gesto de varrer.
26	Imp	De vaRRER? Ah:::! Aonde?Aonde [[foi que	
27	AN	[[na:: taquaau, a taquaau.	Aponta para frente.
28	Imp	TaquaRAL?	
29	Iab	Taquaral.	
30	AN	Na a::	Aponta para frente e faz gesto de positivo com o polegar.
31	Imp	Mas aonde? Era uma empre::sa, era uma fã::brica... era o quê?	
32	AN	Po*zéto. É é po*zéto.	Aponta para trás.
33	Imp	Projeto?	
34	AN	É na a:: a na::	Faz gesto de positivo com o polegar. Repete gesto de apontar.
35	Imp	[[Era	
36	AN	[[Po*ZEtú (EI).	
37	Imp	Era um projeto pra crianças, mesmo?	
38	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
39	Imp	Pra aprendizes, é isso? Pra aprender as coisas. Era Isso? ... E era no Taquaral?	Gesticula com as mãos.
40	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
41	Imp	E é [[um centro comunitário/	
42	AN	[[A:: mu::i::ta a mui::mu::i.	Faz gesto de “muitos” com os dedos.
43	Imp	Muita criança... ficava um monte de criança, mas assim...	Toca no braço de AN.
44	AN	A:: lá... no taquaau.	Repete o gesto de “muitos”. Faz um grande círculo no ar, lentamente.

45	Imp	No PARque mesmo? [[No TaquaRAL?	
46	AN	[[Tacaá.	Faz gesto de positivo com o polegar, levanta-se e em seguida aponta para o alto. Faz um gesto circular.
47	Imp	O parque inTEIro? AH::!	
48	AN	A:: muita *vei, muita.	Volta-se para Iab e repete o gesto de “muitos”, depois se senta.
49	Imp	NO::ssa, mas é muito gra::nde lá, não é? Mas como você falou, não era você sozinho, né? Não era você sozinho.	
50	AN	A:: mu::i::ta, mui::ta.	Repete gesto de “muitos”.
51	Imp	Um monte, e tudo criANça? Da sua idade?	
52	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
53	Imp	AH:: que legal! E com dez anos então? E vocês ajudavam a manter tudo limpo lá?	
54	AN	*vaê::, tudo, a:: po tudo a::	Levanta-se, faz o gesto de varrer e depois o gesto circular.
55	Imp	O... parque inteiro, toda a volta do parque, limpava.	Repete o gesto circular feito por AN.
56	AN		Senta-se e faz gesto de positivo com o polegar.
57	Iab	GENti!	
58	Imp	MUIto lega::l... éh::	
59	AN	A:: na::... a:: *vów.	Aponta para si e depois faz o gesto circular.
60	Imp	Na lagoa?	
61	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
62	Imp	Em volta.	
63	AN	A:::	Desenha algo na palma da mão e se levanta.
64	Imp	Em volta da lago::a, né?... e NA lagoa, vocês limpavam, pegavam... o que... que as pessoas JÁ jogavam na lagoa, me conta. Aposto que não mudou nada, né? O que que as pessoas jogavam na lagoa?	Faz gesto circular no ar. Move os dedos unidos em direção a mesa.
65	AN	A:: tu/ tu::do, a::u:: ... a bitu.	Senta-se. Faz gesto de fumar, depois aponta para frente e faz gesto de

			jogar algo em direção ao chão.
66	Imp	Bebia uma coisa e/	(não compreendemos que ele havia tentado dizer “bituca”)
67	AN	A:::uãna.	(Provavelmente tentou dizer “guaraná”)
68	Imp	COpo?	
69	AN	Copo... *gaa...	Repete o gesto de jogar.
70	Imp	Garra::fa.	
71	AN	A:: tud/	Faz gesto de positivo com o polegar.
72	Imp	E como vocês tiravam, com o quê que vocês tiravam?	
73	AN	A:: pô.	Olha ao redor, aponta para Imp, depois aponta para o alto, esticando o braço e olha para Imp.
74	Imp	Uma vara.	
75	AN	Uma pô...	Olha para seu indicador estendido e toca com a outra mão sua extremidade.
76	Imp	Uma vara, que tinha o quê?	
77	AN	Ua pô a:::u::a pô.	
78	Imp	Um gancho?	Mostra o indicador em forma de gancho.
79	AN	Nã! a u:::	Repete seu gesto agora passando o outro indicador na extremidade, por várias vezes. Repete novamente o gesto.
80	Imp	[[Não era um gancho? Uma ponta assim... fininha... é::?	Repete o gesto de AN.
81	Iab	[[Prego.	
82	AN		Faz gesto de positivo com o polegar e depois faz gesto de “pescar”.
83	Imp	Ah:: como se fosse um... uma::: ... nossa esqueci o nome, como se fosse um esPEto, né?	Estica o braço.
84	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
85	Imp	É, um espeto grande, pra vocês caça/	
86	AN		Levanta-se e faz o gesto de “pescar”.
87	Imp	Vocês pesCAvam na verdade.	Risos.

		É isso? Pescava sem vara, é isso?	Faz gesto de pescar e continua rindo.
88	AN		Senta-se e faz gesto de positivo com o polegar.
89	Imp	Nossa que lega/, só que o legal é que você já trabalhava e ganhava seu dinheiro.	
90	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
91	Imp	E gasta::va comprando ciGARro?	
92	AN		AN sorri e olha para lab.
93	Imp	E com quantos anos você parou de fuMÁ? Com quantos anos você parou de fumar?	Toca no braço de AN.
94	AN		Olha para Imp, depois olha para cima, daí aponta um dedo de cada vez e volta a olhar para cima e novamente para Imp, cruzando os braços.
95	Imp	Tenta lembrar, ou QUANdo que parou de fumar, se você não lembrar a idade... [[o que que aconteceu que você resolveu parar de fumar.	
96	AN	[[Na nã.	Passa uma mão sobre a outra, repetidas vezes(talvez tenha significado que não sabia)
97	Imp	O que que aconteceu que você resolveu NÃO voltar a fumar.	
98	AN	A:: eh *fo::i::...a:: fô a fô:: <i>adada</i> .	Aponta para o alto e para trás. Faz gesto de positivo com o polegar.
99	Imp	Foi, quando você ficou doENte?	
100	AN		Repete o gesto de positivo com o polegar.
101	Imp	É isso? Ah, quando você ficou aqui internado?	
102	AN		Repete o gesto de positivo com o polegar.
103	Imp	Ah:: daí:: ... os médico faLAram/	
104	AN	<i>ADÁ!</i>	Aponta para Imp e depois afasta os braços para os lados opostos.
105	Imp	NÃO pode mais, é?	

106	AN	Não pó...	
107	Imp	E daí tudo, cê conseguiu parar numa boa, não tem mais vontade hoje?	
108	AN	A não, a na...	Faz gesto de afastar algo.
109	Imp	Não tem vontade. O que você acha do CHEiro do cigarro?	

110	Imp	É::: ... perdi agora o que eu tava falando... o que eu tava falando?	Toca o braço de AN.
111	Iab	Cheiro de ciGARro.	
112	Imp	Ah::! O que você acha do che-cheiro de cigarro hoje, uma pessoa fumando do seu lado, o que você acha?	
113	AN	A... Nã::o:: Nã::o:::	Repete gesto de afastar algo.
114	Imp	É ruim, né? É MUIto ruim, não é? Depois que para de fumar que percebe o quanto...	
115	AN		Faz gesto de positivo com o polegar.
116	Imp	O cheiro é horrível, né?	
			(Imp propõe outro tema)

Ao compararmos a sequência dos turnos iniciais deste episódio e o seu desenrolar, poderíamos primeiramente nos questionar se AN se aproximou do seu querer dizer (*propósito discursivo*) durante a negociação dos sentidos, pois, associado ao signo gestual de mostrar todos os dedos, existe o enunciado *é dome*, que talvez pudesse significar que havia começado a fumar aos doze anos. O sujeito AN não discorda integralmente de sua interlocutora (Imp), apesar do seguinte enunciado, no turno 5: *Nã ô *fuma*, que causa certa confusão, pois ele depois concorda (fazendo o gesto de positivo com o polegar ou com a cabeça nos turnos 6 e 14), quando Imp faz referência ao fato de que ele começou a fumar aos dez anos.

Com o auxílio da análise indiciária voltamos a cada enunciado buscando pistas para interpretá-lo. Foi, certamente, no momento da análise que atentamos para indícios presentes em seus enunciados (do seu querer-dizer) que, no momento da interação, não foi possível compreender. Um exemplo é quando ele provavelmente se referia a “bituca” de cigarro (turno 65), após Imp ter perguntado o quê jogavam no parque e na lagoa.

Observamos que AN também discorda frequentemente de Imp quando esta não interpreta adequadamente o sentido que ele pretende dar ao seu enunciado, o que indica o trabalho do sujeito para chegar o mais próximo possível de seu querer-dizer. Há o

constante trabalho de ambos no processo de significação e, muitas vezes, ele se utiliza também do apoio gestual. Com a finalidade de exemplificar esse fato, rerepresentaremos a seguinte sequência de turnos, para facilitar o acompanhamento de nossas discussões:

18	Imp	Era ajuDANte... era ajuDANte... do QUÊ?	
19	AN	Aa di *vaê.	Faz gesto de positivo com o polegar. Faz gesto de varrer.
20	Imp	De pedreiro mesmo?	
21	AN		Faz gesto negativo com o indicador.
22	Imp	Não?	
23	AN	[[A::	Repete o gesto de varrer.
24	Imp	[[O que que cê pegava?	
25	AN	De *vaê, de *vaê.	Faz o gesto de varrer.
26	Imp	De vaRRER? Ah:::! Aonde?Aonde [[foi que	

Cabe aqui um esclarecimento. O interlocutor Imp, provavelmente diante da dificuldade de compreender os enunciados de AN, não entendeu o que ele havia dito no turno 17: *A:: podétu a::: a*ca:: é lá:: ó..* Imp questionou se ele havia trabalhado, quando criança, como ajudante de pedreiro porque compartilhava da informação de que sua profissão era essa, já adulto. No entanto, o processo de negociação dos sentidos para esclarecer o equívoco aconteceu de modo interessante. Vimos que, primeiro, AN apontou que havia um equívoco, ao responder de forma negativa ao questionamento de Imp. Então, retomou seu enunciado gestual e, finalmente, ao avaliar que ainda assim o sentido do que queria dizer não estava claro, retomou desta vez tanto o enunciado oral quanto o gestual. Só assim, Imp entendeu que sua função era a de varrer, que quando criança, AN tinha sido auxiliar de limpeza.

O mesmo processo pode também ser visualizado na sequência dos turnos 72 a 84. O interlocutor Imp propõe a questão sobre como e com o quê ele tirava os objetos que eram jogados na lagoa. AN responde com gestos e complementa com o enunciado *a:: pô*. Vemos que Imp entendeu que ele havia dito que era com *uma ponta*, e tenta reformular o enunciado, perguntando desta vez o quê tinha na vara. No turno 77, AN responde: *ua pô a:: u::a pô* (provavelmente: “uma ponta, uma ponta”). Em seguida, entretanto, ela pergunta se não era um gancho que ficava na ponta da vara e AN argumenta que não e, desta vez, ele mesmo reformula seu enunciado gestual, repetindo agora várias vezes, de modo enfático, os gestos que lembram o movimento de fazer uma

ponta na extremidade de um objeto. Tal recurso alternativo (gestual) ajuda a refinar o sentido do que ele queria dizer, como vemos no turno 80 de Imp: *Não era um gancho? Uma ponta assim... fininha... é::?*, enunciado com o qual AN concorda, realizando, no turno 82, o gesto de positivo com seu polegar.

Essas estratégias linguísticas – verbais e não-verbais – que vão se alternando durante a produção dos enunciados, mostram como esse sujeito faz para driblar suas dificuldades, decorrentes do quadro severo de afasia⁶⁹.

Verificamos ainda que, frente à dificuldade de ser compreendido, por vezes ele acata temporariamente o dizer do outro, talvez para não interromper a situação interlocutiva. Isso acontece, por exemplo, entre os turnos 67 e 69. No turno 67, o sujeito AN diz *A:::uãna*, que provavelmente signifique “guaraná”, o que podemos inferir pelo fato de que ele dá o *acabamento* ao enunciado anterior de Imp, no turno 66: *Bebia uma coisa e/*, antes mesmo de ela concluí-lo. Acontece, porém, que Imp, na sequência, não se apoia no enunciado anterior de AN (talvez pela dificuldade de compreensão) e ele, por sua vez, repete de modo especular o enunciado por ela proposto no turno 68: *COpo*. No turno seguinte (turno 69), ele diz: *copo [...] *gaa*, até mesmo expandindo o enunciado de Imp. Desse modo, ele traz sua contribuição, enquanto sujeito do discurso, ao promover a continuidade nesse processo de construção discursiva.

Entendemos que o apoio no enunciado do interlocutor é próprio da alternância dos parceiros na interlocução. A retomada do enunciado, de forma especular, ou de partes dele é inerente às situações dialógicas e é possível observar que todos os interlocutores – afásicos e não-afásicos – que participaram da construção desse episódio dialógico utilizaram-se desse recurso. Isso pode ser observado, novamente, por exemplo, na sequência entre os turnos 26 e 29:

26	Imp	De vaRRER? Ah:::! Aonde?Aonde [[foi que	
27	AN	[[na:: <i>taquaau</i> , a <i>taquaau</i> .	Aponta para frente.
28	Imp	TaquaRAL?	
29	Iab	Taquaral.	

Porém, cabe aqui uma ressalva. Nas situações interativas que envolvem sujeitos afásicos, como é o caso de AN e dos demais sujeitos desta pesquisa, observamos que o

⁶⁹ É importante salientar que a extensão da lesão neurológica de AN faz com que, além da afasia, apresente as características do que se costuma referir como Paralisia Cerebral (PC), no qual, como já apontamos, o comprometimento motor (global e fino) é acentuado.

uso desse recurso (a retomada especular do enunciado dos outros) é bem mais recorrente e, em geral, proporcional à severidade de uma afasia. Em outras palavras, quanto mais severa a forma de afasia, mais o sujeito busca explorar o recurso de se apoiar nos enunciados de seus interlocutores para se aproximar do seu *querer-dizer*. No caso dos sujeitos que frequentam o CCA, certamente é um dos recursos mais explorados, desenvolvidos com a proposta de interações que se pautam pelo uso efetivo da linguagem, em situações significativas.

O que parece se apresentar também de modo singular nesse episódio é que a especularidade se dá tanto nos enunciados verbais, como nos gestuais e na co-ocorrência de ambos, principalmente nos momentos em que AN sente mais dificuldade para construir seu enunciado apoiando-se apenas na oralidade.

Quanto às dificuldades de AN com os recursos da língua, precisamos sinalizar que parecem se caracterizar principalmente pela escolha do elemento linguístico (mesmo das unidades mínimas, ao nível do fonema) para compor seus enunciados. Isso pode ser exemplificado, por exemplo, no turno 11: *E::u:: *vô tabaia, e::u:: tabaiá eu tabaia*. Esses enunciados parecem indicar que AN está *buscando* o tempo verbal mais adequado para se referir ao passado (trabalhava), o qual ele ressalta com seu gesto de apontar para trás e por meio da retomada e reformulação intraturnos.

Outro indício que encontramos neste dado é o uso do recurso da repetição de parte da palavra para tentar completá-la, como vemos, por exemplo, no turno 42: *A::: mu::i::ta* (gesto de “muitos” com os dedos) *a mui::mu::i*. Mesmo após ter usado a palavra *muita*, ele mostra dificuldade para retomá-la. O alongamento de vogais, que se apresenta na maioria de seus enunciados, também parece ser um indício dessa dificuldade, apesar de também ocorrer com não-afásicos. Mais uma vez, o que indica a diferença, com relação aos enunciados de sujeitos afásicos, é a frequência de ocorrência desses recursos.

O mesmo ocorre com relação às pausas hesitativas que, de modo semelhante, são utilizadas para “ganhar tempo”⁷⁰, até que se encontre o elemento linguístico que se deseja. Elas encontram-se marcadas na nossa transcrição com o sinal de reticências (...). Novamente, nesses casos, podemos afirmar que o interlocutor (não-afásico) também utiliza esses recursos, como se observa no turno 83 de Imp: *Ah::, como se fosse um...*

⁷⁰ A lesão neurológica de AN envolve áreas corticais e sub-corticais, comprometendo o funcionamento cerebral, seja com relação às questões motoras, como aquelas de natureza linguístico/cognitivas. Há um *delay*, isto é, não se trata de uma impossibilidade, mas da necessidade de um tempo maior para a realização de uma atividade.

uma::: ...nossa *esqueci o nome*, como se fosse um *esPEto*, né?, no qual ela verbaliza a dificuldade de escolher o elemento linguístico – o que comumente referimos como “dar um branco”. De forma semelhante, encontramos as repetições e reformulações e, mais uma vez, chamamos a atenção para o que de algum modo separa o normal do patológico, com relação a essas características – a recorrência (quantitativa, segundo CANGUILHEM, 1995) desses fenômenos, nas falas dos sujeitos afásicos.

Verifica-se, ainda, que ambos os sujeitos, em alguns momentos (neste episódio, o interlocutor não-afásico mais que o afásico) usam a repetição como recurso enfático, como, por exemplo, no turno 31 de Imp: *Mas aonde? Era uma empre::sa, era uma fá::brica... era o quê?* e no turno em que AN retoma parte do enunciado de Imp para confirmar que havia muitas crianças trabalhando com ele, no turno 50: *A::: mu::i:::ta* (repete gesto de “muitos”), *mui::ta*. O fator que, provavelmente, mais prejudica a inteligibilidade da fala deste sujeito, é a dificuldade na seleção dos traços inerentes aos elementos linguísticos mais básicos, que afeta a escolha do posicionamento fonoarticulatório e compromete, assim, tanto a emissão sonora (voz) como a produção articulatória dos fonemas. Associado a isso, ressaltamos novamente, não se pode deixar de considerar a questão motora relativa à sua espasticidade, que também afeta a motricidade orofacial. O sujeito AN demonstra perceber sua dificuldade articulatória (de seleção e combinação de elementos fonemáticos), pois com exceção dos turnos 36: *Po*ZEtú*, seguido de enunciado ininteligível; turno 67: *A:::uãna*; turno 77: *ua pô a::u::a pô* e turno 106: *Não pó*, em que os enunciados apresentam-se na forma oral, todos os demais foram compostos ora apenas por gestos, ora por recursos gestuais e orais.

O signo gestual aparece, assim, como recurso alternativo, complementando ou substituindo a oralidade. Isso permite que AN preencha seus turnos e, portanto, mantenha-se de maneira dialógica como sujeito desse discurso, não interrompendo a alternância dos interlocutores nesse processo.

Saltou aos nossos olhos, durante o processo de análise do episódio, a presença constante do enunciado *A::*: antes de quase todas as palavras, geralmente no início de sua fala, mas também no interior dos enunciados, como no turno 48: *A::: muita *vei, muita* e no turno 98: *A:: eh *fo::i:: ...a:: fô a fô:::adada*. Entendemos, a partir da análise dos dados vídeo-gravados e, mais precisamente, no contato direto com AN, que não se trata de uma expressão hesitativa, mas que se constitui como mais um recurso para driblar sua dificuldade quanto à seleção dos traços dos elementos linguísticos.

Pudemos verificar que essa expressão vinha acompanhada de esforço motor e vocal. Portanto, acreditamos que AN desenvolveu essa estratégia para ganhar tempo e preparar-se para a seleção/combinção de traços para produzir o restante do enunciado, mesmo quando este é composto por uma única palavra.

Os interlocutores não-afásicos, por sua vez, percebem a estratégia e procuram com isso manter a atenção e auxiliar o sujeito AN a dizer o que deseja. O interlocutor Imp tenta retomar e/ou completar por vezes o enunciado do sujeito afásico, como vimos em diversos turnos exemplificados anteriormente.

Mas, e com relação à construção narrativa? Que podemos dizer, depois de termos analisados a produção dos enunciados de AN, no Episódio 10? Ao final de 116 turnos dialógicos, sendo metade deles produzidos por AN, pode-se concluir que há uma narrativa? O que sabemos, sobre suas experiências pessoais, que tenha sido reportado após esta situação interativa entre ele e Imp? Afinal, pelo fato de serem os enunciados do sujeito AN muito fragmentados, não havendo entre eles marcas de encadeamento temporal, poderia se argumentar que não há propriamente uma narrativa, principalmente se a análise estiver ancorada em aspectos estruturais, nos elementos que devem compor uma narrativa. Vimos, entretanto, que além de aspectos formais, há aspectos relativos à motivação para narrar, à avaliação que o narrador faz de seus propósitos discursivos e também importa a adesão do interlocutor ao projeto do narrador – se este está interessado na narrativa, se coopera para que o fato seja narrado etc (cf. HANKE, 2005). Portanto, a partir dessa visão, podemos analisar o episódio, reconhecendo algumas das características próprias do discurso narrativo.

Em termos estruturais, há, por exemplo, a marcação temporal de evento ocorrido num tempo passado, que se apresenta por meio do gesto de apontar para trás e com a flexão verbal adequada (turno 98). Os fatos reportáveis (inéditos e dignos de serem narrados) estão adequados, pois AN conta que começou a fumar muito cedo, aos dez anos de idade, e que já trabalhava com essa idade. Temos também aí os dados que nos orientam também sobre o lugar onde ele trabalhava, ou seja, há coordenadas espaciais (no parque do Taquaral), além das coordenadas temporais. O sujeito dá ainda informações sobre as personagens de sua narrativa (ele próprio e as outras crianças que trabalhavam com ele, num projeto). O encadeamento dos eventos é realizado conjuntamente, por meio das questões propostas pelo interlocutor não-afásico (Imp), a partir das informações relatadas por AN. Assim, o episódio pode ser considerado como uma forma de narrativa construída conjuntamente, com uma participação efetiva do

interlocutor não-afásico. Ao final do episódio, passamos a conhecer mais uma parte da história de vida do sujeito AN, isto é, de sua biografia, antes da afasia. Isso se deu sem que alguém que conhecesse sua história a relatasse, no lugar de AN. Portanto, ele de fato narrou um episódio.

Chamamos ainda a atenção para o fato de termos um episódio constituído por 116 turnos com um sujeito que tem uma afasia severa, com produção espontânea muito reduzida, o que valoriza ainda mais, a nosso ver, a posição discursiva do sujeito AN como narrador⁷¹.

3.4.8. Episódio 11 (sujeito AJ):

Apresentaremos aqui um recorte de um episódio maior⁷², ocorrido em 12/06/2007, em uma sessão de atendimento individual entre AJ, Ef⁷³ e Irc. O tema principal diz respeito à UNICAMP, onde AJ foi funcionário por muitos anos. Neste recorte, o subtópico discursivo relaciona-se ao logotipo e à idade/história da UNICAMP. Ef traz um texto impresso sobre o assunto, com o logotipo, que é apresentado a AJ e a partir do qual o episódio passa a ser desenvolvido.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Irc	Então qual que é o logotipo, o senhor lembra? Uma bola branca dentro das três listras ⁷⁴ .	
2	AJ	Estas três listras... conhece estas três listras?	
3	Irc	Não, o que são as três listras? Não, o que que é?	
4	AJ	Então a senhora vai aprender o que é as três listras... as três listras... as letras listras são as	

⁷¹ A esse respeito, vale mencionar que muitas vezes, no início da sessão do CCA, quando a coordenadora pergunta sobre fatos ocorridos na semana, é AN quem, com um gesto ou uma palavra, coloca na roda um tema para ser discutido ou comentado. Isso tem se dado, de fato, cada vez mais em nossas reuniões.

⁷² O episódio foi originalmente apresentado na íntegra na dissertação de Canoas-Andrade (2009).

⁷³ Ef era a estagiária do curso de Fonoaudiologia responsável pelos atendimentos individuais de AJ, juntamente com Irc.



⁷⁴ Idealizado pelo professor Zeferino Vaz e criado pelo artista plástico Max Schiefer e pelo arquiteto João Carlos Bross, na década de 1970, o logotipo da Unicamp foi desenhado a partir do Plano Diretor da universidade. O significado é o conhecimento numa forma amorfa e sem contorno. A bola branca, dentro das 13 listras que representam a bandeira paulista, é o símbolo da unidade, grande ponto de encontro de pessoal e principalmente do conhecimento humano, simbolizado pelas três circunferências vermelhas: Ciências, Exatas e Humanidades. Atuando em conjunto, essas três áreas do conhecimento irradiam-se para a coletividade, cumprindo as três funções da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. (Arquivo Central do Siarq - Fundo Zeferino Vaz) Fonte: <http://www.unicamp.br/unicamp/aunicamp/logotipo>.

		três dificuldades... as três dificuldades...	
5	Irc	Faculdades?	
6	AJ	Dificuldades... são as dificuldades para o homem analisar que ele vai plantá pensá pensá pensá e trazer coisas... pra cá... então cê vai, cê vai acontece as três listras... é o saber... é o saber... o conhecer... conhecer realmente... e:::o::: a técnica, a técnica pra se chegar.... então você... você pega a três listras....	
7	Irc	Três?	
8	Ef	São treze!	
9	AJ	Da universidade... eu tô pensando nas três listras... agora cê tá.....	
10	Irc	Aqui está escrito treze óh... Uma bola branca dentro das treze listras que representa a bandeira paulista. Vamos pegar na blusa da Aline pra gente vê... Aqui tá falando que tem treze listras.	Mostra o texto impresso. Olha para o logotipo no agasalho de Ef.
11	AJ	Aí na verdade são a::: as faculdades que... que.	Risos
12	Ef	Representam as faculdades estas listras então? Realmente iniciaram pela Unicamp pela universidade.	
13	AJ	Estas listras representam as faculdades...	
14	Ef	E as bolinhas? Eu não sei... o senhor sabe o que são estas três bolinhas, elas são vermelhas na verdade aqui elas estão da cor do agasalho...	Mostra o logotipo no seu agasalho.
15	AJ	As bolinhas são vermelhas mesmo por que elas... estariam... estariam re/realmente pra trazer...	
16	Ef	Estas bolinhas significam as áreas do conhecimento, é as áreas de humanas... exatas e biológicas.	
17	Irc	Aqui óh... tá vendo óh... é uma bolinha branca muito pequeninha? Com treze listras e três bolinhas vermelhas, o senhor lembra?	Mostra o logotipo em uma agenda.
18	AJ	Recordar estas coisas é fogo viu... vai buscá... vai buscá... nos conhecimentos nos conhecimentos... no conhecimento da::: de/de prever que ele existe... então a/aqui se você v:::vai descobrir diversas que não tem aqui na universidade, aqui na universidade não tem... você vai entender aqui... por exemplo faculdade de engenharia, por exemplo ela começou agora... há pouco tempo a::: faculdade de vamos dizer... de a:::fásicos de oh afásico e coisa e tal, então tem lá uma parte de afásico (EI) vocês bonito vocês vai ver e tal... é::: e a/a:: cada, a cada coisa que	Olha o desenho.

		vai abrindo abrindo... tanto é que você vai parecer, pode parecer uma coisa que quando você percebe... hoje quando a professora falou sobre o:::: Pinoti... sabe porque o Pinoti ele fez aqui na universidade na universidade um afásico... ele começou com afásico... ele começou com um negocim pequenim pequenim e já tá lá lá... ele começou no afásico lá... então o Pinoti é é fogo... porque o Pinoti ele qué:::: vamo dizê... ele qué ele qué buscar dentro da-da-da universidade dele atrás do conhecimento... ele vai trazer o pessoal pra isso isso e aquilo, outro vai dá o conhecimento... vai dar o conhecimento... lógico... ele não vai ele não vai fazer nem engenharia porque engenharia ele tá lá... né ?	
19	Ef	Ele acha que tomando conta das universidades ele vai adquirir o conhecimento?	
20	AJ	Então... ele pode ter o conhecimento daquela fazem que a universidade não paga... por exemplo a::::: agora ela falou há pouco tempo aí... quando você:::: você... dá um uma a a-fásico cê dá pro afásico pro...	
21	Irc	Uma aula?	
22	AJ	O afásico sem nada... pro afásico sem nada quando ela ela começa a ter noção que aquilo lá... que aquilo que ela qué... tem que se... tem que ser anotado aquilo lá... por exemplo... hoje... hoje hoje você pega s::::ai sai...da de uma fase tá... como diz a professora vou dá:: só conhecimentos pro cês hoje vou conhece todo mundo muito bem i::::sso.....	Aponta para outra sala (referindo-se à Irn, coordenadora do grupo). (Irc tosse e levanta os braços)
23	Ef	Ela lembrou... viu, seo AJ? ⁷⁵	Olha para Irc. Risos.
24	AJ	E:::: coitada... mas... então... cada... cada... conhecimento... o::: cê... vai vai aprontando até vai vai encontrar é:::: conceito... alguma coisa que cês que cês, vão dá uma coisa que vai dá certo... muita coisa vai dar certo... muito cês faz isso...	Olha para Irc.
25	Irc	E a Unicamp é uma universidade nova, né? É a mais recente que a gente tem.	
26	AJ	Se você:::: é:::: tiver permissão... não é... a Universidade nova...	
27	Irc	Quantos anos a universidade tem?	
28	AJ	A::: universidade tem... na realidade... na	

⁷⁵ A singularidade deste enunciado reside no fato revelar uma competência pragmática do sujeito AJ quando (momento anterior ao recorte) sugere que Irc levante os braços para parar de tossir.

		realidade ela começou em trinta e cinco... começou em trinta e cinco quando ela começou a mexer com é meu tempo hein? É meu tempo...	
29	Irc	Em trinta e cinco... mas quantos anos o senhor tem?	
30	AJ	Não (EI)... já começava...	Risos
31	Irc	E quando é que ela foi fundada, o senhor lembra?	
32	AJ	Ah... fundada... ela foi... ts::...em noventa::ntos e... qué vê... trinta e cinco... trinta e cinco ela... ela andou para... ela andou muitos anos...	
33	Irc	Antes de ser fundada?	
34	AJ	É... ela andou muitos anos antes de ser realmente fundada... ela tem... eu... eu vou vou lembrar o nome dela...	
35	Irc	O ano passado teve a festa... a festa dos quarenta anos... o senhor lembra?	
36	AJ	Não... aqui quarenta anos da universidade, né?	
37	Irc	Então, da universidade... é da Unicamp	
38	AJ	Da Unicamp... a Unicamp faz quarenta anos...	
39	Irc	Mas é da Unicamp que eu estou falando!	
40	AJ	A Unicamp... ela ela começa... vô te... dizer ela começa... o reitor chamado... vô chama assim... movimento de reitor... movimento de reitor... lá em mil novecentos e cinquenta e oito por aí... mil novecentos e cinquenta e oito havia mais... muito mais o::: movimento aqui do que... o movimento era (EI) greve... não o movimento era pra fundar uma universidade... em cinquenta e oito tinha... tinha muita muita gente éh::: mexido em querê a cidade de Campinas como como foco... de uma de uma faculdade... pa/pa dizer a verdade a você... aqui em Campinas... aqui em Campinas em mil novecentos e cinquenta e oito... era::: vô dizê pra você... na verdade era o <i>fuco</i> ... que vinha de São Paulo pra cá... São Paulo pegava todas a::: as coisas que pegava... era geralmente... tinha uns grandes artistas que falavam o... não... sou eu eu que s::e (EI). Então... você tinha tinha grandes médicos aqui grandes médicos aqui... em mil novecentos e cinquenta e oito foi quando começou a surgir a::: faculdade...a faculdade... começou aos cinquenta e oito... ela começou com as básicas... com as e:::u posso dizê... deixo vê... é com o:::os uns	Suspira.

		apóstolos.... na verdade quem tava surgindo coisa aqui... sabe... então cê tinha naquele tempo o::: aquele Bento Correia... Bento Correia que chamava... Beto Bento... você tinha diversos artistas aqui... e no meio de de São Paulo você não p-podia nada nada pra eles porque:::: ficava... então vo-você tem queda alguma coisa pra eles surgi... então você vai Bento ...	
--	--	--	--

Antes de mais nada, devemos retomar uma questão fundamental a respeito do sujeito AJ, que torna o seu caso bastante diferente dos demais sujeitos desta pesquisa. Trata-se de uma afasia fluente e progressiva, segundo Canoas-Andrade (2009), pois além de afasia provocada por lesão cerebral focal, AJ apresenta um quadro demencial que vem se agravando nos últimos anos. Optamos por inserir um episódio dialógico com AJ neste trabalho, justamente para mostrar que, apesar de todos os impactos da afasia e do quadro degenerativo, a atividade de narrar permite que o sujeito ainda resgate a memória de fatos vividos e os organize. Em outras palavras, a narrativa como atividade (re)organizadora de nossas experiências e de nossas memórias, uma atividade complexa que coloca em ação aspectos de múltipla natureza: social, cognitiva e linguística.

Entendemos, assim como Canoas-Andrade (2009), que as dificuldades de memória comprometem as questões envolvidas numa narrativa, como a localização dos eventos no tempo e no espaço, os nomes dos participantes (personagens), o desenvolvimento cronológico dos eventos. Fatores esses que diminuem as possibilidades de sujeitos com comprometimento semelhante ao de AJ de avançarem no desenvolvimento do tópico. Isso propicia o aparecimento de fenômenos como os circunlóquios⁷⁶ e o uso exagerado de parentéticas (estruturas que levam à ruptura ou ao desvio do tópico discursivo).

Preti (1991, p. 39) afirma que as parentéticas causam a impressão de um discurso desorganizado. Segundo o autor, “o entendimento de sua estrutura tópica depende de um ouvinte atento e com boa compreensão do contexto, uma vez que nem todos os tópicos são desenvolvidos”. Por isso, acreditamos que análises minuciosas,

⁷⁶ “Embora o circunlóquio geralmente seja citado como uma alteração de linguagem ao nível do discurso, presente especialmente nas afasias posteriores, não há praticamente referências ao termo na literatura especializada em Linguística. A compreensão do termo parece ser mais intuitiva do que respaldada pelas descrições linguísticas” (CANOAS-ANDRADE, 2009). A autora também ressalta que “o processo linguístico-cognitivo que gera o circunlóquio parece ser o mesmo na normalidade” (p. 109).

como a que propomos aqui, podem levar a uma compreensão maior dos processos envolvidos nesse discurso, a fim de que possamos colaborar e não dificultar ainda mais nosso interlocutor, em especial com comprometimento linguístico/cognitivo.

É preciso sinalizar que as características da linguagem de AJ são relativas tanto às questões linguísticas propriamente ditas, quanto a questões de ordem pragmático/discursivas. Quanto às primeiras, observamos inúmeras pausas longas, algumas reformulações, repetições, uso exagerado de estruturas parentéticas, o que leva seus enunciados a se caracterizarem como circunlóquios e digressões⁷⁷. Para dar maior visibilidade a essas questões, reproduzimos o turno 18:

18	AJ	Recordar estas coisas é fogo viu... vai buscá... vai buscá... nos conhecimentos nos conhecimentos... no conhecimento da:: de/de prever que ele existe... então a/aqui se você v:::vai descobrir diversas que não tem aqui na universidade, aqui na universidade não tem... você vai entender aqui... por exemplo faculdade de engenharia, por exemplo ela começou agora... a pouco tempo a::: faculdadede vamos dizer... de a:::fásicos de oh afásico e coisa e tal, então tem lá uma parte de afásico (EI) vocês bonito vocês vai ver e tal... é::: e a/a:: cada, a cada coisa que vai abrindo abrindo... tanto é que você vai parecer, pode parecer uma coisa que quando você percebe... hoje quando a professora falou sobre o::: Pinoti... sabe porque o Pinoti ele fez aqui na universidade na universidade um afásico... ele começou com afásico... ele começou com um negocim pequenim pequenim e já tá lá lá... ele começou no afásico lá... então o Pinoti é é fogo... porque o Pinoti ele qué::: vamo dizê... ele qué ele qué buscar dentro da-da-da universidade dele atrás do conhecimento... ele vai trazer o pessoal pra isso isso e aquilo, outro vai dá o conhecimento... vai dar o conhecimento... lógico... ele não vai ele não vai fazer nem engenharia porque engenharia ele tá lá... né ?	Olha o desenho.
----	----	--	-----------------

⁷⁷ “De forma similar ao circunlóquio, a digressão pode ser caracterizada pela presença no discurso de estruturas parentéticas que geram uma ruptura ou um desvio no tópico discursivo” (CANOAS-ANDRADE, 2009, p. 110).

Quanto às questões que envolvem a interação propriamente dita, Canoas-Andrade (2009) chama a atenção para a assimetria quanto à organização dos turnos, tanto quantitativamente (dos 102 enunciados que constituem o episódio, 65 são de AJ), quanto qualitativamente, pois são considerados pela autora como blocos monológicos e que a dificuldade principal do sujeito afásico é manter a interação de forma dialógica.

Selecionamos, para nossas análises, o trecho do episódio que se apresenta de forma mais dialógica, ou seja, em que os interlocutores buscam uma participação maior.

No início do episódio 11, observamos que a interlocutora (Irc) apresenta um dado equivocado ao discorrer sobre o logotipo da UNICAMP, pois, pergunta sobre o significado das três listras e, na verdade, são treze. Podemos inferir que esse fato pode ter contribuído para a dificuldade de AJ apresentar uma explicação. No entanto, a singularidade do dado reside na estratégia utilizada pelo sujeito afásico, o qual responde com outra questão diante da dificuldade, como vemos no turno 2: *estas três listras... conhece estas três listras?* e, como ela diz não saber, AJ complementa no turno 4: *então a senhora vai aprender o que é as três listras... as três listras... as letras listras são as três dificuldades as três dificuldades...*

Na sequência, ocorre uma negociação dos sentidos, pois Irc questiona se AJ não queria dizer “faculdades” em vez de “dificuldades”, por provavelmente supor que tratava-se de uma parafasia semântica. O sujeito afásico, então, esclarece no turno 6: *dificuldades... são as dificuldades para o homem analisar que ele vai plantá pensá pensá pensá e trazer coisas... pra cá... então cê vai cê vai acontece as três listras... é o saber... é o saber, o conhecer... conhecer realmente... e::: o::: a técnica a técnica pra se chegar... então você... você pega a três listras...*

Várias questões são reveladas nesses enunciados de AJ. À primeira vista, poderíamos achar que ele apenas deu continuidade ao enunciado anterior, desconsiderando o de seu interlocutor, como acontece com certa frequência. Porém, temos indícios do contrário, quando ele retoma o tema “faculdades”, no turno 11: *Aí na verdade são a::: as faculdades que... que.*

Levantamos a mesma questão proposta por Canoas-Andrade (2009) a respeito de o sujeito AJ estar se referindo às três áreas do saber – Ciências Exatas, Humanas e Biológicas (representadas no logotipo pelas três bolinhas vermelhas) –, quando diz: *é o saber... é o saber, o conhecer... conhecer realmente... e::: o::: a técnica a técnica pra se chegar...* Ainda podemos identificar neste enunciado que as interlocutoras do sujeito afásico não chegam a perceber que o dado incorreto foi apresentado por Irc, já que,

quando AJ diz: *you peg a três listras...* elas passam a corrigi-lo, como vemos nos seguintes turnos: 7, de Irc: *Três?* E turno 8, de Ef: *São treze*.

É preciso ressaltar outro indício revelador da percepção de suas próprias dificuldades, que aparece quando AJ diz: [...] *you vai entender aqui... por exemplo faculdade de engenharia, por exemplo ela começou agora...[...]*. Normalmente, recorremos ao recurso de exemplificar algo, quando avaliamos que o interlocutor não está conseguindo dar um acabamento ao nosso enunciado. Os sentidos do que o sujeito afásico quer dizer permanecem meio que à deriva e se mostra, por exemplo, na escolha das expressões: “*e coisa e tal*”; “*já tá lá lá...*”; “*pra isso isso e aquilo*”, como se ele perdesse o “fio da meada”. Mesmo assim, observamos que ele preenche seu turno, ou seja, se mantém na interlocução. Por outro lado, ressaltamos que todas essas são pistas do que ainda se mostra preservado, de sua busca para contornar as dificuldades.

Observa-se, no turno 18, que o sujeito AJ vai mudando de tópicos, inserindo parte de enunciados ou tópicos anteriores, ele repete parte do que havia falado utilizando-se muito pouco, ou melhor, de modo pouco eficiente, da sinalização necessária para que os sentidos do que quer dizer possam ser mantidos no discurso (por exemplo, com expressões do tipo: “*voltando ao assunto anterior*”; “*mudando de assunto*”). Quase não se encontra o encadeamento dos eventos.

Como vimos, o sujeito AJ, enquanto narrador principal, constroi uma narrativa fragmentada como reflexo de sua dificuldade de memória, já que, no seu caso a afasia apresenta-se associada a um quadro demencial. A título de exemplo, reproduzimos a seguinte sequência de turnos:

31	Irc	E quando é que ela foi fundada o senhor lembra?
32	AJ	Ah... fundada... ela foi... tss... em novece::ntos e... qué vê... trinta e cinco... trinta e cinco ela... ela andou para... ela andou muitos anos...
33	Irc	Antes de ser fundada?
34	AJ	É... ela andou muitos anos antes de ser realmente fundada... ela tem... eu... eu vou vou lembrar o nome dela...

O que acontece depois é que sua interlocutora questiona sobre a data por ele apresentada, propondo uma relação entre a idade da universidade e a do sujeito AJ para tentar auxiliá-lo na reorganização dos fatos. A estratégia parece surtir efeito, pois ele

apresenta outra data mais próxima da real, quando Irc revela que o aniversário de 40 anos da UNICAMP havia acontecido no ano anterior.

Verificamos no turno 40 que, quando AJ retorna à história da universidade, instaura-se uma confusão, que ele desfaz sozinho. Ao tentar contar que havia um movimento para fundá-la, ele inicialmente refere-se a um “movimento de reitores” e posteriormente “de greve”, temas discutidos em momento anterior, até que, por fim, parece conseguir dizer o que queria. Em seguida, AJ acaba por apresentar uma grande parentética ao procurar contextualizar a época a que se refere e, narra que em 1958 buscava-se transformar Campinas em um foco universitário. De repente, ele passa a falar que havia muitos médicos na cidade, depois volta ao tema da fundação da então faculdade, apresentando dados como: *ela começou com ao básicas*, talvez querendo dizer com os cursos básicos ou com o ciclo básico. Logo em seguida, ele perdeu novamente o “fio da meada”, e/ou talvez que não tenha conseguido encontrar as palavras certas, o que pode ser identificado quando ele diz: *posso dizê.... deixo vê ...* É preciso ressaltar, mais uma vez, que essa expressão *deixo vê*, assim como o enunciado no turno 34: *eu vou vou lembrar o nome dela*, são reveladoras da (re)organização de sua linguagem e memórias (lembranças) dos eventos, como apontou também Beilke (2009, BEILKE & NOVAES-PINTO, 2010).

O mesmo se dá no episódio narrativo de AJ. Ele conseguiu relacionar eventos de sua experiência do passado com outras do presente, como o tema da greve na universidade por motivos salariais, que havia sido discutido recentemente na sessão em grupo, por se tratar de um evento atual, isto é, que realmente estava acontecendo naquela época.

O que parece diferenciar sua narrativa daquelas produzidas pelos demais sujeitos é o fato de encontrarmos menos indícios de sua preocupação em se aproximar do seu querer-dizer, evidenciado nos outros episódios apresentados. Além disso, vemos que, quando existe a participação mais efetiva de seu interlocutor, AJ consegue dar continuidade ao seu discurso, ou desenvolver parcialmente um tema, porém o efeito parece ser insuficiente e durar pouco. Esses dados podem corroborar nossa hipótese de que nas demências, como a questão principal esteja fortemente ligada à dificuldade de memória, parece que o intuito do que o sujeito queria contar perde-se. Aliado a isso, não podemos deixar de mencionar o fato de que ele ainda carrega os demais impactos linguísticos de sua afasia, como a dificuldade de encontrar palavras, por exemplo, o que compromete ainda mais seu discurso.

3.5. Algumas inferências sobre as afasias a partir da análise das narrativas

Apenas com o objetivo de fecharmos este capítulo, gostaríamos de apresentar algumas considerações gerais sobre as narrativas e, mais especificamente, sobre questões que se manifestam como recorrentes nas análises dos nossos episódios.

A primeira delas diz respeito à nossa escolha pela narrativa como um *método* produtivo e eficiente para provocar a emergência dos enunciados dos nossos sujeitos, a fim de analisar não só os impactos das afasias na sua linguagem, mas principalmente enfatizando suas estratégias criativas desenvolvidas para contornar as dificuldades; um lugar de (re)organização dos processos linguístico/cognitivos.

A segunda questão concerne à opção pela análise indiciária (GINZBURG, 1986/1989) e dialógica (GÓES, 2000), de cunho qualitativo, coerentes com nossos pressupostos teóricos. Esse paradigma nos respalda quanto ao fato de impor às análises um rigor necessário, mas, ao mesmo tempo, “flexível” (GINZBURG, 1986/1989), aliando a intuição na busca de dados singulares, idiossincráticos (descartados na pesquisa quantitativa), numa postura de “imersão” no processo (SIMMONS-MACKIE & DAMICO, 1999). Vale novamente ressaltar que muitas de nossas observações e inferências foram possibilitadas pela convivência de longo tempo com os sujeitos afásicos no CCA e pela participação nas interações que constituem os nossos episódios o que, associado à introspecção, trouxe como resultado não só uma descrição, mas também, esperamos, uma compreensão dos problemas aos quais nos dedicamos nesta tese.

Esta abordagem metodológica apresenta-se como uma perspectiva para a investigação da constituição de sujeitos, a qual só pode ser concebida no âmbito dos processos intersubjetivos e das práticas sociais e, portanto, nos episódios dialógicos de narrativas. Camargo, a esse respeito, afirma que:

A análise do sentido que permanece oculto, ou subentendido, que acaba sendo revelado por pequenas pistas ou detalhes (GINZBURG, 1991) nas interlocuções. São essas pistas que possibilitam tecermos e amarrarmos os sentidos, elaborando o fio condutor do texto que está sendo construído (2010, p. 5).

A busca pelos indícios, pistas e sinais nos enunciados de cada episódio permitiu que, enquanto investigadores – e terapeutas, como expressa Coudry (1986/1988) –

podéssemos apurar nossa sensibilidade e atenção para compreender melhor como cada sujeito afásico produz e interpreta sentidos.

Quanto às questões mais recorrentes em nossas análises, destaca-se, de forma marcante, a dificuldade para encontrar/selecionar palavras, independentemente do tipo de afasia. Mesmo naquelas consideradas mais “fluentes”, quando isso ocorre, todos os outros níveis se mostram impactados, gerando enunciados truncados, tradicionalmente chamados de “anacolutos”, repletos de marcas hesitativas (evidenciadas por prolongamentos de vogais, pausas longas, associados ao uso de expressões como “ah”, “éh”) – que evidenciam a presença de operações epilinguísticas. Quando comparados aos não-afásicos, a recorrência desses fenômenos é muito maior nas falas dos sujeitos afásicos.

Nota-se, também, a presença constante de expressões cristalizadas (*num sei, num consigo, eu num consigo falar*) que revelam, também, a frustração dos sujeitos por não conseguirem alcançar seu querer-dizer. Podemos tomar como exemplo o sujeito JM, que deixa evidente sua frustração e mostra-se irritado frente às dificuldades para narrar, assumindo por vezes a postura de desistir ou de solicitar (muitas vezes sem nem mesmo tentar) que o outro fale por ele, assim como MA. De modo contrário, vemos que CS e SR recorrem o tempo todo a estratégias para driblar suas dificuldades. Há, ainda, aqueles como GS e TN que, mesmo dispondo de recursos expressivos verbais mais restritos (quando comparados aos enunciados produzidos por JM e MA) não perdem a oportunidade de participar de modo ativo das situações interlocutivas.

Os indícios das dificuldades – hesitações frequentes, apoio nos enunciados dos outros, repetições e reformulações, dentre outros processos recorrentes – podem tanto revelar os impactos da afasia no funcionamento da linguagem, quanto o trabalho que realizam com aquilo que ainda está preservado. Isso nos alerta para o cuidado necessário, quando analisamos dados de sujeitos afásicos, de não tomar qualquer produção como indício da patologia.

Os dados também sinalizaram que quanto mais severa a forma de afasia, mais o sujeito busca explorar o recurso de se apoiar nos enunciados de seus interlocutores para se aproximar do seu querer-dizer. Considerando-se que a linguagem é, por natureza, incompleta, indeterminada, sabemos que a afasia torna essa condição ainda mais incompleta, mais indeterminada, o que demanda do interlocutor do sujeito afásico que lhe dê um tempo maior para que possa (ou, ao menos, tente) dizer o que deseja.

Outra constatação, semelhante à encontrada em nosso trabalho anterior com crianças (CAZAROTTI-PACHECO, 2006), diz respeito à recorrência a signos gestuais como recurso alternativo, complementando ou substituindo a oralidade. Em alguns casos, como o de TN e GS, os enunciados são constituídos predominantemente por signos não-verbais.

Não podemos deixar de retomar a questão da fluência, devido à estreita relação com a construção do discurso narrativo. De forma semelhante, parece que quando o sujeito dispõe de mais recursos expressivos, mais possibilidades tem de contar sua história – como nos episódios com os sujeitos CS, SR e MG. Em suas narrativas são mais evidentes os *elementos* de sua composição, tal como apresentados por Labov & Waletzky (1967). Nos episódios narrativos com sujeitos não-fluentes (GS e OJ, por exemplo), encontramos também muitos desses elementos, o que não descaracteriza, a nosso ver, o fato de se constituírem como narrativas.

A relação entre fluência e produção narrativa parece estar também relacionada à postura assumida pelo sujeito, ao modo como a lesão neurológica impactou a vida de cada um (por exemplo, no caso de MA, artista plástica premiada, bastante independente e como se diz, “com muita opinião”) e como lidam com este impacto, ou seja, baseada em uma visão de mundo e sistema de valores singulares.

Observamos, no transcorrer de nossas análises, que a avaliação de forma *externa* (cf. LABOV, 1972) – a qual parece se apresentar com certa frequência relacionada à argumentação – é a mais impactada conforme o tipo/grau de afasia, já que é extremamente dependente dos recursos linguísticos disponíveis e, de forma inversa, a avaliação de forma *encaixada* é a mais presente no discurso dos sujeitos afásicos. Esses recursos dão, como apontamos em vários momentos, o colorido necessário à manifestação da subjetividade, por meio das ênfases entonacionais, expressões que revelam surpresa, discordância, concordância, interesse etc.

Vimos em nossas análises que não é possível ou produtivo tentarmos fazer uma correlação direta entre os achados topográficos das imagens dos exames neurológicos de cada sujeito dessa pesquisa, ou ainda segundo a “classificação” de sua afasia, e suas produções narrativas. Como apontamos, os sujeitos são únicos e, sendo assim, a forma de encarar os impactos sobre a linguagem e como superá-los (contorná-los) para dizer o que se quer é do mesmo modo singular. O estudo de Canoas-Andrade (2009) a respeito do sujeito AJ exemplifica brilhantemente a capacidade renovadora do sistema cerebral

complexo e como ele resiste enquanto sujeito linguístico, contrariando os resultados dos exames por imagem computadorizada cerebral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dispúnhamos e dispomos de certas técnicas de escuta, mas não sabemos com precisão que toque, que palavra, que gesto produziu o encontro com outro toque, outra palavra, outro gesto, e na faísca deste encontro escreveu em sulcos no ar uma outra imagem, uma terceira palavra capaz de criar uma compreensão, exigir um investimento intelectual e desencadear este encanto que é o pensamento. Pensar exige liberdade. Pensar exige silêncios e vazios. E terá valido a pena pensar, mesmo que o pensado se esvaia no momento mesmo de sua emergência (GERALDI, 2010, p. 100).

Esta tese nos proporcionou, recorrendo às palavras de Geraldi, o encanto do pensar. Trazemos, neste momento, nossas reflexões finais – impregnadas de palavras de Outros – por um “enquanto”, antes de se perder em outros pensamentos que, inevitavelmente, alimentarão futuras reflexões, como tão bem sintetiza Cunha:

As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se difícil separar o vivido do que está por viver. Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito (CUNHA, 1997, p. 4).

Nossos dados evidenciaram o discurso narrativo como um lugar privilegiado para a reorganização linguístico/cognitiva, para a manifestação da subjetividade dos afásicos e ainda para eliciar os episódios que se constituem, nesta tese, como nossos dados que, por sua vez, permitem compreendermos melhor os impactos das afasias no uso efetivo da linguagem. Ao mesmo tempo, os episódios dialógicos se revelaram como um espaço de reflexão sobre as soluções criativas dos sujeitos para driblar suas dificuldades e lidarem com os sentidos da linguagem. Também constatamos que por meio da narrativa os sujeitos com afasia (mesmo nos casos mais graves) passam a ter *vez* e *voz*, o que possibilita que exerçam seu papel de sujeitos ativos nos círculos sociais dos quais fazem parte.

O CCA, que se tornou para esses sujeitos um desses círculos, tem como uma de suas funções não apenas fazer com que os afásicos compreendam acerca de suas afasias (suas dificuldades, limites e possibilidades), mas que também estejam cientes de seus direitos como sujeito linguístico/narrador. Isso faz com que não desistam de dizer o que

querem/precisam, de expressar seu querer-dizer, mas busquem alternativas, independente das restrições linguísticas.

É preciso enfatizar que os resultados desta pesquisa corroboram que centrar nossa atenção apenas na patologia, nas áreas cerebrais afetadas e na descrição dos sinais e das síndromes não contribui para realmente conhecermos como a afasia impactou a linguagem⁷⁸ e a vida de cada sujeito e nem para direcionar nosso planejamento e conduta terapêuticos. De modo algum estamos querendo negar as questões orgânicas da lesão neurológica. Entendemos, no entanto, que é preciso deslocar este foco (orgânico) para as possibilidades que são apresentadas na relação do sujeito afásico com o *outro* (interlocutor), pois nossa subjetividade e a própria linguagem não se constituem ou se (re)constroem sozinhas, mas na/em relação com o outro. Abordamos, no início desta tese, questões acerca da interação com os sujeitos afásicos e, mais especificamente, sobre as suas narrativas. Perguntamos: Quem interage com os sujeitos afásicos? Quem se interessa por suas narrativas? Os onze episódios analisados revelam que no espaço do CCA – que privilegia o sujeito e a construção dos sentidos – todos se interessam pela história de cada um, o que cria as condições necessárias e desejáveis para que todos sejam narradores, graças à postura dos interlocutores que dão sucessivos acabamentos aos enunciados dos afásicos. Essa cooperação na construção conjunta dos enunciados é fundamental nas atividades desenvolvidas.

Os resultados da presente tese vem corroborar a afirmação, a qual viemos apontando ao longo de sua construção (em nossos estudos anteriores e de outros colegas, produzidos no interior do GELEP), de que a narrativa se revela como o discurso que mais resiste nas afasias; . É importante esclarecermos que, fundamentados na concepção de linguagem como prática dialógica e constitutiva da subjetividade (cf. BAKHTIN), consideramos aqui que a narrativa, assim como todo e qualquer discurso, é construída na interlocução.

Ainda gostaríamos de evidenciar que todo enunciado é composto de signos – verbais, não-verbais e inclusive silêncios. Segundo este ponto de vista, podemos concluir que todos os sujeitos afásicos que participaram desta pesquisa produziram uma narrativa, embora com especificidades em relação a sua forma (aos componentes de sua estrutura) e à participação – mais ativa ou não. Encontramos nas narrativas relatos de experiências passadas, fatos que consideraram relevantes para compartilhar. Enquanto

⁷⁸ Concebemos a linguagem, com base nos pressupostos sócio-histórico-culturais, como reguladora das demais atividades cognitivas e sociais.

narram – não apenas para interlocutores não-afásicos, mas para outros sujeitos com dificuldades semelhantes – os afásicos passam a conhecer/perceber melhor suas próprias dificuldades e ainda buscam superá-las valendo-se das pistas dadas pelos outros sujeitos, reorganizam seu querer-dizer e suas memórias (lembranças) e continuam se constituindo como sujeitos sociais e de linguagem

Outro ponto (apresentado no Prefácio), ao qual gostaríamos de voltar diz respeito às angústias e inquietações sobre o acompanhamento terapêutico de sujeitos com afasia, os quais nos aproximaram da Neurolinguística com enfoque enunciativo-discursivo. Felizmente, esse encontro já vem sendo apontado em outros estudos realizados por colegas da área da Fonoaudiologia há algum tempo, dentre os quais podemos citar os de Fedosse (2008); Ishara (2008) e Canoas-Andrade (2009), cujos frutos podem ser sintetizados nas seguintes palavras de Fedosse:

Vale ressaltar que se o fonoaudiólogo não tiver subjacente ao seu trabalho as teorias da ND [Neurolinguística Discursiva], ele pode permanecer alheio às necessidades dos sujeitos e a uma infinita e produtiva possibilidade de trabalho, no processo de resgate das funções comprometidas pela lesão cerebral (FEDOSSE, 2008, p. 135).

Prosseguindo em diálogo com a autora, podemos dizer que também nos sentimos transformados após termos sido “tocados” por essa perspectiva e, deste modo, passamos a privilegiar, em nosso ambiente terapêutico fonoaudiológico, os sujeitos afásicos e não suas afasias. Inspiramo-nos ainda no pensamento de Sacks (1997), segundo o qual: “Quando atendo uma pessoa, fico pensando nela e ela me parece a mais interessante do mundo” (p. 9).

Grande parte da formação em Fonoaudiologia ainda se encontra presa somente às influências médicas/biológicas/diagnósticas (concernentes aos primórdios do seu nascimento como ciência) e, com isso, os profissionais acabam por se sentir paralisados, desmotivados, impotentes em sua atuação, principalmente diante de sujeitos com lesões neurológicas. Entendemos que, talvez, esse possa ser um dos motivos de alguns médicos (felizmente não todos) apresentarem o diagnóstico de afasia como algo fatídico, isto é, “sem saída”, “sem nada que possa ser feito”.

Normalmente, o que nos parece estranho causa certo desconforto e receio. Por exemplo, o receio de não conseguir compreender o que um afásico quer dizer, como se a negociação dos sentidos não fosse inerente às situações dialógicas. O interlocutor sem comprometimento de linguagem precisa, na verdade, vencer tais barreiras, concentrar-se

realmente no sujeito e não apenas em sua afasia, em suas dificuldades. Ele deve ter uma postura de real interesse pelo que o outro quer dizer, retomando, assim, seu papel de parceiro na interlocução, que certamente será mais ativo, porque o verdadeiro parceiro é aquele que está atento e busca perceber os momentos em que se faz necessária sua atuação, na alternância de turnos, própria a toda interlocução. Mais uma vez, citando Fedosse:

[...] reconhecer a linguagem verbal como atividade/trabalho que participa da regulação de todas as atividades cognitivas/psíquicas e sociais, e conseguir explicitar tal condição para as pessoas envolvidas no processo terapêutico (o sujeito e os outros com quem convive) favorece imensamente o curso da recuperação do sujeito afásico. Em outras palavras, se houver compreensão de que a linguagem tem potencial criativo e que este potencial além de se refletir nela também se reflete nas outras formas da ação do sujeito afásico, a interação dele com ele mesmo e com os outros sujeitos com quem convive será favorecida e, assim, as possibilidades de recuperação ampliadas (FEDOSSE, 2008, p. 170).

Nossa responsabilidade enquanto interlocutores “qualificados” (BEILKE, 2009) ou “privilegiados”,⁷⁹ (FEDOSSE, 2008) é participar mais ativamente durante a interlocução com o sujeito afásico para que ele possa se aproximar do seu querer-dizer, como *reais parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN). Por vezes, esse papel é esquecido (ou deixado de lado) quando, no ambiente terapêutico fonoaudiológico ou em outras situações, nos encontramos frente aos sujeitos com algum comprometimento linguístico. Por que assumir uma atitude diferente da habitual? Uma explicação possível seria o desconhecimento das reais potencialidades/possibilidades desses sujeitos.

Apontamos, ao longo do trabalho, que o sujeito com afasia necessita de um tempo maior para exprimir o que deseja, por isso, seu interlocutor/terapeuta precisa estar atento a este fato e também assumir sempre uma postura ética, o que nos leva de volta às concepções bakhtinianas, tão bem sintetizadas nas reflexões de Ponzio (2008, 2010). Este autor explicita que a revolução bakhtiniana consiste no “dar um tempo ao outro”, deslocando a centralização do eu para a centralização do outro. Novaes-Pinto (2012d) considera que a maior contribuição de Ponzio seja a de trazer o pensamento bakhtiniano para os problemas atuais, com o conceito ético da escuta, da arte de escutar, enfatizando nossa responsabilidade em dar um passo, em ir adiante, assumindo a

⁷⁹ Segundo Fedosse: “[...] o investigador/terapeuta se caracteriza como interlocutor privilegiado, pois tem um certo saber sobre a linguagem, e como tal, pode (e deve) buscar a partilha de conhecimentos – condição essencial para o desenvolvimento dos processos de avaliação e de acompanhamento longitudinal (clínico – médico ou terapêutico) de sujeitos afásicos” (2008, p. 47).

responsabilidade por nossos atos, a uma relação não-indiferente, de se colocar “disponível ao outro”.

Gostaríamos de encerrar nossas considerações com a seguinte afirmação de Lyon, que sintetiza o modo como entendemos a relação entre a teorização e a prática clínica: “clinical constructions and solutions will not endure – no matter how good, valid or accurate – unless the living of life is measurably and decisively better for those who we treat” (1999, p. 689).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S. ; MAYRINK-SABISON, M. L. Em busca de pistas. In: _____ (Org.), *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 13-36.

ARTUZO G. de K.; PANHOCA, I. Análise da narratividade de pessoas com doença de alzheimer: os “plot points” e o efeito deles sobre o discurso narrativo. In: *ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA PUC-CAMPINAS*, XIV, 2009. Anais do... Campinas, 2009. ISSN 1982-0178. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.com.br/>. Acesso em: 29/06/2011.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahude; Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2010a.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2010b.

BAMBERG, M. (Ed). Oral versions of personal experience: three decades of narrative analysis: Introductory note. *Journal of narrative and life history*, Special issue, Lawrence Erlbaum Associates, v. 7, n.1-4, 1997.

BARCIA-GOMES, Purificación. *O método terapêutico de Sheraazade: mil e uma histórias de loucura, desejo e cura*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Tradução de M^a Zélia B. Pinto. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BEILKE, H. M. B. *Linguagem e memória na doença de Alzheimer: contribuições da Neurolinguística para a avaliação de linguagem*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BEILKE, H. M. B.; NOVAES-PINTO, R. C. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das “memórias” por meio de práticas dialógicas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 557-567, mai./ago. 2010. ISSN: 1413-0939.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política : ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, [1985]1994.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, n. 18, Chicago: The Universit of Chicago, p. 1-21, 1991. Disponível em: <http://semiotika.ee/sygiskool/tekstid/bruner.pdf>. Acesso em: 01/03/2012.

CÂMARA, A.G.T. da. *Entre jornalismo, literatura e ciências: potencialidades para a divulgação científica*. Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.mc.unicamp.br/redepop2011/trabalhos/400.pdf> . Acesso em: 01/11/2011.

CAMARGO, E. A. A. Era uma Vez o Contar Histórias em Crianças com Síndrome de Down. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

_____. *O desenvolvimento da linguagem narrativa de crianças com atraso de linguagem*: possibilidades na clínica fonoaudiológica e nos espaços escolares. Relatório de Pós-doutorado apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

CANOAS-ANDRADE, R. *Questões Neuropsicológicas e Neurolinguísticas de uma afasia fluente e progressiva*: inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CASSAB, L. A. História Oral: miúdas considerações para a pesquisa em serviço social. *Serviço Social em Revista*. Londrina, v. 5, n. 2, jan./jun. 2003.

CASTILHO, A. T; PRETI, D. (Org.). A língua falada culta na cidade de São Paulo. II- Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.

CAZAROTTI-PACHECO, M. *Um estudo da narrativa de crianças com atraso global de desenvolvimento*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

CAZAROTTI-PACHECO, M.; NOVAES-PINTO, R. C. Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 568-577, mar./ago. 2010. ISSN 14130939. Disponível em: <http://www.gel.org.br>. Acesso em: 02/10/2011.

_____. Compreendendo a linguagem do sujeito afásico SR por meio de sua narrativa In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VII, 2011, Curitiba. *ANAIS do...*, 2011, v.1, p. 3298 – 3308. Disponível em: <http://www.abralin.org/>. Acesso em: 02/10/2011.

COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso*: discurso e afasia. São Paulo: Martins fontes, [1986]1988.

_____. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 99-129, jan./jun. 2002.

_____. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v.6, n. 2, dez. 2008, p. 9-38.

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista Faculdade Educação*, São Paulo, v.23, n.1-2, jan./dez. 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>. Acesso em: 05/02/2012.

CRUZ, R. S. *Walter Benjamin: o valor da narração e o papel do justo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DAMASCENO, B. P. Demencia de Alzheimer. Medial Master. In: *Anais de atualização médica*, Campinas, v. 4, p.39- 44, 2000.

DAMICO, J. S. et al. Qualitative methods in aphasia research: basic issues. *Aphasiology*, London, v. 13, n. 9-11, p. 651- 665, ago. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/026870399401786>. Acesso em: 08/08/2011.

EWALD, F. G. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas* - Dossiê: oralidade, memória e escrita. Porto Alegre, PPG-LET-UFRGS, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008.

FEDOSSE, E. *Processos alternativos de significação de um poeta afásico*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FIAD, R.S. (Re)escrita e estilo. In: ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S. ; MAYRINK-SABISON, M. L. (Org.), *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de letras, 2007, p. 155-173.

FRANCHI, C. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. 1977. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1977.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992.

FREITAS, M.T. (2010). No fluxo dos enunciados, um convite à pesquisa. In: FREITAS, M.T.; RAMOS, B. (Org.), *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Juiz de Fora, 2010. ISBN 978-85-7672-092-8.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. *Ciência & Educação*. Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2003.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, [1990]1997.

_____. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GINZBURG, C. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, U.; SEBOK, T. A. (Org.). *O signo de três*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983, p. 89-129.

_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Caritti. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1986]1989.

GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural : uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, Relações de ensino: análises na perspectiva histórico-cultural, Campinas, n. 50, p. 9-25, 2000.

HANKE, M. Narrativas orais: formas e funções. *Contracampo*, Niterói, v.9, p. 117-125, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/>. Acesso em: 15/03/2012.

HYVÄRINEN, M. Towards a conceptual history of narrative. In: Hyvärinen, M.; KORHONEN, A.; MYKKÄNEN, J. (Eds.), *The Travelling Concept of Narrative Studies across Disciplines in the Humanities and Social Sciences*. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2006, p. 20–41.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. In: LEMLE, M. e LEITE, Y. (Org.). *Novas perspectivas lingüísticas*, Petrópolis: Ed. Vozes Limitada, [1955]1970. p. 43-54.

_____. *Lingüística e Poética. Lingüística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [1960]1981.

_____. Dois aspectos da linguagem e duas formas de afasia. In: *Lingüística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, 1982.

JOHNSTONE, B. Discourse analysis and narrative. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (Eds.), *Handbook of discourse analysis*. Malden, MA, 2004. p. 635-649.

KEARNS, K. Qualitative research methods in aphasia: a welcome addition. *Aphasiology*, London, v. 13, n. 9-11, p. 649-650, ago. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/026870399401786>. Acesso em: 08/08/2011.

KLEPPA, L. A. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem* ou “Eu e você? Diferente.” 2008. Tese ((Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the Inner City*. Philadelphia, 1972, p. 354-396.

_____. Some Further Steps in Narrative Analysis. *The Journal of Narrative and Life History*. Special issue , Lawrence Erlbaum Associates, v. 7, n.1-4, , 1997.

_____. Uncovering the event structure of narrative. *Georgetown University Round Table on languages and linguistics*, Washington D.C, p. 63-83, 2001.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.), *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle, 1967. p. 12-44.

LYON, J.G. A commentary on qualitative research in aphasia. *Aphasiology*, London, v. 13, n. 9-11, p. 689-690, ago. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/026870399401786>. Acesso em: 08/08/2011.

MICELLI, G. Disorders of single Word processing. *Journal of Neurology*, n. 248, 2001, p. 658-664.

MIOTELLO, V. *Um mito amazônico em narrativas de roda: repetição e mudança nos processos enunciativos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

MORATO, E. M. (Org.). *Sobre as afasias e os afásicos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

MORATO, E. M.; COUDRY, M. I. H. Processos enunciativo-discursivos e patologia da linguagem: algumas questões lingüísticos-cognitivas. *Cadernos Cedes*. Campinas, n. 24, p. 76-89. 2000.

NANDIN, T. L. C. Estudo de caso de um sujeito com afasia motora eferente na perspectiva da Neurolinguística Discursiva. *Língua, Literatura e Ensino*. Campinas, v. 4, maio de 2009. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/lle/search/advancedResults>. Acesso em: 28/03/2012.

NIELSON, K. *Narratives from the crib*. Cambridge, MA, 1989.

NOGUCHI, M.S. *A Linguagem na doença de Alzheimer: Considerações sobre um modelo de funcionamento Lingüístico*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

NOVAES-PINTO, R. C. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992.

_____. A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

_____. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje: Linguagem e cognição – interfaces entre Linguística, Psicologia e Neurociências*. Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012a. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/>. Acesso em: 01/03/2012.

_____. A social cultural-approach to aphasia: contributions from the work developed at a center for aphasic subjects. In: TAN, Ü. (Ed.), *Latest Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research*, Croatia, 2012b, p. 219-244. Também disponível em: <http://www.intechopen.com/articles/show/title/a-social-cultural-approach-to-aphasia-contributions-from-the-work-developed-at-a-center-for-aphasic>-Acesso em: 01/03/2012.

_____. *Bakhtinian ethics in the light of contemporary problems: Ponzio and The Art of Listening*. Texto produzido em homenagem ao 70o. Aniversário do Prof. Augusto Ponzio, 2012c. Inédito.

_____. O conceito de fluência nos estudos das afasias, *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 54, n. 1, 2012d. No prelo.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. *Avesso do Avesso: Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. Disponível em www.scielo.br/prc. Acesso em: 02/10/2011.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai./ago. 2006

PERRONI, M. C. *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PINHEIRO, R.; FERRAZ, C. Contribuições benjaminianas para melhor compreender a relação entre ciência e literatura: apontamentos introdutórios. *Perspectiva Geográfica*, Bogotá, v. 4, n. 20, fev. 2011. ISSN: 01233769.

PONZIO, A. *A Revolução Bakhtiniana* [The Bakhtinian revolution]. São Carlos: Editora Contexto, 2008.

_____. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

PRIETO, H. *Quer ouvir uma história?*- as primeiras narrativas orais. São Paulo: Angra, 1999.

PORTER, R. Expressando sua enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. In: BURKE, P.; PORTER, R. *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

RIESSMAN, C. *Narrative analysis*. California: Sage, 1993.

SACKS, O. Roda Viva – Entrevista com Oliver Sacks em 15/12/1997. Disponível em: www.rodaviva.fapesp.br/materia/.../entrevistados/oliver_sacks. Acesso em: 19/04/2012.

SAMARA, A.B. *O discurso narrativo na doença de Alzheimer e na demência fronto-temporal*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Médicas), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

SAMPAIO, N. F. S. Centro de Convivência de Afásicos: Uma abordagem etnográfica da afasia. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 75-83, mai./ago. 2008. ISSN 14130939.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos: O seminário sobre aquisição de linguagem*, Campinas, n. 29, p. 163-184, jul.-dez. 1995.

_____. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Org.) *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. SP: EDUC, v. 1, p. 161-180, 2006.

SIMMONS-MACKIE, N.; DAMICO, J. S. Qualitative methods in aphasia research: ethnography. *Aphasiology*, London, v. 13, n. 9-11, p. 681-687, ago. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/026870399401786>. Acesso em: 08/08/2011.

SPINILLO, A.G. O uso de coesivos por crianças com diferentes níveis de domínio de um esquema narrativo. In: DIAS, M. G.; SPINILLO, A. G. (Org.), *Tópicos em Psicologia Cognitiva*. Recife: UFPE, 1996, p. 84-119.

SUASSUNA, L. *Linguagem como Discurso: implicações para as práticas de avaliação*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 6 ed., 6 tiragem. São Paulo: Martins Fontes, [1984]2003.